

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Tiago Dóbos de Moraes

**Nietzsche e a Rebelião Escrava do
Ocidente**

Mestrado em Filosofia

**São Paulo
2010**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Tiago Dóbos de Moraes


**Nietzsche e a Rebelião Escrava do
Ocidente**

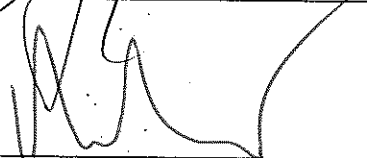
MESTRADO EM FILOSOFIA

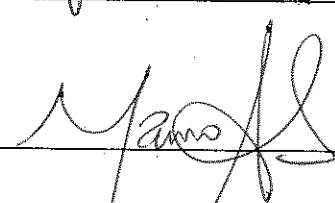
**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de
MESTRE em Filosofia sob a
orientação do Prof^o. Doutor Peter
Pál Pelbárt**

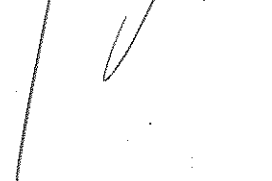
**SÃO PAULO
2010**

Banca Examinadora









Aos meus pais Carlos e Lucia

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Peter Pál Pelbárt pela orientação.

Ao CNPq pela bolsa concedida

Aos Professores Doutores Yolanda Glória Gamboa Muñoz e Marcelo Perine pelas cuidadosas observações feitas na minha qualificação.

Ao Professor Edélcio Gonçalves de Sousa pela amabilidade com que sempre me recebeu.

A Siméia, profissional competente e repleta de boa vontade.

Resumo

Esta dissertação se concentra em explicitar o movimento denominado por Nietzsche de “*Rebelião Escrava da Moral*”, travado ao longo da história do mundo ocidental, e que teve como figuras marcantes os difusores do Cristianismo. Pretendemos elucidar que a dita “*Rebelião...*”, apresentada pela interpretação nietzschiana, reverteu o mundo trazendo e aticando todos os sintomas de fraqueza humana, o que se torna claro em seus ataques mais intensos, redigidos em *A Genealogia da Moral* e *O Anticristo*. Tais contornos de fragilidade se agrupam em torno do conceito moral de *Bom e Mau*, concentrando-se na mensagem exposta pelo Cristianismo. Este trabalho pretende focar a passagem do modo de valoração de quando havia força, saúde no mundo, representado pelo *Bom e Ruim*, para o modo de valoração degenerativa do *Bom e Mau*. Há aqui a preocupação em mostrar a crítica de Nietzsche como uma vontade de poder posta para destruir a égide da moral vitoriosa, a do *Bom e Mau*, enfatizando, a todo instante, o juízo consensual de que não há, na própria obra de Nietzsche, um rompimento total da necessidade e da importância de uma moral— o que seria, inclusive, uma distorção horrenda da filosofia nietzschiana —, e, sim, o objetivo de possibilitar novos moldes morais, dessa vez não mais degenerativos.

Palavras-chave: moral, rebelião escrava do ocidente, ressentimento, vontade de poder.

Abstract

This thesis focuses on explaining the movement called by Nietzsche as “*Slave Revolt in Morality*”, engages throughout the history of the western world, whose remarkable figures were the propagators of Christianity. We intend to elucidate that the said “*Revolt...*”, presented by the Nietzschean interpretation, reversed the world bringing and stirring all the symptoms of the human weakness, which becomes clear in his most intense attacks, written in *The Genealogy of Morals* and *The Antichrist*. Such outlines of fragility are grouped around the moral concept of *Good and Bad*, focused on the message displayed by Christianity. This paper aims to address the shift of the valuation form when there was strength, health in the world, represented by *Good and Mean*, to the degenerative valuation form of *Good and Evil*. In this case there is the concern with showing the Nietzsche's criticism as a will of power used to destroy the aegis of the winning moral, that of the *Good and Evil*, as a will of power used to destroy the aegis of the winning moral, that of the *Good and Evil*, constantly emphasizing the consensual judgment that there isn't in Nietzsche's own work a total disruption of the need and importance of a moral - what would be even an awful distortion of the Nietzschean philosophy -, but the purpose to allow new moral forms moral, this time no longer degenerative.

Keywords: moral, slave rebellion of the West, resentment, power drive.

Lista de Siglas

AU/M - Aurora

AC/AC - O Anticristo

CI/GD - Crepúsculo dos Ídolos

ABM/JGB - Além do Bem e do Mal

GC/FW - A Gaia Ciência

EH/EH - Ecce Homo

GM/GM - Genealogia da Moral

MA/HHII – Humano Demasiado Humano I

MAIII/HHII – Humano Demasiado Humano II

Sumário

Introdução	10
<hr/>	
Capítulo 1 - Os Primeiros Tempos	
1.1 - Notas Preliminares sobre Genealogia. A Herkunft e a Negação da Ursprung	27
1.2 - A Concepção da Vontade de Poder como Negação do Ser	32
1.3 - O Formato da <i>Genealogia da Moral</i>	37
1.4 - O Surgimento Social e da Moral	41
1.5 - Os Primeiros Sinais: Os indivíduos Soberanos e o Apaziguamento do Sistema Coercitivo	48
1.6 - O Surgimento dos deuses	54
1.7- <i>Bom e Ruim</i> (Gut und Schlecht) do Passado. Um Modelo Parcial: A Inocência, O Desbravar e a Crueldade	57
1.8- <i>Bom e Ruim</i> – Crítica e Análise de Elementos Proveitosos para o <i>querer-poder</i> nietzschiano	62
<hr/>	
Capítulo 2 - A Rebelião Escrava da Moral	
2.1 A Incitação do Cristianismo	71
2.2 - Paulo: O Precursor e o Missionário; Os Mártires	79
<hr/>	
Capítulo 3 - A Vitória do " <i>Bom e Mau</i> " (Gut und Böse)	
3.1 - O Surgir do Ressentimento	86
3.2 - A Figura do Escravo	89
3.3 - Uma Filosofia para o Futuro	97
<hr/>	
Conclusão	112
Bibliografia	114
<hr/>	

Introdução

Embora não exista, dentre as muitas interpretações da obra de Friedrich Nietzsche, uma única que possa ser considerada incontestável quanto ao entendimento das ideias do filósofo, cada um de seus estudiosos assume o mérito de o haver compreendido tal como ele próprio desejava sê-lo. Atualmente, há, por um lado, a aceitação de que é possível entender o filósofo de diferentes maneiras e, por outro, o consenso de não interpretá-lo distorcidamente, como se fez ao longo do século XX, confundindo seu pensamento e suas aspirações com aspirações idênticas ou similares aos experimentos políticos e sociais que culminaram no nazismo. O próprio Nietzsche manifestava-se enfática e claramente sobre essa questão.

Mazzimo Montinari, autor essencial quando se trata de refutar as distorções interpretativas da obra de Nietzsche, afirma que o pensamento do filósofo nunca teve a preferência dos nazistas, fundamentando-se no trabalho de um jovem estudioso alemão, Hans Langreder, cuja dissertação, defendida em 1970 na Universidade de Kiel, tinha como título *A presença de Nietzsche no Terceiro Reich*. Com base nas ideias apresentadas por Langreder, Montinari elaborou o artigo *Interpretações Nazistas* sobre a matéria.

*Assim, entre os ideólogos do nacional-socialismo, portanto, havia alguns que procuravam incorporá-lo à sua concepção de mundo, outros para os quais o incômodo, cosmopolita, individualista e impolítico Nietzsche permanecia totalmente inaceitável, outros ainda que procuravam um tipo de mediação entre estas duas posições.*¹ Mas Mazzimo Montinari é bastante enfático quando diz que *é igualmente impossível falar seriamente, desde que se permaneça no terreno sólido da história, de uma real assimilação de Nietzsche, como ele realmente foi e*

¹ Montinari, Mazzimo – *Interpretações Nazistas* In *Cadernos Nietzsche* 7, Pág.58.

*pensou, por parte do nacional-socialismo.*² Esses são apenas alguns exemplos que constam no artigo, visto que */.../ seria uma tarefa interminável, caso quiséssemos citar os trechos inumeráveis nos quais Nietzsche ataca a teoria das raças, o mito da raça ariana, e, em particular, polemiza com o antissemitismo.*³

O artigo menciona, inclusive, a resposta dada por Nietzsche, no dia 29 de março de 1887, a um antissemita chamado Theodor Fritsch, atacando-o como um grande deturpador do ensinamento de Zaratustra. Mais adiante, o próprio Fritsch viu em Nietzsche, por meio da leitura de *Além do Bem e do Mal*, um defensor dos judeus e “corrompido” por estes. O aforismo seguinte mostra as razões.

*Mas os judeus são, sem qualquer dúvida, a raça mais forte, mais tenaz e mais pura que atualmente vive na Europa; eles sabem se impor mesmo nas piores condições (até mais que nas favoráveis), mercê de virtudes que hoje se prefere rotular de vícios – graças, antes de tudo, a um a fé resoluta /.../ o que eles desejam e anseiam, com insistência quase importuna, é serem absorvidos e assimilados na Europa, pela Europa, querem finalmente se tornar estabelecidos, admitidos, respeitados em algum lugar, pondo um fim à sua vida nômade, ao judeu “errante” -, esse ímpeto e pendor) que talvez já indique um abrandamento dos instintos judaicos) deveria ser considerado em bem acolhido: para isso talvez fosse útil e razoável dos país os agitadores antissemitas.expulsar do país os agitadores antissemitas*⁴.

Segundo Langreder, a deturpação do pensamento de Nietzsche feita pelos nazistas, mesmo com a relutância de membros do partido de Hitler, foi levada a cabo por um homem chamado Alfred Bäumler. Devido ao fim dos direitos autorais e à compilação adulterada dos textos póstumos feita por Elizabeth Förster Nietzsche, a obra de Nietzsche estava desprotegida e sofreu, segundo a referência de Thomas Mann presente no artigo de Montinari, uma “politização germânica”. A produção de Bäumler coincidiu, como foi dito, com o final dos

² Idem.Ibidem. Pág. 56

³ Idem. Ibidem. Pág. 57

⁴ *ABM/JGB*, Povos e Pátrias, § 251, Pág. 159. Tradução de Paulo César de Souza.

direitos autorais, que, naquela época, duravam cerca de trinta anos. No âmago dos ensejos de Bäumler está a inclinação de converter Nietzsche em um produto derivado de uma outra obra, esta sim com grande identificação nazista, *O Mito do Século XX*, de Lindenberg, na qual Nietzsche é posto lado a lado na condição de precursor do nazismo, estando /.../ *na companhia bastante discutível de Paul de Lagarde (que foi profundamente desprezado pelo Nietzsche autêntico, quero dizer, pelo Nietzsche pós-wagneriano) e de Houston Stewart Chamberlain (o qual era certamente e com plena legitimidade enumerado entre os seus precursores, mas que, por sua vez, sempre havia combatido Nietzsche a partir de um ponto de vista wagnerianobayreuthiano e racista)*⁵.

A interpretação de Bäumler, dentre outros erros, não reconhece, nas obras publicadas por Nietzsche, a presença de suas aspirações filosóficas, de sua filosofia propriamente dita, ao contrário do que diz Montinari: *Os manuscritos de Nietzsche, lidos segundo a sua sucessão cronológica, fornecem uma representação autêntica, praticamente sem lacunas, da sua produção e das suas intenções. Os fragmentos póstumos, publicados segundo a sua cronologia nos manuscritos, encontram-se em uma relação de esclarecimento e de complemento no que se refere às obras terminadas.*⁶

Para Bäumler, Nietzsche não teve contato com um dos críticos mais ferozes de toda e qualquer teoria radical do causalismo, da concepção mecanicista da física em geral: Ernest Mach. Porém Nietzsche muito provavelmente teve contato com esse autor e há, em suas obras, uma crítica ao reducionismo da realidade em mero materialismo. A interpretação de Bäumler também despreza a existência do conhecimento fundamental do eterno retorno, ainda que os planos de Nietzsche fossem os de explicitar esse conceito mais adiante em sua carreira filosófica, o que acabou não acontecendo.

⁵ Montinari, Mazzimo – *Interpretações Nazistas* In *Cadernos Nietzsche* 7, Pág.56.

⁶ Idem. *Ibidem*, Pág. 65.

Os erros de Bäumler poderiam, portanto, /.../ *ser multiplicados à vontade.*⁷

Assim, Mazzino Montinari termina o seu artigo com uma importante e elucidativa conclusão: a de que *os Bäumler (e também os Lukács) e todos aqueles que mutilaram “ideologicamente” Nietzsche fizeram isto por sua conta e não precisaram “ser iludidos” pela irmã mais do que octogenária. Compreender o pensamento de Nietzsche e interpretá-lo sem deformações ideológicas era possível mesmo sob o “império” de Foster- Nietzsche em Weimar*⁸.

Como respaldo dessa tese, Montinari lembra que, ao mesmo tempo em que as deturpações levadas a cabo por Bäumler eram publicadas, outras interpretações dignas de respeito e valiosas até hoje chegavam ao grande público, como ocorre com Jaspers e Löwith.

*Com efeito, ainda que justamente naquele momento se estivessem formando as interpretações filosóficas de Nietzsche por parte de Karl Jaspers e de Karl Löwith, interpretações que conservam ainda hoje o seu valor (pelo que de modo algum havia necessidade de um Bäumler para que Nietzsche fosse “levado a sério” como filósofo) /.../*⁹

Se a ideia de considerar a filosofia de Nietzsche como uma atitude de transgressão, similar aos pressupostos políticos e ideológicos que dominaram o cenário do século XX, cai por terra, as diferentes interpretações de seu pensamento, ao contrário, reclamam, cada uma, o seu espaço. Karl Löwith defende a tese de que a leitura de Nietzsche não aponta para grandes dificuldades quanto a captar o âmago de seu pensamento e de suas pretensões, uma vez que os textos publicados passaram por um balanço do próprio autor. Assim, o filósofo sempre esteve preocupado com a exposição, possível de ser apreendida, de suas ideias, como mostra o balanço de sua autobiografia intelectual: *Ecce Homo*.

Há quem observe contradições no pensamento de Nietzsche, já outros oscilam em considerar o termo *fisiologia* ora como um conceito inerente aos

⁷ Idem. Ibidem. Pág. 68

⁸ Idem. Ibidem. Pág. 74

⁹ Idem. Ibidem. Pág. 61

ataques contra a linguagem, ora como fruto das reflexões acerca da biologia. Há quem busque uma conciliação entre essas duas perspectivas. E há quem demonstre a recusa de relacionar o termo *fisiologia* com a biologia por causa da apropriação indevida do pensamento nietzschiano por parte da ideologia nazista: *Barbara Stiegler, numa perspectiva bastante interessante, considera que as reticências dos comentadores em levar a sério os elementos biológicos do pensamento de Nietzsche, preferindo considerá-los como metáforas, se deve ao envolvimento histórico do pensamento de Nietzsche com o “biologismo” da ideologia nazista.*¹⁰

Valiosa é a contribuição de Wolfgang Müller-Lauter, que distingue três usos para o termo *fisiologia*: 1) o referente ao conhecimento da biologia; 2) a qualificação somática dos sujeitos e 3) a transposição do somático para o inorgânico. Como interpretação: *Wolfgang Müller-Lauter, por sua vez, distingue pelo menos três usos do termo na obra de Nietzsche: o primeiro é aquele utilizado pelas ciências da época, com o qual Nietzsche estava familiarizado por meio de suas inúmeras leituras sobre o assunto; o segundo, onde o fisiológico é “o que determina de modo somático (e por isso fundamental) os homens”; o terceiro, mais propriamente filosófico, reúne fisiologia e interpretação, na medida em que os processos fisiológicos são considerados como a “luta dos quanta de potência que ‘interpretam’”.*¹¹

Com esses cuidados em mente, esta dissertação pretende elucidar o tema correspondente, tendo consciência da existência de múltiplas interpretações sobre Nietzsche.

Como alicerce desta tarefa, mais uma vez busca-se o artigo de Montinari para pressupor que *os manuscritos de Nietzsche, lidos segundo a sua sucessão cronológica, fornecem uma representação autêntica, praticamente sem lacunas, da sua produção e das suas intenções. Os fragmentos póstumos, publicados segundo a*

¹⁰ Chaves, Ernani - *Considerações sobre o ator: uma introdução ao projeto nietzschiano da fisiologia da arte*, In *Transformação*. Nº 30. 2007.

¹¹ Idem. *Ibidem*.

*sua cronologia nos manuscritos, encontram-se em uma relação de esclarecimento e de complemento no que se refere às obras terminadas.*¹²

Esta dissertação, assim sendo, concentra-se nos textos críticos, mas, idêntico ao que diz Montinari, a visão tende a considerar os póstumos, compreendidos como complemento e dotados da função de esclarecer ainda mais o conteúdo das obras publicadas.

Segundo Nietzsche, o ser humano europeu do século XIX vivia uma situação de amargura e fraqueza diante da própria vida e da interação com os outros indivíduos. Faltavam-lhe as forças mais vitais para sair da apatia e celebrar um culto à vida. Analisando esse tempo dentro de seu espaço de observação, Nietzsche procurará modificar a maneira comportamental do homem, chamando-o a intervir em sua própria existência e nas condições de planejamento de seu mundo. O termo homem abrange tanto os tipos mais decepcionantes, degenerados, debilitados, que estão presentes, em maior número, na fase do apogeu cristão, quanto os casos mais desvencilhados em relação a essas características. Isso porque, como veremos nesta dissertação, esses casos mais felizes não representaram um modelo primoroso de sujeito e, assim, não se excluem das críticas nietzschianas, mas também não deixam de ter pontos de referência que os posicionem acima dos primeiros e os quais hão de servir como provas, porque são modelos da possibilidade de superação desse mesmo tipo homem, principalmente em seu lado mais degenerado.

A problemática da moral¹³, apresentada por Nietzsche, é a consolidação da forma de valorização *Bom e Mau*, que é a vitória do movimento chamado por Nietzsche de "*Rebelião Escrava da Moral*". A crítica do filósofo remete-se a dois

¹² Ibidem.

¹³ Embora a palavra moral possa, segundo as normas da escrita, ser redigida como substantivo próprio, por representar um conceito de grande significado e amplitude, tomou-se a liberdade de adequar a forma de escrever da palavra moral com letra minúscula, por melhor representar a natureza da crítica nietzschiana, uma vez que a própria maneira de escrever, como um recurso de linguagem, enquadra-se como fator relevante para a propagação da mensagem em questão, seja ela de culto, seja ela de crítica consciente das limitações da própria linguagem, como sugere Nietzsche.

questos: a degenerescência resultante da forma de valorizar *Bom e Mau* e o alto grau de impregnação dessa visão deformada, degenerativa, no comportamento humano, classificando-o como doente, repleto de estímulos de vingança, de ataque contra a vida, pois não havia como transformar a dor em motivação de contínua superação, para atingir, assim, a própria condição de quem não se distingue da vida, de quem se enxerga como parte da vida terrena.

Não havia, na época de Nietzsche, a predominância de um conjunto de valores propícios para a elevação do homem. A moral do *Bom e Mau* atingia o seu objetivo: não dava ao homem uma estrutura de fortaleza capaz de enfrentar a vida, campo de intermináveis conflitos, de contínuos problemas que se voltavam contra si mesmos.

O homem não era favorecido, em termos de fortaleza, pela moral do *Bom e Mau* por esta ser originária da doença¹⁴, o que, conseqüentemente, prejudicava a sua condução frente à vida, verdadeiro campo de batalha dotado de uma série de obstáculos postos para minar a vontade de superação diante de um mundo conflituoso. Assim, a integridade física e psicológica das pessoas tornava-as doentes, escravas, e impedia a transformação de todas as dores, de todas as torturas e dos sofrimentos em engrandecimento para mais sede de vida, somente possível por meio da moral do *Bom e Ruim*, que visa a saúde, e não ao enfraquecimento e ao desestímulo entendido como doença.

Em outras palavras, o homem não conseguia superar os obstáculos da vida, a sua moralidade não lhe dava força nem preparo para manter-se firme, porque ela não participava dos dois quesitos existentes intermediados pelos ditos preceitos básicos que Nietzsche tanto releva: uma forma de valoração distinta da tradição do Ocidente e a vida. A deformação significa inversão da valoração saudável, digna, elevada, que estaria predominante e aceita se não houvesse tal deformação. A grande maioria, portanto, era composta pelos Escravos.

*Tudo está invertido: os escravos chamam-se senhores, os fracos chamam-se fortes, a baixaza chama-se nobreza. Diz-se que alguém é forte e nobre porque ele carrega: carrega o peso dos valores “superiores”, sente-se responsável. Mesmo a vida, sobretudo a vida é difícil de suportar.*¹⁵

A moral, portanto, deveria servir para a elevação do homem, a fim de superá-lo, e não para o seu enfraquecimento. Ao contrário de uma moral condizente com os dois fatores (ser elevado e vida), Nietzsche presenciava a frenética e constante deturpação da vida em todas as ações morais, em todos os valores.

E não havia consciência dessa problemática, porque todos estavam tão impregnados pela moral de decadência que não havia condições para enxergar essa debilidade nos atos dos demais.

*As avaliações estão de tal modo deformadas que já não sabemos ver que o carregador é um escravo, que o que ele carrega é uma escravatura, que o carregador é um carregador-fraco – o contrário de um criador, de um dançarino. Porque, na verdade, só carregamos a força da fraqueza, só nos fazemos carregar à vontade de nada.*¹⁶

Acreditavam, dessa forma, estar fazendo o certo para si e para os outros, garantindo, com a prática assídua dessa moral degenerativa, a sustentabilidade da ordem social, na qual indivíduo e sociedade seriam os beneficiários, mas não existia o fundamental: *o dizer sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e*

¹⁵ Gilles Deleuze. *Nietzsche*. Pág. 25. Edições 70.

Obs.: No momento certo, explicitaremos esses dois conceitos. O Senhor no Capítulo 1 e o Escravo no Capítulo 3. Por hora, devemos identificar o Senhor como forte, alguém que ama a vida, e o Escravo como fraco, alguém que a denigra.

¹⁶ Idem. *Ibidem*

*estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos.*¹⁷

A grande maioria das pessoas seguia os preceitos morais degenerativos sem ter consciência de que eles partiam de um corpo doente, por realmente acreditarem na validade real de seus valores para a obtenção das garantias de continuidade de uma situação social segura, isto é, valia-se das “garantias” oferecidas pela moral, em detrimento de uma maior segurança perante os riscos naturais, capazes de aparecer em todo lugar, a qualquer momento e sob infinitas formas. A crença em uma *relação existente entre mundos*, que assume uma condição arbitrária, necessária, também obscurecia a visão de todos e impedia a conscientização das deformações da moral que era relevada. E, por estarem bastante “presas” nesses valores retrógrados, as pessoas se deixavam conduzir por eles sem questionamentos, acreditando no retorno favorável de seus atos morais (deformados) em relação à vida.

Escassas eram, na época de Nietzsche, as pessoas, pouco ou muito, desvencilhadas da moral de decadência, e muitas eram as que se deixavam guiar por ela, na expectativa de colher proveitos favoráveis para si, mas o resultado era desfavorável. Isso também ocorria porque os valores morais eram tidos como eternos pelo europeu de seu tempo, que acreditava em um status de primazia inextinguível dos mesmos ao longo do tempo, existentes “desde sempre” e advindos de uma origem divina, isto é, de Deus, quando não há, segundo Nietzsche, outro criador para os valores morais senão o próprio homem.

Contra isso é erguida uma dupla muralha: primeiro a revelação, a afirmativa de que a razão dessas leis não é de procedência humana, não foi buscada e achada lentamente e com muitos erros, e sim, tendo origem divina, é inteira, perfeita, sem história, uma dádiva, um prodígio, simplesmente comunicada... Depois a tradição, a

¹⁷ GD/CI, O que devo aos antigos. § 5, Pág. 106

*afirmativa de que a lei existe desde tempos imemoriais, de que pô-la em dúvida é algo ímpio, um crime contra os antepassados.*¹⁸

A impregnação dos valores morais, considerados eternos, impedia a conscientização, por parte do homem, de seus males degenerativos, os quais, por sua vez, anulavam seu senso crítico e um outro olhar mais aguçado para o próprio homem e para os efeitos desencadeados em si mesmo pelo rigor com que era seguida a moral contraditória. Graças à total impregnação da moral no homem, isto é, graças à constante condução das ações por meio da moral, não se percebia o erro, a deformação.

Muito se julgou e condenou até hoje onde faltava o conhecimento, p. ex., sobre bruxas; ou no caso da astrologia. Muito “julgamento com a melhor das consciências” acabou se revelando injusto. Será que não poderia ser assim também com “bom” e “mau”, já que a fundamentação até agora não incluía nenhuma crítica em si – só se concordava.
/.../¹⁹

É a partir dessa crença “espiritualizada” que as pessoas serão observadas. Até então, pelo sistema aceito e pelo julgamento costumeiro, tendo a moral como critério, o ser humano era considerado virtuoso ou não de acordo com a manutenção dos valores de uma moral deformada e negativa para a vida, cujos efeitos advindos de suas prescrições só aparentemente eram positivos.

Aliás, nessa moral degenerativa, existem algumas concordâncias com o que o senso da moral, oriundo da saúde, nos diz para fazer (o que pode ser utilizado como argumento para a sua defesa e legitimação). É decorrente da moral degenerativa que a condição fisiológica, psicológica, a interpretação da vida e o modo de ser diante dela sofrem uma alteração degenerativa, até mesmo

¹⁸ AC/AC § 57. Pág. 70. Tradução de Paulo César de Souza.

¹⁹ NF/FP 26[110]. Verão-outono de 1884. In: *Fragmentos do Espólio*, p. 147.

quando são seguidos preceitos morais que, se partissem de uma outra moral, estariam coesos.

É importante notar a crítica nietzschiana fundamentalmente à moral degenerativa como um todo, e como esse todo consegue, até nas ações concordantes com os preceitos de uma moral elevada, destituir a validade desses atos, por incitá-los de um modo bastante desfavorável em relação aos seus falsos beneficiários. Não se parte de um ponto inicial oriundo da saúde e da fortaleza, parte-se do inverso, e o resultado é deformado, ou seja, ocorre a degeneração, porque não se age em separado da moral, pelo contrário, todos os atos morais dificilmente se desassociam do efeito propiciado pela sua fonte de ação: a moral correspondente, a do *Bom e Mau*.

“Não furtarás! Não matarás!” – essas palavras, outrora, diziam-se sagradas; diante delas, dobravam-se os joelhos e a cabeça e tiravam-se os calçados.

*Mas eu vos pergunto: onde houve no mundo, algum dia, ladrões e assassinos melhores do que essas sagradas palavras.*²⁰

A filosofia nietzschiana, portanto, no que concerne à problemática da moral, não deve ser vista como um ataque feroz à existência da moral (como muitos pensam), mas sim, como uma estrutura construída com o propósito de redirecionar a moral para o seu objeto.

*/... /Não nego, como é evidente – a menos que eu seja um tolo-, que muitas ações consideradas imorais devem ser evitadas e combatidas; do mesmo modo, que muitas consideradas morais devem ser praticadas e promovidas – mas acho que, num caso e no outro, por razões outras que as de até agora. Temos que aprender a pensar de outra forma – para enfim, talvez bem mais tarde, alcançar ainda mais: sentir de outra forma. /.../*²¹

²⁰ Za/ZA III, Das Velhas e Novas Tábuas. § 10. Pág. 208.

²¹ AUM, 2º Livro, Pág. 75. Tradução de Paulo César de Souza.

O intento de Nietzsche era criticar a moral do Escravo, a moral do *Bom e Mau* e o estado geral, originário dessa forma de valorizá-la, de lamentação, de repúdio à vida, em que imperam os pessimistas, os cansados, os desgostosos, os ressentidos, enfim, todos os fracos, pois tudo isso causava no próprio Nietzsche grande aversão.

*Pois assim é: o apequenamento e nivelamento do homem europeu encerra o nosso grande perigo, pois esta visão cansa... Hoje nada vemos que queira tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor”.*²²

Esses indivíduos, os fracos, mais do que o resultado de uma moral de decadência, eram *o poder, o motor*, para prosseguir a deteriorar a condição humana, pois, uma vez impregnada a situação desfavorável, era por meio dele mesmo (do homem) que a moral do *Bom e Mau* conseguia se manter firme. Trata-se da concepção de uma vontade de poder que atingiu a sua vitória, perpetuando o seu domínio em cada ato, em cada gesto, em cada interpretação homogênea presente na sucessão dos subsequentes atos morais, enquanto efetivação de suas aspirações de origem. Trata-se da vitória das aspirações morais judaico-cristãs, que se configuraram como a face do Ocidente nos tempos seguintes da *“Rebelião Escrava da Moral”*.

Assim, é correto entender a crítica de Nietzsche não apenas como justaposta ao momento que dá vida às suas palavras contra o Ocidente degenerado mas também como uma aspiração para o revigoramento do mundo, que passa, sim, pela crítica, mas não se detém nela: *Também a Nietzsche o que importa é não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo*²³. As palavras de

²² GM/GM, I, § 12, Pág. 35. Tradução de Paulo César de Souza.

²³ Müller-Lauter, W- A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche. Pág. 135.

Nietzsche buscam uma efetivação, anseiam pelo domínio, pois a sua vitória significará o estabelecimento da força, da restituição da inocência e do devir como o único sustentáculo da “realidade”²⁴, destruindo os vínculos metafísicos, a partir de seu trabalho genealógico. A inocência do *querer-poder*²⁵ de Nietzsche, revestida pela negação da metafísica, aproxima-se em muito do pensamento de Heráclito, pois se trata da predominância da valoração superior, ativa, que desemboca na afirmação entusiástica da vida como um jogo móvel, como um fenômeno estético, como puro movimento. A vida, no pensamento de Heráclito, é afirmada com insistência.

*Heráclito é aquele para quem a vida é radicalmente inocente e justa. Compreende a existência a partir de um instinto de jogo, faz da existência um fenômeno estético, não um fenômeno moral ou religioso /.../ Heráclito negou a dualidade dos mundos, “negou o próprio ser”. Mais ainda: fez do devir uma afirmação. Ora, é preciso refletir demoradamente para compreender o que é que significa fazer do devir uma afirmação. Sem dúvida equivale a dizer, em primeiro lugar: só existe o devir.*²⁶

As palavras de Nietzsche, portanto, também significam uma vontade de poder, que quer se emancipar, anseia pelo domínio.

/.../ que o próprio engajamento de Nietzsche é por uma determinada forma de vontade de poder/.../, que o procedimento de Nietzsche no campo da moral também

²⁴ Embora Nietzsche não pretenda associar ao devir o status de doutrina, de elemento, de *Ser*, e sim como interpretação.

*corresponde a uma determinada forma de vontade de poder, que também quer a si mesma e procura expandir suas condições de domínio e impor às outras sua interpretação.*²⁷

Esta dissertação de mestrado está dividida em três capítulos, os quais estão ordenados a partir de uma divisão temporal que remete à deflagração ao longo dos tempos do Ocidente, da “*Rebelião Escrava da Moral*”. Considerando que a dita *Rebelião*, também definida como “*Rebelião Escrava do Ocidente*”, significou um levante moral que culminou na situação de mediocridade vivida por Nietzsche, caracterizada ainda pela supremacia da fraqueza e da incapacidade de inventar contornos elevados a todas as esferas do mundo, teremos como meta explicitar como esse processo alavancou a moral do *Bom e Mau* para um domínio de supremacia. Fará parte da nossa tarefa adentrar no bojo dessa moral de tibieza e nos fatores de seu crescimento.

. Nesses capítulos estarão as ferramentas para a compreensão do objetivo deste trabalho. A dissertação está dividida segundo o desenvolvimento da incidência desse movimento, para situar, justamente, cada fase desse processo temporal ao seu momento histórico, possibilitando, assim, a visualização do processo em si, em sua totalidade cronológica.

O Capítulo 1, *Os Primeiros Tempos*, explicita o surgimento da moral, fato correlacionado ao apogeu do estabelecimento do homem como ser social, ainda do ponto de vista geral, livre das amarras de amarguras em sua relação com a vida e alheio, em termos de um domínio constituído por uma vontade de poder, ao modo valorativo do *Bom e Mau*. Esse trecho tem como fundamentação teórica a 2ª Dissertação da *Genealogia da Moral*, pois é nela em que o olhar do genealogista se concentra ao explicar o surgimento da moral social e os modos de valoração baseados nos sujeitos que são os tipos comportamentais existentes e subsequentes ao que se toma como valioso: *Senhor e Escravo*. O foco será

²⁷ Paschoal, E - “A Dinâmica da Vontade de Poder como Proposição Moral nos Escritos de Nietzsche”, 2º Capítulo, Pág. 73.

voltado a avaliar a figura do Senhor com o intuito de elucidar as suas características e ver quais são de grande valia para o *querer-poder* nietzschiano. No referido capítulo, o Senhor, como um tipo comportamental igualmente presente ao longo da história do Ocidente, será analisado como alguém que se diferencia qualitativamente do seu oposto, o Escravo. Tal diferenciação serve como um modelo parcial do que Nietzsche tem em mente para o seu projeto de transvaloração e como prova de que o poder de atribuir uma condição comportamental e social está circunscrito unicamente ao jogo de forças, às forças concebidas como ações. Dessa forma, não existem entraves de outra ordem que impeçam a remodelação do mundo através do revigoramento da moral.

O Capítulo 2, “*A Rebelião Escrava da Moral*”, tem como foco o Cristianismo, por ter alavancado a “*Rebelião...*” e sua vitória sobre o modo de valorar típico do homem europeu. Nietzsche sempre esteve próximo do Cristianismo, não apenas como um europeu mas como um homem cuja família era bastante ligada a essa doutrina e que fazia questão de mantê-la viva nos domínios do lar, no qual o jovem Nietzsche crescia, em seus tempos de estudante em Schulpforta, onde ingressou em 1858. O contato com a teologia cristã se manteve, e isso lhe proporcionou um aprendizado sobre o tema.

*Durante os seus dias na escola e seus primeiros trabalhos, Nietzsche também adquiriu suas primeiras percepções teológicas e conhecimento. Já em Schulpforta ele foi introduzido a uma leitura crítica das Escrituras e a uma discussão das doutrinas do Cristianismo, especialmente as clássicas provas da existência de Deus /.../*²⁸.

Assim, mesmo nos momentos em que a sua fé já havia caído por terra havia muito tempo, o filósofo alemão nunca deixou de consultar os Evangelhos

²⁸ Salaquarda, Jörg – Nietzsche and the judaeo-Christian tradition in *The Cambridge Companion to Nietzsche*, Pág. 94. “During his school days and his early studies, Nietzsche also gained his first theological insights and knowledge. Already in Schulpforta he was introduced to a critical reading of Scripture and to a philosophical discussion of Christian doctrines, especially of the classical proofs for Gods existence /.../”

para fundamentar os seus ataques contra as doutrinas presentes neles, tamanha era a atenção que dedicava ao Cristianismo como o principal alvo a ser considerado.

*Ele nunca cessou de procurar citações e expressões, e ao menos uma vez ele parece ter reeleito extensas partes das Escrituras para preparar os seus ataques contra o Cristianismo em seus últimos trabalhos.*²⁹ Dentro da ótica do Cristianismo, serão levantados os fatores responsáveis pela revolta que se seguiu.

O Capítulo 3, *A Vitória do Bom e Mau – Gut und Böse*, é voltado para a definição do que Nietzsche chama de Escravo. Retoma-se a 2ª Dissertação com o intuito de dar mais ênfase à aparição do Escravo e, neste mesmo capítulo, define-se melhor esse conceito. Logo ficará claro que a degenerescência dessa figura decadente, por ser uma falta fisiológica, mantém a mesma classificação ao longo dos tempos, ou seja, ainda que haja concentração em uma época de consolidação de sua figura, o retorno para os tempos longínquos, visualizado na *Genealogia da Moral*, não significa se deparar com uma transformação em sua estrutura fisiológica e psicológica, em seus atos, em sua pessoa como um todo.

Esta dissertação terá, em seu âmago, o Cristianismo, contudo é conveniente deixar claro que a crítica de Nietzsche não se restringe unicamente aos dogmas morais cristãos e aos seus efeitos, os quais têm como base uma vontade de poder, por sua vez alicerçada em princípios teológicos, metafísicos. A degenerescência na Europa deve-se, sim, muito ao Cristianismo, mas o filósofo alemão aproveita a oportunidade e reúne diversos opositores em um único alvo, que é, justamente, atacado por sua vontade de poder. Um desses alvos é o niilismo subsequente à morte de Deus, quando o homem se vê novamente como o dono de seus próprios atos, sem ter de prestar contas ao velho Deus, mas que acaba concebendo essa independência como o ponto de encerramento para

²⁹ Idem Ibidem “[Nietzsche] He never ceased to look up biblical quotations and phrases, and at least once he seems to have reread large parts of Scripture to prepare his attacks on Christianity in his late Works”

outras perspectivas, e não o ponto inicial, decorrente da aceitação desse fato. Ao mesmo tempo veremos como o niilismo reúne em si condições para o estabelecimento da *grande saúde*, que é o retorno da saúde, da ânsia por mais vida, em um sujeito distinto da história da humanidade, o qual é também, em grande parte, fruto do *querer-poder* nietzschiano.

Visto isso, passa-se ao desenvolvimento propriamente dito, deixando claro que, por um lado, as retrospectivas históricas foram e serão sempre trabalhadas verbalmente no pretérito, embora muitas delas já sejam fruto da visão hipotética do filósofo.

*Para decifrar tal enigma dos obscuros primórdios da humanidade, Nietzsche deslinda um fio de Ariadne de sua meada genealógica, que até aqui tinha sido mantido imperceptivelmente entrelaçado com aquele ligado à pré-história da promessa e da responsabilidade. Trata-se da reconstituição hipotética da gênese presumível da sociedade e do estado, que vai oferecer o horizonte de inteligibilidade para aberrações aparentes da psicologia humana primitiva.*³⁰

Por outro lado, haverá momentos em que o pensamento de Nietzsche será exposto no presente. Figuradamente, será um presente histórico, argumentativo, visto que as ideias do filósofo alemão ainda permanecem vivas para quem se dispuser (e ousar) travar com elas um diálogo proveitoso.

³⁰ Giacóia, O - Nietzsche como psicólogo- Pág.107

Capítulo 1: Os Primeiros Tempos

1.1 – Notas preliminares sobre Genealogia. A Herkunft e a Negação da Ursprung

A *Genealogia da Moral* é o livro de Nietzsche escrito para resgatar o conhecimento do homem como o ser que cria e mantém os valores morais. Diante do esquecimento geral a respeito desse atributo, o que desloca para o plano metafísico a instituição dos valores, a *Genealogia da Moral* põe no centro a ação humana que, ao ser desbravada em seu jogo de forças, mostrará ao genealogista o início da instituição da moral, primeiramente como um instrumento de regularização de normas e, a seguir, e acrescentada a esse último ponto, a atribuição de um objetivo.

É importante frisar que a atividade de Nietzsche, em sua *Genealogia da Moral*, assim como em outros livros anteriores, constitui-se em uma negação do formato tradicional dos demais *genealogistas* de seu tempo, com os quais o filósofo alemão combate.

Os outros *genealogistas*, com suas teses, são muito mais vítimas de seus pressupostos metafísicos do que historiadores preocupados em fazer um trabalho mais sério, livre de desmazelos, muito embora neguem qualquer influência metafísica. Mas não se dão conta desse erro, justamente porque são cegos e porque suas críticas, voltadas contra a metafísica, são, segundo Nietzsche, muito mais uma inclinação sentimental contrária aos dois epicentros da metafísica ocidental, Platão e o Cristianismo. Dessa forma, o que permeia os seus ataques é /.../um certo desamor e rancor subterrâneo ao cristianismo (e a Platão)/.../³¹, e não um total desvencilhamento em relação ao gênero metafísico,

³¹ GM/GM, I, § 1. Pág. 17.

pois deslocam a utilidade momentânea de uma ação, como é o caso do juízo *bom*, para a sua origem, apresentando-a como sua suposta *origem*:

O caráter tosco da sua genealogia da moral se evidencia já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito e do juízo “bom”. “Originalmente” – assim eles decretam – “as ações não egoístas forma louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem costumeiramente tidas como boas, foram também sentidas como boas – como se em si fossem algo bom”. Logo se percebe: esta primeira dedução já contém todos os traços típicos da idiossincrasia dos psicólogos ingleses - temos aí “a utilidade”, “o esquecimento”, “o hábito” e por fim o “erro”, tudo servindo de base a uma valoração da qual o homem superior até agora teve orgulho, como se fosse um privilégio do próprio homem. Este orgulho deve ser humilhado, e esta valoração desvalorizada: isso foi feito?”³²

A fundamentação da origem do juízo *bom* feita pelos utilitaristas não destoa do esquecimento geral da Europa, segundo Nietzsche. A sua *genealogia*, na realidade, nem sequer ocorre, pois apenas legitima o esquecimento geral a respeito da invenção (*Erfindung*)³³ dos valores. A sua *genealogia* é uma derivação *intelectualizada* do esquecimento sobre de onde provém a instituição dos valores.

Mas não existe, de acordo com Nietzsche, uma *origem* alheia ao rumo dos acontecimentos, indiferente e distante do jogo de forças, pois o que há *no começo das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate*³⁴. O que se tem aqui é justamente a dispersão dos atos, o caráter móvel e turbulento das ações que criaram o começo, e não uma plácida e imóvel *origem, essência*.

³² Idem § 2. Pág. 18. Grifo meu.

³³ Explicitaremos esse conceito logo mais adiante.

³⁴ Foucault, Michel, *Microfísica do Poder*, Ed. Graal, 24ª Edição, Rio de Janeiro, 1990, Nietzsche, a Genealogia e a História, II, II, P.18

*Por que Nietzsche genealogista recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa da origem (Ursprung)? Porque, primeiramente, a pesquisa, nesse sentido, se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que externo, accidental, sucessivo. Procurar a origem é tentar encontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por accidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira. Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas não têm essência, ou que a sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.*³⁵

Segundo Foucault, existe uma diferença na utilização feita por Nietzsche, entre os termos origem (*Ursprung*) e proveniência (*Herkunft*). A origem a que os outros “genealogistas da moral” chegam é, como foi dito, uma origem metafísica, e não proveniente de uma averiguação preocupada em encontrar a proveniência de uma emergência, de uma resultante. A *Ursprung* dos genealogistas, portanto, é semelhante ao que pretendem a religião e o status de eternidade dos valores morais que a época de Nietzsche sustenta.

*Nietzsche diz que Schopenhauer cometeu o erro de procurar a origem – Ursprung da religião em um sentimento metafísico, que estaria presente em todos os homens e conteria, por antecipação, o núcleo de toda religião, Nietzsche afirma: eis uma análise da história da religião que é totalmente falsa, pois admitir que a religião tem origem em um sentimento metafísico significa, pura e simplesmente, que a religião já estava dada, ao menos em estado implícito, envolta nesse sentimento metafísico. Ora, diz Nietzsche, a história não é isso, não é dessa maneira que se faz história, não é dessa maneira que as coisas se passaram. Pois a religião não tem Ursprung, ela foi inventada, houve uma *Erfindung* da religião. Em um dado momento, algo aconteceu que fez aparecer a religião. A religião foi fabricada. Ela não existia anteriormente. Entre a grande continuidade da*

³⁵ Idem. Ibidem, P.17

Ursprung descrita por Schopenhauer e a ruptura que caracteriza a *Erfindung* de Nietzsche há uma oposição fundamental.³⁶

Essa concepção deformada sobre o começo da moral dos *genealogistas*, indiferente ao entroncamento de diversas ações e motivações, simplifica e distorce demasiadamente a explicitação para o surgimento da mesma, pois destitui do jogo de forças a sua condição de mundo entendido como movimento, como multiplicidade de forças, em que algo é construído, algo é inventado. Por essa razão, os trabalhos dos *genealogistas* renegam a existência da invenção (*Erfindung*), assim, a palavra que [Nietzsche] emprega, invenção, - o termo em alemão é *Erfindung*-, é frequentemente retomada em seus textos, e sempre com sentido e intenção polêmicos. Quando fala de “invenção”, Nietzsche tem sempre em mente uma palavra que opõe a invenção à palavra “origem”. Quando diz “invenção” é para não dizer “origem”; quando diz *Erfindung* é para não dizer *Ursprung*.³⁷

O termo proveniência (*Herkunft*), segundo Foucault, é mais apropriado para definir o objeto de busca da genealogia nietzschiana: *termos como Entstehung ou Herkunft marcam melhor do que Ursprung o objeto da genealogia. São originalmente traduzidos por “origem”, mas é preciso tentar a reconstituição de sua articulação própria.*³⁸

O termo *Herkunft* releva as articulações envolvidas no processo de invenção (*Erfindung*), primeiramente como ações emaranhadas com ações, o disparate, e, em seguida, como frutos subsequentes da situação que deu vida a uma nova situação e/ou condição. Tais frutos recebem a definição de emergência

³⁶ Foucault, Michel, *A Verdade e as Formas Jurídicas*, Ed. Nau, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1999, Conferência I, P.14

³⁷ Idem. *Ibidem*

³⁸ Foucault, Michel, *Microfísica do Poder*, Ed. Graal, 24ª Edição, Rio de Janeiro, 1990, Nietzsche, a Genealogia e a História, II, III, P.20

(Entstehung), que é justamente a aparição de algo novo e sujeito a perder a sua posição.

*Herkunft: é o tronco de uma raça, é a proveniência; é o antigo pertencimento a um grupo – do sangue, da tradição, de ligação entre aqueles da mesma altura ou da mesma baixeza/.../ Entstehung designa de preferência a emergência, o ponto de surgimento. É o princípio e a lei singular de um aparecimento. Do mesmo modo que se tenta muito frequentemente procurar a proveniência em uma continuidade sem interrupção, também seria errado dar conta da emergência pelo termo final. Como se o olho tivesse aparecido, desde o fundo dos tempos, para a contemplação, como se o castigo tivesse sempre sido destinado a dar o exemplo. Esses fins, aparentemente últimos, não são nada mais do que o atual episódio de uma série de submissões: o olho foi primeiramente submetido à caça e à guerra; o castigo foi alternadamente submetido à necessidade de se vingar, de excluir o agressor, de se libertar da vítima, de aterrorizar os outros.*³⁹

Nietzsche, ao contrário dos Utilitaristas, não concebe o curso dos acontecimentos como sendo um desenvolvimento de um plano anteriormente elaborado e que, ao ser instituído em sua deflagração efetiva, demarque as suas fases em seus respectivos espaços no tempo, assumindo uma condição de *direito de ser*, incorporando-se a uma condição momentânea, tendo partido de uma outra, e primeira, condição estática, que é a suposta origem metafísica, totalmente negada por ele.

Desta maneira, a concepção de mundo para Nietzsche, isto é, da realidade em cujo epicentro estão os valores, abrange a conscientização de que não há *origem* (Ursprung) no sentido da metafísica tradicional, e sim o jogo entre forças, a multiplicidade de onde a ação humana, para inventar os valores, deriva-se, juntamente com o querer que está por trás de seus atos. O querer da ação humana, de certa forma resultado do jogo entre forças, pode inventar o que mais tarde pode ser entendido, erroneamente, como uma construção outorgada por fontes transcendentais. O mundo como vontade de poder é a interpretação

³⁹ Idem. Ibidem

que insere a *Herkunft* como resposta para a emersão de uma realidade, de um mundo constituído de acordo com o querer de forças em união. Tal concepção, segundo Nietzsche, não incide em um materialismo grosseiro, em que a explicitação de tudo recaia tão somente no movimento da matéria. A vontade de poder se prolonga para uma explicitação mais conceitual.

1.2 – A Concepção da Vontade de Poder como negação do Ser⁴⁰

Ao contrário dos “genealogistas” de sua época, o mundo, para Nietzsche, é um caos, não há planejamento prévio e, segundo o filósofo, é o acaso o fator que está por trás das efetivações subsequentes, do mundo a ser descrito de acordo com as suas configurações, construído, tendo como real base esse *turbilhão de forças* no qual as forças, concebidas como ação, movimento, coexistem com os *quanta*⁴¹, que são as forças dotadas de mais expressividade. A partir disso, nessa base de desordem, de puro e incessante movimento, de conflitos que emergem a todo instante, o que se tem é a luta entre vontades de poder, entre interpretações unicamente pertencentes ao próprio jogo de lutas entre vontades de poder, ou

⁴⁰ Neste tópico, explicitar-se-á a concepção de vontade de poder de acordo com as duas primeiras formulações da interpretação de Wolfgang Müller- Lauter, em seu “*A Doutrina da Vontade de Poder*”. Acrescentar-se-á, oportunamente, como Nietzsche tem cautela para que a sua interpretação não se transforme nem seja tida como uma imposição, no sentido de ser mais “verdadeira” quando comparada com as outras. O conceito de vontade de poder também se refere ao corpo, nos tópicos 1.2 e 3.2, constituindo-se um terceiro emprego para o termo e que será explicitado, valendo-se mais do pensamento de Gilles Deleuze presente em seu “*Nietzsche e a Filosofia*”.

⁴¹ *Quantum* é a ação; a força, impregnada de um significado, de uma pretensão, de uma aspiração de poder. Os *quanta* formam uma vontade de poder, são as aspirações individuais que se reúnem em um grupo ou uma comunidade, tudo para que as suas interpretações, similares e compatíveis, conquistem o poder, a efetivação, a concretude do espaço, do real, da predominância de um mundo que possa ser guiado pelas ambições do indivíduo. Nossa ação moral consiste em um *quantum*, que, por sua vez, agrupa-se em uma vontade de poder externa. Porém nós também podemos nos considerar uma vontade de poder, primeiramente porque o corpo recebe essa denominação no singular e porque representamos a vitória, provisória (pois o embate persiste), de uma vontade de poder interna, orgânica, de um gênero, seja de forças ativas ou reativas. Tais forças, por aspirarem ao poder, constituem-se *quanta* que formam as múltiplas vontades de poder, em um jogo incessante de incorporações, eliminações, resistências. Assim posto, o resultado que definirá o sujeito em Senhor ou Escravo é basicamente a diferença quantitativa de vontades de poder a favor de um gênero sobre o outro. “*Desse modo, um homem, por exemplo, forma um quantum de poder que organiza em si inúmeros quanta de poder.*”

seja, de interpretações unidas e interpretações postas umas contra as outras, em um conflito ininterrupto, do qual se apresenta a vitória, a predominância de um mundo formado a partir da égide de uma vontade de poder, mas, ao mesmo tempo, ameaçado pela deflagração de outras perspectivas, de outras vontades de poder. Dessa forma, a definição de caos se desvencilha da regência de uma força transcendente.

O mundo, assim sendo, não pode ser entendido e considerado uma unidade, pois isso redundaria no erro de defini-lo como *Ser*. Mas, quando Nietzsche diz que o mundo *seria justamente "vontade de poder", e nada mais*⁴², ele se refere ao *turbilhão de forças*, ao enorme palco onde o acaso reina e onde o embate entre vontades de poder em suas respectivas posições indefinidas, ora em destaque, ora acudadas, é incessante. O que prevalece é a multiplicidade de forças, o *Devir*, o movimento, o rio de Heráclito. *O mundo de que fala Nietzsche revela-se como jogo e contrajogo de forças ou de vontades de poder.*⁴³ Considerar o mundo como *Ser*, logo, estático, e não como multiplicidade, acarretaria o sucumbimento diante do poder da antiga metafísica.

*A qualidade "vontade de poder" não é um Um efetivo; esse Um nem subsiste de alguma maneira para si, nem sequer é "fundamento do ser" (Seinsgrund). Só há "efetiva" unidade como organização e combinação de quanta e poder./.../ Por meio disso torna-se particularmente claro que, no caso da vontade de poder, não se trata de um princípio de um ens metaphysicum.*⁴⁴

Essa visão do mundo como um caos, associado à imprevisibilidade da ação, o acaso, é justamente o terreno da emergência (*Entstehung*). Por conseguinte, não há *caos absoluto* e a impossibilidade do aparecimento de vontades de poder.

⁴² *ABM/JGB*, O Espírito Livre, § 36, Pág. 43. Tradução de Paulo César de Souza.

⁴³ Müller- Lauter, W- A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche. Pág. 75.

⁴⁴ Idem. Ibidem Pág. 84.

*./.../ é possível mesmo afirmar que a ideia de mundo como vontade de poder não remete à ideia de um caos absoluto, a ponto de não permitir organizações de duração relativa. ./.../ Como um argumento contra a ideia de um caos absoluto, deve-se considerar ainda que nenhuma vontade de poder é algo cego, lançado num absoluto acaso, sem proposição de sentido./.../.*⁴⁵

Por essa razão, a concepção de caos não impede que grupos, partidos, apareçam, os quais nada mais são do que *quanta* reunidos em prol de uma aspiração, de uma interpretação, dotados de um mesmo objetivo: *Nietzsche pode empregar o singular [de vontade de poder] também em vista de determinações universais, com as quais frequentemente multiplicidades são reunidas em âmbitos, ou adquirem significação de algum outro eventual modo abrangente*⁴⁶.

Essas vontades de poder estão sempre submetidas ao jogo do *dever*, da contínua mudança, da interminável ameaça de sucumbimento quando são predominantes e, na mesma medida, da contínua e infindável possibilidade de conquista de domínios das vontades de poder sobrepujadas: *Toda vontade de poder é, com efeito, dependente de sua oposição a outras vontades de poder, para poder ser vontade de poder*⁴⁷. Sempre de acordo com as suas aspirações, pois, como diz Deleuze, *o poder, como vontade de poder, não é o que a vontade quer, mas aquilo que quer na vontade*.⁴⁸

Todos os *quanta* comportam em si uma interpretação e *toda interpretação surge a partir do anseio de poder de formações de domínio. Elas arranjam para si mesmas aquilo que elas querem superar, talvez incorporar a si, ou contra o que elas se colocam em defesa*.⁴⁹

⁴⁵ Paschoal, E - "A Dinâmica da Vontade de Poder como proposição Moral nos escritos de Nietzsche", 2.ª Parte, Pág. 61.

⁴⁶ Müller, Lauter- W - A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche. Pág. 85.

⁴⁷ Idem. Ibidem

⁴⁸ Deleuze, Gilles. *Nietzsche*. P.22.

⁴⁹ Müller-Lauter, W- A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche. Pág. 78.

Mas a nomeação dos *quanta* de poder como unidades, dotadas de um objetivo subsequente, não pode, jamais, renegar a condição de essas unidades serem, em primeiro lugar, fundamentalmente uma multiplicidade de *quanta* reunidas, e, em seguida, pertencentes a um contínuo jogo de associações, conquistas, assujeitamentos e recusas.

*A particularização já é, em si, sempre um repelir aquilo que resiste, ela possibilita o assujeitamento com a submissão, a incorporação e o ajustamento em relação a outrem que se particulariza. Particularizar-se, e, na particularização, relacionar-se, agindo ou reagindo, com o outro se particularizando: dessa maneira se consuma todo acontecer.*⁵⁰

Nietzsche procurará sempre reafirmar a concepção de interpretação do próprio mundo como um *turbilhão de forças*, no qual as interpretações contrastarão com outras interpretações num mundo que estará sempre em movimento, sempre propício para o advento de novas perspectivas. Doravante, o filósofo dos tempos seguintes terá de ser cauteloso para entender o mundo como *devir*, como um palco do acaso, para que não se recaia novamente no erro de inserir o mundo numa classificação metafísica, como sendo *Ser*.

*A compreensão da perspectividade de todas as interpretações, a que conduz a “doutrina da vontade de poder” de Nietzsche, pode, por isso, propiciar aos que são fortes em poder a “boa consciência” para a incondicional imposição de seus “ideais”. Ora, outros “ideais” de outras vontades de poder, pertencentes a outras perspectivas, se contrapõem ao querer deles. Não lhes são prescritos valores que o vinculem. Pois uma tal vinculação pressuporia, decerto, uma autoridade fixada, transcendente ou imanente ao mundo.*⁵¹

Entender o mundo como vontade de poder requer uma despreocupação em instituir um caráter ontológico, que pode surgir em razão de uma avaliação exagerada e profunda da “realidade”. No mundo preconizado por Nietzsche, a avaliação do mundo deve ser limitada o máximo possível para que a antiga

⁵⁰ Idem. Ibidem. Pág. 95.

⁵¹ Idem. Ibidem. Pág. 131.

metafísica não ressurja. Tendo esse objetivo em mente, Nietzsche expõe o que seria uma espécie de ignorância por parte de quem, por alguma razão, for estabelecer um senso crítico, uma avaliação da realidade.

*A interpretação instituidora de novos valores, por parte de futuros poderosos, só pode ser, do mesmo modo, perspectiva. Por causa de sua coesão, ela não toma conhecimento de muita coisa. O não-saber recebe uma significação constitutiva para o interpretar, ele tem de se tornar até um não querer-saber. Também o esquecer é essencial para o ex-por dos poderosos – como para toda ex-posição.*⁵²

Intrínseco a isso, a interpretação da realidade como *vontade de poder e nada além disso* também precisa se enquadrar como uma interpretação, ou seja, como uma ao lado de tantas outras. Mas, se por um lado é preciso ter cautela para que a antiga concepção de *Ser* não reapareça, por meio de um aguçado senso crítico-filosófico, por outro lado ela tem de estar em posição de abranger a totalidade, de explicá-la, decifrá-la, justamente para que o mesmo efeito não ocorra: *Ela [a interpretação do porvir] tem de explicar a efetividade em sua totalidade, assim como em suas particularidades, para não permanecer aquém das explicações globais já dadas e, por isso, submeter-se as elas.*⁵³

Mas, se a interpretação de Nietzsche é apresentada como a mais plausível de todas, ela não poderia desaguar em um *status* de ser tida como a mais verdadeira, no sentido da antiga ontologia, mesmo concebendo, a princípio, o mundo como um jogo de interpretações e a si mesma como interpretação? Nietzsche, por conta disso, estabelece um critério para que a multiplicidade de interpretações jamais deixe de ser visível, sem comprimir o seu *querer-poder* filosófico. Trata-se, pertinentemente, da aproximação entre interpretação e a vida:

⁵² Idem. Ibidem. Pág. 132.

⁵³ Idem. Ibidem.

“O que é bom? – Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem.

O que é mau? – Tudo o que vem da fraqueza.”⁵⁴

Assim, o mundo regido de acordo com uma moral, seja qual for, é uma situação jamais delegada, garantida por alguém exterior ao conflito mundano. O mundo está preso unicamente ao movimento do jogo entre forças, que é volúvel. Diferentemente dos outros *genealogistas*, os quais são historiadores repletos de premissas que desvirtuam suas pesquisas e as enquadram em moldes pré-estabelecidos, cuja busca pela origem (*Ursprung*) é, na realidade, um *sair do mundo*, um *sair do conflito*, o trabalho do genealogista precisa ser um trabalho cujo epicentro é unicamente a ação humana, e não devaneios de qualquer espécie.

Dessa forma, para se desassociar das inclinações pré-estabelecidas dos seus rivais genealogistas, Nietzsche propõe um esquema que se vale, sim, da história e da filologia, mas sem caracterizar o seu olhar genealógico como um trabalho que busca a origem (*Ursprung*), visto que é fundamental livrar-se de todas as amarras nas quais alguns *genealogistas* estão presos⁵⁵, amarras que eles próprios carregam.

1.3 - O Formato da *Genealogia da Moral*

O percurso do genealogista é uma rota para um “passado” longínquo, quando ainda nem sequer havia a mais tímida organização social. Remete-se aos confins mais remotos da trajetória do homem, quando este ainda possuía uma racionalidade bastante tímida, para, daí, explicar o seu desenrolar como ser

⁵⁴ AC/AC, § 2. Pág.11. Tradução de Paulo César de Souza.

⁵⁵ Busca-se enfatizar, oportunamente, nesta dissertação, a dissociação entre Nietzsche e os historiadores, destacando as palavras referentes ao olhar retrospectivo de Nietzsche com as aspas - tal como “história”, “época” - . Essa sinalização também será para, como se verá, destacar o lado de hipótese que a sua *Genealogia da moral* apresenta.

racional, como uma figura constituída de responsabilidades e metas pré-estabelecidas em vista de um interesse mútuo. É um caminho que acompanha o surgimento do primeiro senso apto a estipular um regramento geral, a capacidade da razão, antes disso pouco utilizada, sem, contudo, haver uma total dispensa do atributo primeiro, que se manterá como o princípio de origem das maneiras de valoração: os instintos.

Como se foca no “passado”, a *Genealogia da Moral*, precisamente nas duas primeiras dissertações, apresenta uma pesquisa etimológica para assinalar a existência do tipo psicológico de maior poder na fase anterior ao advento e à vitória da “*Rebelião Escrava da Moral*”. Logo, tal resgate pôde ser executado com uma certa segurança, contudo a mesma obra não deixa de ter um estatuto hipotético, uma visão hipotética do contexto do “passado”, quando nem sequer o tempo era possível de ser medido, uma vez que isso implicava um domínio mais avantajado do homem sobre o meio ambiente.

*Para decifrar tal enigma dos obscuros primórdios da humanidade, Nietzsche deslinda um fio de Ariadne de sua meada genealógica, que até aqui tinha sido mantido imperceptivelmente entrelaçado com aquele ligado à pré-história da promessa e da responsabilidade. Trata-se da reconstituição hipotética da gênese presumível da sociedade e do estado, que vai oferecer o horizonte de inteligibilidade para aberrações aparentes da psicologia humana primitiva.*⁵⁶

Como evidência disso, o modo de escrever do genealogista, em sua regressão hipotética, não se detém em detalhes⁵⁷, como uma abordagem metodológica exigiria, altamente preocupada com uma explicitação cujo tempo de exposição dos raciocínios se ateriam a desenvolver com afincado cada uma das passagens. Detalhes, aqui, devem ser entendidos como frutos de uma análise externa e próxima, o tanto quanto for possível, da precisão, tal como é o

⁵⁶ Giacóia, O - Nietzsche como psicólogo- Pág.107

trabalho do arqueólogo, que registra os dados recolhidos por meio de uma aproximação íntima entre averiguador e campo.

Nietzsche, portanto, remete-se ao “passado” hipotetizando e, também, utilizando seus conhecimentos sobre etimologia, se é possível definir essa regressão como tendo chegado ao passado. Isso porque o passado já pressupõe a colocação do tempo como atributo de medida de quando o homem já estava sob condições posteriores ao ponto de partida do genealogista, o qual, quando ignorado, subverte uma peça importante para o entendimento do sujeito de Nietzsche, pois descarta a constituição instintiva do sujeito, e que há de se manter como fundamento valioso mesmo depois da imposição da camisa de força social.

No primeiro caso, o do exercício abstrato, as noções daí oriundas não deixam de descartar dados absorvidos pelo desenvolvimento intelectual, perpetuado ao longo dos anos do filósofo. Mas certos conceitos e a forma como esses se desenvolveram permanecem em aberto; não há um foco especificamente voltado para comprovar com bases reais, concretas, o seu grau de fundamento, como ocorre com os pesquisadores da história. A narrativa desprendida de Nietzsche, em sua *Genealogia da Moral*, atesta isso.

Certos embates, como a crítica aos utilitaristas (Spencer, Mill, Bentham) e à sua filosofia de uma paz infundável, de um mundo sem dor, tornam-se pouco prováveis de contestação, quando vistos por um olhar não tão impregnado pela cegueira da época, como a regressão da *Genealogia da Moral* nos elucidada. A regressão do genealogista classifica como ingênuas as visões filosóficas dos utilitaristas e seus princípios de que *./../todos os homens são iguais, o bem da comunidade está acima do bem do indivíduo, por meio do bem-estar do indivíduo estimula-se melhor também o bem-estar da comunidade e quanto melhor estiverem muitos indivíduos tanto melhor estará o bem-estar da comunidade – essas são as idiotices que agora costumam chegar da Inglaterra. É o instinto de rebanho que aí*

*é conceituado e verbalizado.*⁵⁸ Tais princípios morais, portanto, pressupõem uma igualdade e homogeneidade e agridem as potencialidades humanas, pois coíbem o florescimento de indivíduos distintos, altamente dotados de talentos que direcionariam a humanidade para contornos mais elevados, os quais já pressupõem a sustentabilidade do mundo, mas como decorrência da efetivação de todos os benefícios provenientes de uma sociedade regida pela total negação de qualquer política de massa e de nivelamento.

A educação de seu tempo coíbe, em vez de incentivar, o desenvolvimento dos mais inteligentes, dos mais sábios, aqueles que tornariam o mundo cada vez mais elevado, altamente organizado e deslumbrante, repleto de grandes obras, que seriam as provas concretas de todo o potencial das aspirações do poder criativo. A educação deveria servir como um fator de distinção dos indivíduos, e não de nivelamento, porque, para o filósofo alemão, o poder de criação é capaz de erguer maravilhas em todos os âmbitos, na arte, na ciência, na literatura...:

“A decadência está no nivelamento da sociedade, em impedir por meio do bloqueio do surgimento das exceções a transformação da sociedade. Mediante “formas autorizadas”, educar-se é aprender a sentir-se outro, diferente do que permitiria suas potencialidades”

O mundo, para Nietzsche, não pode se regulamentar pelos anseios da massa, pois nela impera o instinto de rebanho, a revolta contra o que é elevado, o ressentimento, a inveja, a fraqueza, a ânsia de consolo, e não a faculdade do esquecimento.

*Primeira tese básica: nenhuma consideração quanto ao número: a massa, os miseráveis e infelizes pouco me importam – mas os exemplares primeiros e mais constituídos, e que eles não fiquem na pior consideração àqueles que não deram certo (i.é., a massa)/.../*⁵⁹

⁵⁸ NF/FP 27[15]. Verão-outono de 1884. In: *Fragmentos do Espólio*, p. 236.

⁵⁹ NF/FP 25[243]. Primavera de 1884. In: *Fragmentos do Espólio*, p. 59.

Assim, o amansamento e adestramento do ser humano foi mal-entendido até agora como moral⁶⁰. Todos esses falsos moralistas anunciam, portanto, como moral, a predileção da fraqueza sustentáculo de seus princípios, cuja tese é: /.../o ser humano fraco é o melhor – dizem os nossos pregadores de moral/.../⁶¹, mas esses não possuem consciência disso.

*Um ser humano bom – isso é ver apenas um lado. Julgado de longe, é apenas um humano-de-rebanho, fraco, e fácil de enganar e de acabar com ele, também obediente espiritualmente, não criativo.*⁶²

1.4 - O Surgimento Social e da Moral

Na segunda dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche explica o surgimento da moral em seus aspectos, primeiramente, de normatização, de sustentabilidade prática, em que se forma uma envoltura de socialização mútua, que preza a vida em comunidade e a sua continuidade. Ao mesmo tempo, o genealogista se depara com uma forma de instituir valores, os quais determinam uma maneira de ser, de pensar e de agir⁶³, especificamente em termos de qualidade, que expõem um contraste com o europeu de seu tempo. A regressão de Nietzsche não é movida apenas pelo propósito de desvencilhar os atos humanos da moral dogmática, mas de favorecer a elevação do homem, também considerando a sua ação como fundamental para a sustentação do meio e das estruturas sociais em que se encontra, uma vez que a fraqueza, por ser a ausência da saúde, do estímulo, corrói os atos em todas as suas direções, inclusive no aspecto da manutenção social. E, sem a praticidade social, na qual o

⁶⁰ NF/FP 25[236]. Primavera de 1884. In: *Fragments do Espólio*, p. 58.

⁶¹ NF/FP 325. Verão-outono e 1882. In: *Fragments do Espólio*, p.95.

⁶² NF/FP 25[495]. Primavera de 1884. In: *Fragments do Espólio*, p.117.

⁶³ Essa dupla natureza da moral, a de função social, de sustentabilidade, e a de determinação de um ímpeto, de um comportamento subsequente aos valores em voga, de uma maneira de encarar a vida e de vivenciá-la a partir daí, deve acompanhar o conceito de moral, seja onde estiver sendo tratado, e em quais circunstâncias.

indivíduo tem de ceder em prol da comunidade, uma moral que sirva como guia em meio aos desafios da vida não é possível.

Assim, o mundo a que se chega corresponde a um momento do percurso da humanidade no qual os valores morais surgiram a partir de necessidades que foram aparecendo, as quais, por meio de um processo coercitivo, submeteram os antepassados do homem a uma normatização social, sem excluir o ímpeto de fortaleza predominante. Tal mundo corresponde ao que a moral, livre de invenções metafísicas distorcidas e valorações degenerativas, de doença, perpetuadas pelo esquecimento, dita, de acordo com a sua função de intercessão.

A regressão para os confins da história humana serve para resgatar o que o homem perdeu quanto ao que avaliava, quando tinha uma moral desprendida do Deus cristão, livre como instrumento de conduta e de sobrevivência, uma moral que estabelecia a saúde para a continuidade da vida, para a elevação dos homens por meio dos estímulos oriundos da força, entendida como saúde, como sede de vida, inclusive para a manutenção da vida em termos de praticidade social, de garantias para mais engrandecimento. A palavra proveniência (*Herkunft*), empregada em relação à moral, dentro do universo de Nietzsche, não se limita a apresentar o surgimento de um conceito; há a preocupação de descrever como tal conceito se interpunha na vida das pessoas. Assim, é no “passado” do homem que está a explicitação para o surgimento da moral, ou seja, sua genealogia, e em quais circunstâncias ela apareceu e com qual propósito.

O início se dá antes da mais tímida organização social. A emergência da moral também se agrega ao fundamento da constituição do sujeito, o qual, após a transformação social, manteve dentro de si a estrutura instintiva como a principal fonte de formação de uma moral e, conseqüentemente, do modo de valorizar a vida em sua situação natural, sem romper com a hierarquização dos instintos.

Num ambiente de total hostilidade, começando, aqui, a regressão nietzschiana, quando não havia paz nem sossego, travava-se uma feroz luta pela sobrevivência. Nessa era, o personagem em questão era o animal-homem, antecessor do homem. Antes de haver um ser domesticado e apto a viver em sociedade, imperava uma figura destituída de senso para uma auto conservação mais segura e menos ameaçada pelos conflitos externos. A agressividade e a crueldade estavam a serviço dessa figura, que não media esforços para suprir as suas necessidades, continuando a sua marcha em direção tão somente à sua sobrevivência. Imperava o individualismo, e o caos, sob a forma da violência, tomava conta de todo o espaço, onde esses seres não conviviam de maneira harmoniosa, e sim tinham, como fim, cada um, a sua satisfação individual. O animal-homem, por não ter uma mente desenvolvida, focava a sua ação para o agora, expondo os seus instintos sem organizar as suas ações em vista dos outros, sem considerá-los o fim de seus meios. Punha toda a sua estrutura interna, todos os seus instintos, sob a forma da coragem, da valentia, da brutalidade, a seu serviço. Não media esforços, pouco se importava com a vida dos outros, os quais, sob as mesmas circunstâncias e com a mesma constituição instintiva, punham-se a lutar pela sobrevivência.

Podiam viver em bandos, mas esses bichos-homens assumiam, como foi dito, a posição de total ferocidade e é difícil presumir que, se um dilema aparecesse para o grupo, cada um não privilegiasse, da maneira mais costumeira, a sua satisfação.

Eram os instintos que dominavam o comportamento do animal-homem; eles se configuravam como sendo a estrutura prioritária, psíquica, que o moveria para a ação, definindo-o como agente pré-moral, isto é, indiferente à moral em seu aspecto de delimitação individual e de assegurar um mundo cabível para uma classificação segundo uma vontade de poder. A vida era tão

somente o plano de atuação, e, nele, cada ação priorizava o agora, sem grandes preocupações com o porvir.

Adiante, Nietzsche introduz, em sua visualização do “passado”, a noção de *Memória da Vontade*, que significará o grande divisor de águas no curso do passar dos anos, pois o animal-homem, outrora liberto e despreocupado em direcionar aos outros a sua atenção, ver-se-á sob circunstâncias diferentes. Nele surge um novo componente comportamental que aos poucos vai dominando os seus hábitos até se tornar um costume: o desejo de fazer e de cumprir promessas. Ele assim age porque necessita firmar acordos, efetuar trocas e, quanto mais isso acontece, mais essa nova perspectiva vai tomando forma. Trata-se de um ímpeto voltado para as práticas comerciais, para a troca de produtos entre agentes. Isso se torna com o tempo um costume, um novo fato. As preocupações que outrora dominavam unicamente o individualismo, a partir daí, voltam-se para o outro, que passou a ser digno de atenção por ser, nele, depositada a expectativa de corresponder à confiança dada, em virtude da efetivação das mais primitivas formas de negociações.

Agora, torna-se necessário consolidar a memória como novo atributo, para que o sentimento de posse decorra sem muitos contratempos. Memória como nova faculdade, como nova forma de socialização, não mais diante de uma estrutura interna movida com a pretensão total para o agora, mas para como há de ser o instante da consolidação das práticas comerciais no momento posterior aos acordos.

Ao trabalho pré-histórico de auto formação da humanidade, Nietzsche dá o Eticidade dos Costumes (Sittlichkeit des Sitte); trata-se do processo de consolidação de hábitos, usos e praxes, por meio do qual a humanidade fixa e desenvolve, para si mesma, as formas regulares do ethos, dos fundamentos daqueles que doravante seriam os seus principais modos de existência. Que ao homem seja possível e lícito responder por si, isto

*é, que seja capaz de ter-se a si mesmo sob domínio, constitui a base psicológica sentimento de liberdade e da consciência da responsabilidade /.../*⁶⁴

A satisfação passa a se enquadrar em realizações que pressupõem atenção prévia, maior capacidade para o cálculo, para a programação do que deve ser feito, com certo planejamento.

Entretanto o divisor de águas, a mudança que, gradativamente, foi se estabelecendo sobre a Terra e confirmando o advento da nova faculdade, não tirou totalmente de cena os velhos instintos de crueldade, de agressividade, que retornavam quando os outros não conseguiam, ainda, acompanhar o desenrolar do novo mundo.

*Crueldade e errância, prazer na destruição, no assalto, na mudança, este rebelde contingente pulsional a que a eticidade do costume procura dar forma e regularidade, se contrapõe de modo permanente a toda tentativa de fixação e estabilização em formas rígidas.*⁶⁵

Duros castigos eram reservados para os infratores que não cumprissem os negócios fechados em comum acordo. E não havia como castigar se não fosse por meios brutais, horrendos, cruéis, visto que a punição agia como uma compensação aos prejuízos, além de servir para fixar na memória do castigado a triste lembrança para que nunca mais repetisse o erro.

O alastramento significativo da memória a todos aqueles que eram pouco ou muito indiferentes a essa nova realidade que se estava consolidando só foi possível por métodos coercitivos. Desse modo, muito sangue foi derramado para que a faculdade de cumprir compromissos se transformasse em uma prática comum, associada ao modo de vida.

⁶⁴ Giacóia, O - *Nietzsche como psicólogo*- Pág.107.

⁶⁵ Idem – *O grande experimento: sobre a oposição entre a Eticidade (Sittlichkeit) e autonomia em Nietzsche*. In Transformação, São Paulo, 1989. 2.º Capítulo, 3ª Transposição. Pág. 117.

*Como fazer no bicho-homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento?... esse antiquíssimo problema, pode-se imaginar, não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves; talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica. *Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória⁶⁶*

As torturas e os castigos, além de se terem configurado como altamente penosos, eram feitos na presença dos demais, para não restringir a dura lição apenas ao castigado.

Seguidamente ao avanço da coerção e ao estabelecimento de uma faculdade capaz de cumprir o prometido, abrangendo um número considerável de pessoas, surgem, como que numa relação de causa e efeito, as sociedades primitivas:

“Comprar e vender, juntamente com o seu aparato psicológico, são mais velhos inclusive do que os começos de qualquer forma de organização social ou aliança: foi apenas a partir da forma mais rudimentar de direito pessoal que o germinante sentimento de troca, contrato, débito (Schuld), direito, obrigação, compensação, foi transposto para os mais toscos e incipientes complexos sociais...”⁶⁷

Essas podem, sim, ser consideradas organizações, pois já há uma estrutura cívica ordenada e organizada, segundo a qual os indivíduos vivem com proteção (desde que sigam o código de leis), porém os castigos persistem ainda de forma bem violenta e coercitiva para que a efetivação dos acordos tenha maior proteção. O sangue continua a jorrar, o medo precisa ser estendido, o sistema não ignora nenhuma infração, pois toda falta é encarada como uma grande

⁶⁶ GM/GM II, § 3. Pág. 50. Tradução de Paulo César de Souza.

⁶⁷ Idem, § 8. Pág. 59.

ameaça, desde a mais tímida até a mais grave. Em todos os casos, a sociedade se volta contra os delinquentes, por interpretar, em seus gestos de rebeldia, toda a possibilidade de destruição do sistema, do todo. O nível atingido, a situação de relativa ordem e de fluência ininterrupta das negociações e das relações sociais logo aparece como a maior prejudicada pela simples ameaça, pois todo o trabalho de criação da ordem, proveniente da vontade de posse, de concretização dos acordos, vem à mente, unido ao receio de ver tudo perdido.

*Vive-se em uma comunidade, desfruta-se as vantagens de uma comunidade (e que vantagens! Por vezes a subestimamos atualmente), vive-se protegido, cuidado, em paz e confiança, sem se preocupar com certos abusos e hostilidades a que está exposto o homem de fora, o sem paz – um alemão entende o que Elend, êlend (miséria) significava originalmente-, desde que precisamente em vista desses abusos e hostilidades o indivíduo se empenhou e se comprometeu com a comunidade. Que sucederá no caso contrário? A comunidade, o credor traído, exigirá pagamento pode-se ter certeza. O dano imediato é o que menos importa no caso: ainda sem considerar esse dano, o criminoso é sobretudo um infrator, alguém que quebra a palavra e o contrato com o todo, no tocante aos benefícios e comodidades da vida em comum, dos quais ele até então participava.*⁶⁸

O castigo servia também como fonte de escape da antiga, porém presente e impossível de ser eliminada, a interioridade instintiva. Os instintos de crueldade, e de prazer retornavam quando o acordo era pago pelo castigo como compensação diante da infração, do não cumprimento do que fora tratado.

Assim, a saciação era o outro combustível para a construção da ordem social. A racionalidade podia estar se desenvolvendo, mas foram os instintos de agressividade os meios para o aprimoramento geral da racionalidade e da subsequente normatização do espaço coletivo sob parâmetros homogêneos de conduta, que visavam à totalidade do sistema, à sua continuidade e a seu aperfeiçoamento. O sentimento de posse podia ser a base, o motivo, mas os castigos eram o único meio para a consolidação do prazer geral na efetivação

⁶⁸ Ibidem, § 9. Pág. 60.

dos acordos em uma esfera organizacional. Isso porque o cerco geral dos indivíduos em gestos racionais e espontâneos de obediência, primeiramente com as mais simples transações comerciais e posteriormente já estando em um espaço com regras - as quais já eram familiares o suficiente para a nomeação desses agrupamentos como primeiras sociedades -, seria o que garantiria a consumação da vontade de se sentir realizado, quanto a obter o que o acordo tratara, com mais rapidez e segurança.

Ao mesmo tempo em que o homem, por meio da exacerbação de seus instintos, contribuía para a consolidação da memória e, conseqüentemente, da racionalidade, que introduziu a nova condição de ser humano, como ser racional e social, foram justamente a deflagração dos instintos e a sua gradativa diminuição como fator de compensação aos danos de imagens sofridos os instrumentos para a transformação do bicho-homem em alguém dotado de responsabilidades para com o meio, em alguém capaz de manter o seu espaço ativo pelo uso de sua racionalidade para que o sistema comercial ocorresse sem maiores contratempos. Em outras palavras, os velhos instintos delimitaram a si mesmos quando possibilitaram a construção do novo ser: o homem.

1.5 - Os Primeiros Sinais: Os Indivíduos Soberanos e o Apaziguamento do Sistema Coercitivo

Regredindo para os confins mais remotos do surgimento do homem e de sua sociabilidade, ambos atributos intrínsecos e consolidados de forma coercitiva, encontram-se, em nossa visualização do “passado”, os filhos de todo o derramamento de sangue: aqueles aptos a estipular e a cumprir metas de conduta, embora isso não signifique uma transformação universal, absoluta, a um quadro que exclua o desenrolar gradativo-coercitivo da transformação interna dos indivíduos.

Em meio a um ambiente repleto de penosos castigos e muito derramamento de sangue, aparecem os primeiros frutos dessa situação de zelo,

originária do cumprimento dos acordos firmados: são os chamados *Indivíduos Soberanos*:

*Mas coloquemo-nos no fim do imenso processo, ali onde a árvore finalmente sazona os seus frutos, onde a sociedade e sua Eticidade do Costume finalmente trazem à luz aquilo para o qual eram apenas o meio: encontramos então, como o fruto mais maduro da sua árvore, o Indivíduo Soberano!...*⁶⁹

Estes se sentem orgulhosos, pois podem cumprir o combinado, estão mais próximos da nova realidade e sentem muito orgulho disso; conseguem, realmente, empenhar a sua palavra para firmar um acordo e, em seguida, cumpri-la.

*/.../ o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode fazer promessas – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização. Este liberto ao qual é permitido prometer, este senhor do livre-arbítrio, este soberano – como não saberia ele da sua superioridade que assim possui sobre todos os que não prometer e responder por si, quanta confiança, quanto temor, quanta reverência desperta!...*⁷⁰

Tais homens olham ao redor e notam a diferença entre si e os demais, percebem o quanto são diferentes, porque o fato de realmente efetivarem as suas promessas, os seus acordos firmados, propicia um juízo favorável dos outros para com a sua imagem. É alguém livre, que se auto determina, alguém consciente de suas responsabilidades, venerador do sistema de leis e de suas implicâncias sociais, e não alguém condicionado a obedecer. Ele, o Indivíduo Soberano, é visto como alguém racionalmente desenvolvido, como alguém apto a pertencer ao seu mundo, onde cumprir as promessas e contribuir o máximo

⁶⁹ Ibidem, § 2. Pág. 49.

⁷⁰ Ibidem. Ibidem.

possível com o código de leis da sociedade é fundamental. O mundo em que todos são obrigados a cumprir as leis e onde a consciência do que pode acontecer, caso se proceda com rebeldia, começa a impregnar o quadro geral, trazendo uma nova atmosfera.

Existindo ainda duros castigos, caso contrário o seu orgulho não teria razão de ser, o *Indivíduo Soberano* não deixa de representar, aqui, uma prévia de um resultado geral, do embutimento da camisa de força social em termos gerais. Porém a presença do *Indivíduo Soberano* não configura um espaço cuja familiaridade com o sistema de leis abrange uma adesão mais significativa em comparação com os tempos anteriores, e sim mostra indivíduos mentalmente mais capacitados para pertencer ao sistema social e sobreviver sem sofrer as duras lições do meio.

Nietzsche introduz um salto, novamente sem recorrer a detalhes arqueológicos. Sua visão, que inicialmente apresenta a aparição dos *Indivíduos Soberanos*, agora focaliza um tempo mais adiantado. A situação muda com o tempo, a memória consegue chegar a um patamar considerável de consolidação. Os homens já sabem que não podem prometer em falso e muito menos descumprir as leis da sociedade, cuja tarefa é dar condições para a efetivação dos acordos. Em uma situação não tão penosa e sangrenta, pois não há tanta desobediência, as leis e os castigos se tornam mais brandos, porque a ordem geral foi alcançada:

“Aumentando o poder de uma comunidade, ela não mais atribui tanta importância aos desvios do indivíduo, porque eles já não podem ser considerados tão subversivos e perigosos para a existência do todo: pelo contrário, a partir de então ele é cuidadosamente

defendido e abrigado pelo todo, protegido em especial da cólera dos que prejudicou diretamente”⁷¹.

Os crimes continuam, mas os efeitos da camisa de força social se voltam contra os instrumentos de seu embutimento: os instintos. Os infratores são privilegiados pela nova racionalidade alcançada, são amparados pelos novos agentes sociais e advém, com isso, o esquecimento dos métodos coercitivos e de seu caráter de instrumento civilizatório e de ajuda para alavancar a racionalidade.

A grande maioria, nessa situação um pouco menos hostil, segue o código de leis da sociedade, da moral prática. Assim o convívio, as relações sociais, as relações comerciais e tudo, quando não infringido e capaz de desestabilizar a ordem, seguem o seu rumo sem grandes contratemplos. A continuidade da existência comum, vivida quando não se depara com grandes ameaças, é, por assim dizer, o conceito de convívio possível da organização social. Entretanto, quando a ordem se vê ameaçada por riscos, formas mais duras de punição são impostas pela organização social para a sua defesa. Quando está segura, despreza as pequenas ameaças.

*Se crescem o poder e a consciência de si de uma comunidade, torna-se mais suave o direito penal; se há enfraquecimento dessa comunidade, e ela corre grave perigo, formas mais duras desse direito voltam a se manifestar*⁷²

Com o passar do tempo, novas gerações vão surgindo em substituição às anteriores. A sociedade consegue se manter firme e forte graças ao código de leis, que define, para garantir a sobrevivência da organização social, como será o

⁷¹ GM/GM II, § 10. Pág.61. Ibidem.

⁷² Idem. Ibidem

comportamento a ser seguido. Assim, o desejo de firmar os acordos e as promessas dos primeiros indivíduos alcança uma efetivação geral.

Tendo o código de leis e a consciência adquirida a duras penas do que é necessário para a continuidade da vida, tanto individual quanto coletiva, pois guiando a sua individualidade é que o todo social terá formado a sua face, torna-se possível identificar os personagens correlacionados ao modo exigido pela moral de uma determinada época e sociedade, pelo fato de que ambos são subsequentes ao resultado atingido que há de permanecer nos relatos de crítica de Nietzsche, resumidos em duas entidades básicas: o *Senhor* e o *Escravo*.

Podemos mostrar o enorme contraste que existe nessa ordem social quando posta em comparação ao *Bem* metafísico da moral platônico-cristã. O mundo e a sociedade descritos por Nietzsche são o resultado tão somente da decorrência da estrutura construída, havendo, é claro, críticas de Nietzsche contra o modo de vida dos homens do passado⁷³. Mesmo assim, ele faz uma divisão no percurso da humanidade, classificando essa primeira fase como a da predominância do tipo Senhor, e a fase seguinte, a da moral platônico-cristã, como a do apogeu do tipo Escravo. A constituição das sociedades primitivas e o seu prosseguimento subsequente e normativo não evidenciavam um comportamento regrado segundo os moldes de uma metafísica arbitrária, como se verá mais adiante na história do Ocidente. A execução das normas de conduta não cobria um plano de obrigatoriedade descendente, da divindade para com os indivíduos. E muito menos os atos dos indivíduos, quando mantenedores da ordem, correspondiam a isso. O que prevalecia era a inocência do ato, mesmo após o surgimento dos primeiros deuses. A inocência, aqui, precisa ser entendida como um desprendimento para o favorecimento do viver, livre de prisões psicológicas, danosas ao organismo fisiológico.

⁷³ Esse ponto está explicitado no tópico 1.5 – “Bom e Ruim”. (Gut und Schlecht)

Além disso, a própria *Genealogia da Moral*, por si mesma, também é um ataque contra um tipo fisiológico deteriorado, uma vez que se mantém compromissada em trazer à tona as formas coercitivas de domesticação e de desenvolvimento racional, definindo-as, paralelamente, como provas do aspecto espinhoso da realidade. Afinal, a frase “*jamais deixou de haver sangue na terra*”, prossegue como complemento ao ataque irônico posto contra a concepção de interminável paz dos utilitaristas, os maiores antagonistas da atitude nietzschiana de se posicionar diante da vida.

A apresentação desse mundo violento de outrora não serve, portanto, como um endosso ao que se pode entender como uma suposta pretensão, presente em Nietzsche, de defender o retorno das mesmas práticas, o que poderia desembocar em uma apologia da violência. Pelo contrário, o filósofo não é um advogado do retorno de tais formas de punição, mesmo porque as pretensões de Nietzsche levam em conta um mundo já estruturado por tal processo coercitivo, cujo fruto é a ordenação do sistema. O que se tem que mudar, para ele, é apenas o seu sentido, a sua direção, mas não reavivar o mesmo processo, porque o mundo já está talhado e é um pressuposto, um ponto de partida, da sua filosofia:

Homens cruéis, homens atrasados – Devemos pensar nos homens que hoje são cruéis como estágios remanescentes de culturas passadas: a cordilheira da humanidade mostra abertamente as formações mais profundas, que em geral permanecem ocultas. São homens atrasados, cujo cérebro, devido a tantos acasos possíveis da hereditariedade, não se desenvolveu de forma vária e delicada. Eles mostram o que todos nós fomos e nos infundem pavor: mas eles próprios são tão responsáveis como um pedaço de granito é responsável pelo fato de ser granito. Em nosso cérebro também devem se achar sulcos e sinuosidades que correspondem àquela mentalidade, assim como na forma de alguns órgãos humanos podem se achar

*lembranças do estado de peixe. Mas esses sulcos e sinuosidades já não são o leito por onde rola atualmente o curso de nosso sentimento.*⁷⁴

O genealogista precisa, contudo, apresentar os objetos de sua busca, sem nada encobrir. Assim, se há algum aproveitamento, ele se insere como uma ferramenta de conscientização contra aqueles que querem um mundo manso, sem conflitos, visto que a própria retrospectiva apresenta o que a vida, em sua natureza imutável, é.

1.6 - O Surgimento dos deuses

Vale a pena salientar a presença dos deuses na narrativa da *Genealogia da Moral*. A presença do politeísmo nos tempos longínquos já evidenciava um patamar não tão primitivo, a exemplo de quando a ordem era talhada com derramamento de sangue, apesar de ser bastante provável que o processo coercitivo perdurasse no sistema social à época do surgimento dos deuses, cuja presença assegurava o avanço das práticas de sustentação da sociedade, da ordem. O culto aos deuses se baseava na noção de agradecimento, que, por sua vez, e segundo o olhar do genealogista, remetia-se ao avanço dos objetivos dos primeiros indivíduos, dos iniciadores de tudo. Tal culto, como forma de agradecer o domínio do homem sobre a natureza e sobre si próprio, por ter se transformado em um ser responsável, social e racional, é, na realidade, justificado pelo esquecimento da existência dos antepassados, e não tanto pelo esforço dos primeiros indivíduos. O desenvolvimento é, por assim dizer, tão considerável, que o culto aos *deuses* também evidencia a vontade inabalável de continuidade da ordem. O homem reconhece os proveitos trazidos com a restrição de suas ações pelos domínios sociais e, logo, não quer o seu fim. Outro fator que evidencia a evolução racional e social está em se predispor aos

⁷⁴ *MAIIIHHIII*, Capítulo 2, § 43. Pág. 50.

procedimentos dos rituais, dos louvores; neles não há mais o desregramento do antigo bicho-homem.

Assim sendo, a vontade por uma ordem não morre com os primeiros indivíduos e sim continua nas gerações futuras, e estas colhem os frutos plantados pelos seus antepassados, ou seja, atingem uma situação de tranquilidade quanto à segurança, à subsistência e à sobrevivência, pretextos para a existência do sistema de leis.

E essas gerações posteriores, que tiveram contato com os benefícios vindos dos esforços dos antepassados, sentem-se na obrigação de honrá-los, homenageá-los. São gratos pelos seus feitos. E, mais do que isso, a consideração é tamanha que eles se sentem em dívida. Passam, então, a render reverências aos primeiros homens que iniciaram o processo de surgimento do benefício coletivo. Essa dívida assume o patamar de ritual.

Essa nova situação, da qual a sociedade usufrui, foi conquistada pelos esforços dos antepassados e continua, em parte, graças ao pagamento da dívida, mesmo depois de mortos.

*Na originária comunidade tribal – falo dos primórdios- a geração que vive sempre reconhece para com a anterior, e em especial para com a primeira, fundadora da estirpe, uma obrigação jurídica (e não um mero vínculo de sentimento: seria ilícito inclusive contestar a existência deste último durante o mais longo período da espécie humana). A convicção prevalece de que a comunidade só subsiste apenas graças aos sacrifícios e às realizações dos antepassados.*⁷⁵

Os antepassados se mantêm vivos no imaginário das pessoas e tornam-se deuses, guardiões da segurança de todos, provedores da sua subsistência.

No interino das formas mais embrionárias de comunidade –em especial no seio de comunidades de estirpe fundas no parentesco sanguíneo, a figura do ancestral comum

⁷⁵ GM/GM II, § 19. Pág. 77. Tradução de Paulo César de Souza.

*passa a se interpretada como a do responsável pela doação do mais precioso dos bens, precisamente vida protegida e a prosperidade asseguradas pela coletividade. Deste valiosíssimo legado se origina, para as subsequentes gerações, a consciência de estarem obrigadas a uma retribuição por meio de um equivalente aproximado. /.../ Daí decorre também que os ancestrais comuns passam a ser vistos como espíritos protetores que velam pela segurança, bem star e prosperidade de seus filhos, donde resulta que a todo fortalecimento do sentimento de poder de uma comunidade correspondente uma intensificação do sentimento de obrigação para com o ancestral comum, cuja figura se vai aos poucos divinizando, até se transformar em divindade doméstica.*⁷⁶

No início dos tempos (continuando a averiguação genealógica), a metafísica dos povos primitivos caracterizava-se por comportar uma soma diversa de deuses, que nada mais eram do que o espelho da moral afirmativa, de força, daquela que era o resultado da aceitação total da vida e de todo o comportamento saudável subsequente a isso.

A criação desses deuses seguiu o ponto de partida de uma moral inocente, isto é, livre, despreocupada, e isso se refletiu também em sua condição divina. Não foram criados por meio de um senso moralista dependente, de inveja, e sim espontaneamente, ainda derivados da antiga inocência do bicho-homem.

Os deuses homéricos, como em um teatro, interagem de forma a aguçar mais ainda toda a afirmação, todo o desbravamento, toda a sede humana por mais aventuras. Eram a imagem, o espelho de uma conduta preocupada tão somente em adquirir, em vida, um sentido proveniente de uma moral forte.

Que em si a concepção de deuses não conduz necessariamente a essa depravação da fantasia que tivemos de considerar por um instante, que existem maneiras mais nobres de se utilizar da invenção de deuses, que não seja para essa violação e auto crucifixão do homem, na qual os últimos milênios europeus demonstraram a sua maestria – isto se pode

⁷⁶ Giacóia, O - "O grande experimento: sobre a oposição entre Eticidade (sittlichkeit) e autonomia em Nietzsche.", 2 capítulo, terceira transposição. Pág.117.

*felizmente concluir, a todo olhar lançado aos deuses gregos, esses reflexos de homens nobres e senhores de si, nos quais o animal no homem se sentia divinizado e não se dilacerava, não se enraivecia consigo mesmo! Por muito e muito tempo, esses gregos se utilizaram dos seus deuses precisamente para manter afastada a má consciência, para poder continuar gozando a liberdade da alma: uso contrário, portanto, ao que o Cristianismo fez do seu Deus.*⁷⁷

Os deuses dos tempos antigos, seguindo o traçado das mitologias grega e romana, até incitavam o homem para uma forma de valoração mais digna, mais forte, de afirmação. Como personagens de uma moral afirmativa e por serem realmente entidades de maior destaque, a conduta desses deuses não se diferenciava da conduta humana e, como tal, por possuírem uma condição elevada, os seus exemplos resplandeciam nas atitudes humanas para que os mesmos modos de conduta fossem sempre preponderantes.

1.7- *Bom e Ruim* (Gut und Schlecht) do Passado. Um Modelo Parcial: A Inocência, O Desbravar e A Crueldade

Com o adestramento do bicho-homem, a má consciência não passou a ser uma ameaça para a moral preponderante do passado histórico e longínquo. Assim como os antigos instintos se confinavam no interior dos castigados, daqueles a quem a organização social impunha suas restrições, a forma de avaliação da má consciência não era majoritária. A antiga inocência do bicho-homem, de fluir com a vida, permanecia mesmo sob a ameaça da má consciência como tipo psicológico já existente.

O modo de avaliar, preponderantemente, qualificava tudo ao seu redor como *Bom* ou *Ruim* para si; o expoente dessa afirmação de valorização é denominado por Nietzsche de *Senhor*, cujos representantes, nos primeiros tempos da civilização, eram distinguidos em relação aos demais como

⁷⁷ GM/GM II, § 23. Pág. 82. Idem.

espiritualmente bem nascidos. Nietzsche chega a essa conclusão por meio da averiguação etimológica do termo *Bom*.

A averiguação etimológica é o resgate e a construção do conceito, diga-se prioritário, que a sociedade europeia do século XIX não domina mais, mas que esteve à disposição, possível de ser conhecido, mesmo sob todo o obscurecimento gerado pela moral decadente do *Bom e Mau*. O núcleo da avaliação das figuras do Senhor e do Escravo apresenta a mesma natureza quanto ao conceito de *Bom*, presente nas duas figuras: o que é considerado propício para o homem.⁷⁸

*A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para bom cunhadas pelas diversas línguas?*⁷⁹

O desdobramento do termo, somado aos conhecimentos filológicos de Nietzsche, reúne todas as culturas do passado longínquo e, conseqüentemente, todas as formas de valoração, sob o gênero do Senhor. O significado, o sentido das palavras, há de revelar a caracterização das atitudes humanas e do panorama geral dos povos e das civilizações do passado. As palavras, por serem meios de socialização, pois relatam definições, são sinais para se tentar compreender os seus significados, visto serem definições de comportamentos e interpretações de como se concebe o mundo em questão e tudo envolto nele. Assim, o passado do homem, visto a partir da averiguação etimológica do conceito de *Bom* nas diversas e antigas línguas, apresenta uma uniformidade quanto ao sentido, que essas diversas formas de valoração, sob o conceito de *Bom*, representam. Nietzsche constata a enorme deformação presente em seu

⁷⁸ É claro que a consistência dos termos, para as duas figuras, Senhor e Escravo, é totalmente diferente, mas o termo Bom, em seu conceito, visto pelos dois lados, tem em comum a mesma intenção, ainda que tenhamos, no caso do Escravo, um desvio, na prática, daquilo que pretende o conceito.

⁷⁹ GM/GMII, § 4. Pág. 20. Tradução de Paulo César de Souza.

tempo, quando verifica que o conceito de *Bom* no passado é antagônico ao do europeu do século XIX.

*Descobri então que todas elas [distinções] remetem à mesma transformação conceitual – que, em toda a parte, nobre, aristocrático, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem-nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim”*⁸⁰

Ao mesmo tempo, a pesquisa de Nietzsche sobre a forma valorativa concentrada na definição do que é *Bom* aponta-nos que a valoração *Bom*, além de seguir um caminho de definição de comportamento, segue, também, uma ordem social (a dos nobres).

*!...É de interesse nada pequeno constatar que, nas palavras e raízes que designam o “bom”, transparece ainda com frequência a nuance cardeal pela qual os nobres se sentiam homens de categoria superior. É verdade que, talvez, na maioria dos casos, eles designam a si mesmos conforme simplesmente a sua superioridade no poder (como “os poderosos, “os senhores”, “os comandantes”) ou segundo o signo mais visível desta superioridade, por exemplo, “os ricos”, “os possuidores” (este o sentido de arya, e de termos correspondentes em iraniano e eslavo). Mas também segundo um traço típico de caráter: e é este caso que aqui nos interessa.*⁸¹

Valiam-se do que era *Bom* aqueles cujas formas de se consumir o conceito de *Bom* lhes correspondiam diretamente, tanto num sentido social, favorecendo a prosperidade da sociedade, quanto na honra de ter uma incumbência altamente valorizada pelo meio, como conseguir o engrandecimento da comunidade, da sociedade, pelas conquistas bélicas. Aliás, a vitória na guerra

⁸⁰ Idem, Ibidem Pág. 21. Idem.

⁸¹ Idem; grifo meu.

Obs: Nietzsche define a forma louvável do mundo social, no sentido de mando e de obediência, a partir de sua concepção fisiológica, em que o estatuto de instintos moldados segundo uma hierarquia, logo, uma diferença de graus e de posição é a regra.

era entendida como esforço para a continuidade da sobrevivência de todos os da comunidade; era uma tarefa coerente com as propostas da moral em sua face de sustentabilidade social⁸², e os conquistadores demonstravam ainda um sinal característico de afirmação pelo extravasamento do lado instintivo, que permanecia mesmo com o adestramento do antigo animal-homem, sob o jugo da camisa de força social–racional.

Assim, o *Bom* do homem do passado, daquele ser livre de coerções quanto a liberar os seus instintos para fora do meio social, não se voltava para preocupações externas; era uma forma egoísta e ao mesmo tempo inocente para se conduzir diante da vida. A felicidade residia no desbravamento, no gosto de se sentir vitorioso, na alegria de despejar para fora todo o comedimento presente nas atitudes obrigatórias do círculo social.

Os instintos, assim, quando a sede de conquista aparecia, e ela aparecia com bastante frequência, retornavam novamente e conduziam, para fora dos perímetros do meio social, as figuras agrupadas sob o gênero de Senhor; retornavam ainda quando era preciso castigar os infratores da comunidade.

*Ali desfrutam a liberdade de toda coerção social, na selva se recobram da tensão trazida por um longo cerceamento e confinamento na paz da comunidade, retornam à inocente consciência dos animais de rapina, como jubilosos monstros que deixam atrás de si, com ânimo elevado e equilíbrio interior, uma sucessão horrenda de assassínios, incêndios, violações e torturas, como se tudo não passasse de brincadeira de estudantes, convencidos de que os poetas muito terão para cantar e louvar. Na raiz de todas as raças nobres é difícil não reconhecer o animal de rapina, a magnífica besta-loira que vagueia ávida de espólio e vitórias/...*⁸³

⁸² Obs.: Não se deve confundir essa sobrevivência geral com Utilitarismo.

⁸³ GM/GMI, § 11. Pág. 32. Tradução de Paulo César de Souza.

A crueldade, o gosto pela aventura, o desejo da conquista e da destruição significavam a volta à antiga condição do animal-homem e à prioridade de apenas ver seu desejo ser saciado. Tal comportamento era o que significava *Bom* para esses guerreiros do passado, os quais estavam realmente livres para agir da maneira como achavam melhor, de acordo com o que consideravam *Bom*. O egoísmo, que se configura como uma ânsia para a satisfação de si, sem preocupar-se com outras causas e com terceiros, é o conceito de *Bom* para este Senhor do passado. Somado a isso, *Bom* é a ânsia, o desejo descomunal de continuar vivendo, conseguindo, assim, superar os obstáculos que a vida proporciona. Essa figura ama a guerra, ama a valentia, porque isso lhe dá prazer, conseqüentemente o Senhor sente prazer na vida, não se importa com os obstáculos, porque os empecilhos são oportunidades para testar a sua coragem e colocá-lo em ação. O Senhor não se preocupa em ofender, insultar a condição da vida, pois tem forças para continuar a viver sem reclamar dos problemas que a existência lhe oferece.

Na visão genealógica de Nietzsche, o *Senhor* se preocupa tão somente com a forma como a vida se apresenta para ele, isto é, toda a sua atenção, de fato, concentra-se unicamente em seus intentos e em seu plano de atuação, em meio ao turbilhão de forças. Tem os olhos somente voltados para si, brotando daí sua única fonte de felicidade. O Senhor simplesmente fluía com a vida, tal como preconiza a inocência de Heráclito.

*Os bem-nascidos se sentiam mesmo como os felizes; eles não tinham de construir artificialmente a sua felicidade, de persuadir-se dela, menti-la para si, por meio de um olhar aos seus inimigos (com o costumam fazer os homens do ressentimento); e do mesmo modo, sendo homens plenos, repletos de força e portanto necessariamente ativos, não sabiam separar a felicidade da ação/...*⁸⁴

⁸⁴ Idem, § 10. Pág. 30. Idem.

O descarte do que é subsequente ao que o *Bom* toma como prioritário, na pesquisa etimológica de Nietzsche, recebe a definição de *Ruim* (*Schlecht*). Para os valentes do passado, para aqueles desprovidos de qualquer senso de controle e admoestação, *Ruim* é tudo que possa tornar fraca a sua ânsia pela conquista e pelo prazer decorrente disso, quando se tratava de guerrear e subjugar. É não se sentir forte, vigoroso. *Ruim* é estar inoperante, é não querer desbravar os eternos conflitos, é não se mostrar forte para os outros porque isso causaria vergonha para os demais e para sua autoavaliação. *Ruim* é direcionar os olhos para outros indiferentes ao seu modo de viver, porque não há no Senhor nenhuma preocupação em ater-se a um estado comportamental que fuja de sua maneira natural de ser. *Ruim* contrapõe-se a tudo considerado *Bom*, logo, indigno de aceitação o que deve ser descartado. Mas é importante salientar que, por parte de Nietzsche, há muitas ressalvas quanto a essa figura do passado.

1.8 - *Bom e Ruim* – Crítica e Análise de Elementos Proveitosos para o *querer-poder* nietzschiano

A averiguação etimológica de Nietzsche, mesmo se voltando, de forma precisa, para o passado do homem, não deixa de possuir uma perspectiva e crítica a respeito do modo de vida desses agentes. Esse ensejo expõe um *querer-poder* muito mais abrangente, assumindo um dos objetivos de toda a *Genealogia da Moral*.

Embora o *Bom e Ruim* tenha uma posição de destaque, transmitindo a aparente ideia de que o passado se sobrepõe totalmente ao presente quanto à predominância de uma forma de valorizar mais digna, isso se deve muito mais ao contraste entre dois momentos antagônicos, as quais não deixam de possuir, quando se analisa nelas as manifestações do tipo Senhor, similaridades, como enfatiza Jörg Salaquarda. Automaticamente, quando os fortes do passado e do presente são vistos pela mesma ótica de crítica, as suas figuras apresentam, em

seu bojo, o ensejo nietzschiano de uma outra mentalidade, de uma terceira via, de um outro comportamento atípico diante da história do homem.:

*“Os resultados de nosso procedimento de investigação são além disso confirmados pelo fato de Nietzsche empregar o termo [asno] também quando tem em vista a perspectiva consolidada dos até então nobres e fortes .”*⁸⁵

De acordo com o artigo de Salaquarda, ambos os tempos e os seus respectivos tipos nobres, fortes, recebem críticas por parte da análise de Nietzsche. O sujeito tido como forte, o Senhor, torna-se vítima de seu próprio interpretar quando os seus valores, seus pensamentos e seus traços característicos recaem em uma convicção e, conseqüentemente, conduzem-no à queda: *“Existe por certo um grande perigo na estupidez nobre desse tipo de convicção.”*⁸⁶

Mas, ainda dentro da averiguação etimológica, Nietzsche quer acentuar o alto grau de antagonismo entre o que era considerado *Bom* para o homem do passado e para o homem de sua época, demonstrando muito mais aproximações de como a vida era, no geral, caracterizada em relação à sua vontade de poder, como sendo um crítico da moral do *Bom e Mau*, tão em voga em sua época. Trata-se do embate entre a época da inocência e da afirmação contra a época dos pessimistas. O *Bom e Ruim* de Nietzsche, tal como ele sugere, não se resume tão somente ao espaço etimológico do passado. O filósofo resgata, sim, muitas das características do Senhor do passado, mais precisamente o seu olhar unicamente para si, que o define naturalmente como único agente que faz a ação e, conseqüentemente, para as suas conquistas decorrentes de seu modo de vida; no entanto a intenção de Nietzsche não se resume a resgatar plenamente o que imperava como sendo *Bom e Ruim*, mesmo quando salienta o contexto de uma

⁸⁵ Salaquarda, Jörg – “*Zaratustra e o Asno*” in Nietzsche na Alemanha. Ed. Unijuí, Pág. 149.

⁸⁶ Idem, Ibidem, Pág. 150.

moral inocente e, por essa razão, advinda da saúde para determinar parâmetros mais louváveis em relação à vida.

A apresentação da necessidade de uma moral associada com a saúde fisiológica não desvia Nietzsche de reformular o sentido de *Bom e Ruim*, tendo como base tanto as suas críticas aos tempos de outrora quanto, e principalmente, as suas críticas aos modos de valorizar, afirmativo e negativo, do seu tempo presente. Ocorre que Nietzsche se deslumbra quando observa o excesso de força do Senhor do passado diante da total ausência de força do europeu de seu tempo.

Assim, o *Bom e Ruim* pretendido por Nietzsche assume significados adicionais. O Senhor do passado não pode bastar para incentivar o que é preciso ser, embora não deixe de ser um estímulo e a comprovação de que o objetivo geral de Nietzsche seja possível, isto é: o revigoramento do homem e a volta do gosto pela vida, a partir da instituição de uma moral proveniente da saúde.

*Pode-se ter completa razão, ao guardar temor e se manter em guarda contra a besta louca que há no fundo de toda a raça nobre: mas que não preferiria mil vezes temer, podendo ao mesmo tempo admirar, a não temer, mas não poder se livrar da visão asquerosa dos malogrados, atrofiados, amargurados, envenenados?*⁸⁷

O *Bom* proposto por Nietzsche quer desacorrentar o homem de toda a imposição de uma moral degenerativa e quer conceber os atos degenerativos apenas em sua constituição, e não como partes reais de uma moral metafísico-religiosa. Tais atos asseguram a continuidade do apequenamento e da fraqueza do homem, embora a moral de decadência condene muitos dos mesmos, tais como são os pecados a serem evitados pelos princípios morais. Note-se que, mesmo havendo, no caso do pecado, uma condenação de atitudes realmente nocivas para o ser humano, o fato de tais represálias partirem dos pressupostos

⁸⁷ GM/GMI, § 11. Pág. 34. Ibidem.

morais correspondentes não extingue os efeitos degenerativos; assim, a conscientização é parcial, e não completa. A totalidade da moral não impede a classificação de fraqueza, de desvirtuosismo subsequente aos efeitos originários dos atos, porque estes últimos já são, por si só, nocivos.

Nietzsche propõe o que está além do *Bem* e do *Mal*, ou seja, /.../ *pode-se dizer que Nietzsche está deliberadamente e provocativamente utilizando-se dessa expressão para indicar que também a moral que ele articula propõe um “além”, mas que seu além é em relação àquele mundo, ao qual corresponde a interpretação platônico-cristã, a “moral da compaixão”, “a decadence”, e em relação ao tipo de homem que ela produz.*⁸⁸

No âmago dos juízos valorativos, está o combate entre forças ativas e reativas presentes no corpo humano. Quando Nietzsche insiste no total desprendimento do homem em relação aos juízos metafísicos, o que ele quer é ir além da dualidade metafísica e do fator intermediário entre mundos: a alma, concebida como parte da estrutura humana.

*O que Nietzsche pretende é justamente despertar a atenção para a dignidade do corpo, mediante renúncia a toda antecipação de um sentido fundamental, de uma significação última, nos termos e registros em que a tradição conferiu dignidade metafísica a seus objetos, ou realidade.*⁸⁹

A dignidade do corpo é a enorme dimensão que constitui a *grande razão*; é ele, o corpo, a origem das aspirações materializadas em vontades de poder. O que o sujeito é, o que ele pensa, suas interpretações, seus ânimos, advêm do corpo, e não mais da alma. Tanto quanto há uma disputa entre vontades de poder no inorgânico, faz-se presente também um choque, uma multiplicidade de

⁸⁸ Paschoal, E “A Dinâmica da Vontade de Poder como Proposição Moral nos escritos de Nietzsche”, 3º Capítulo, Pág. 195.

⁸⁹ Giacóia, O – *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a modernidade*. Pág. 203.

forças, um dinamismo no corpo, concebido, em seu conjunto, como vontade de poder.

*O corpo é, inequivocamente, unidade, porém não unidade simples, mas unidade de organização. As relações complexas de aliança e de oposição entre células, tecidos, órgãos e sistemas fornecem uma espécie de base analógica para a representação de um outro modo de subjetivação, cujo modelo pode ser divisado por analogia com as unidades viventes, que, no organismo, permanentemente surgem e morrem; isso mostra o sujeito como alma mortal, como pluralidade a que não pertence o atributo da eternidade.*⁹⁰

Todos os homens possuem dentro de si, no corpo, tanto forças ativas quanto reativas. Existe, como foi dito, uma disputa infundável, interminável entre esses dois grupos; os dois anseiam pelo poder, o que significa atribuir ao sujeito uma classificação, ou de Senhor ou de Escravo. Quando as forças ativas sobressaem no corpo, o sujeito está, por assim dizer, assumindo a figura de Senhor. A esse tipo comportamental corresponde a atenção de Nietzsche, e é inegável, ainda que demonstre ressalvas aos exemplos da história, uma certa predileção do filósofo por quem é ativo, e não reativo, por quem cujos *quanta* internos não rompem a associação entre homem e vida.

Segundo as palavras de Deleuze, há uma hierarquia quando se analisam as forças e isso *!...!significa em primeiro lugar a diferença entre forças ativas e reativas, a superioridade das forças ativas sobre as forças reativas.*⁹¹

As forças ativas, quando são sobressalentes, não eliminam as forças reativas, muito embora o corpo seja um palco de infundáveis disputas e associações que excluem certas forças no momento em que optam por outras ou quando eliminam outras, mas isso se deve ao próprio corpo em sua naturalidade instável, móvel. Da mesma maneira como as forças perecem, outras nascem para que o conflito persista, sempre entre forças ativas e reativas. O Senhor é o

⁹⁰ Idem. Ibidem. Pág. 96.

⁹¹ Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Pág. 79.

detentor de uma certa estabilidade, mas as forças reativas estarão sempre em luta para a tomada do poder. E tal estabilidade, referente às forças ativas sobressalentes, necessitaria assumir, para que a qualidade do gênero de Senhor cedesse espaço para o *antiasno par excellence*, ela mesma um caráter móvel, de autorrenovação.

Como não são elimináveis por completo, e analisa-se ainda a estrutura do Senhor, o que acontece é um controle, um assujeitamento das forças reativas em benefício das forças ativas. Estas conseguem transformar os efeitos das forças reativas em um benefício para o Senhor, pois estão subjugadas. O risco de tomar o poder persiste, mas os efeitos de sua existência são transformados em prol das aspirações das forças ativas, uma vez que estão à sua mercê.

*O tipo ativo engloba, pois, as forças reativas, mas num estado em que elas se definem por um poder de obedecer ou de ser agidas. O tipo ativo exprime uma relação entre as forças ativas e as forças reativas, de modo tal que estas últimas são elas próprias agidas.*⁹²

E a classificação qualitativa da vontade de poder soberana, que há de definir o sujeito, seja ativa, seja reativa, não é jamais absoluta, total. O resultado se direciona apenas para duas classificações, para dois gêneros, mas cada gênero pode comportar diferentes graus de intensidade, Nietzsche chama de fraco ou Escravo, não o menos forte, *!.../mas aquele que, qualquer que seja a sua força, está separado daquilo que pode. O menos forte é tão forte como o forte se for até o limite, porque a astúcia, a sutileza, a espiritualidade, o próprio encanto pelos quais completa a sua força menor pertencem precisamente a esta força e fazem com que ela não seja menor. A medida das forças e sua qualificação não dependem em nada da quantidade absoluta, mas da efetuação relativa.*⁹³ Esse é outro exemplo claro de que essa grande razão, o corpo, apresenta uma aparente unidade, *de novo somos*

⁹² Idem. Ibidem Pág.168.

⁹³ Idem. Ibidem. Pág. 79.

*remetidos do “um” aos “muitos”, às unidades respectivamente organizadas em si mesmas e instáveis, sem uma subsistente essência (Kern) de ser.*⁹⁴

O que define o Senhor é a dominação da saúde e de um interpretar igualmente saudável. O alicerce dessa condição de força é uma personalidade extremamente familiarizada à faculdade do esquecimento.

*Para libertar a alma do ressentimento, faz-se, pois, necessário poder renunciar ao desejo de vingança, ou seja, não se revoltar contra aquilo que incomoda, irrita, fere; não permitir que aquilo a que se está exposto e vulnerado também envenene.*⁹⁵

Mas, como ressalta Salaquarda, a predominância ininterrupta de uma vontade de poder afirmativa é igualmente criticada por Nietzsche. O caráter móvel, característico do embate travado no corpo, teria de se aplicar à vontade de poder afirmativa, que se mantém na posição sobressalente, o que não significa um rompimento da supremacia do gênero ativo, afirmativo, de Senhor, e sim a renovação de sua força motriz, de sua qualidade de vontade de poder. Os exemplos da história mostram o perecimento dos fortes diante do endurecimento, da petrificação de seus valores fortes quando estes se tornam uma convicção e, conseqüentemente, uma arma voltada contra si mesmos. A esses, os *asnos fortes*, que são os fortes de todo o desenrolar da humanidade, falta, segundo Salaquarda, uma racionalidade, um senso crítico que impediria o sucumbimento de seus atos diante do excesso de entusiasmo proveniente do corpo:

Ele destruirá [o filósofo do porvir, o personagem sugerido por Nietzsche e que será dotado de uma esperteza conciliatória, de adestramento de múltiplas vontades de poder] o domínio de um impulso (quantum) que, devido, a uma tirania demasiado prolongada, se torna destrutivo para a inteira organização, mas não por meio do enfraquecimento de todos os impulsos nem por meio de um aut aniquilamento, e sim pelo

⁹⁴ Müller-Lauter, W - A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche. Pág. 96.

⁹⁵ Giacóia, O – *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a modernidade*. Pág. 126

*fortalecimento, a cada vez, de um outro impulso que deve romper esse domínio nele mesmo.*⁹⁶

Mas o Senhor, dos tempos vistos por Nietzsche, não faz, no geral, juízos de valor baseados em sentimentos negativos, que possam degenerar, diminuir a sua condução inocente e afirmativa, isto é, que não concebiam a vida como uma excelente oportunidade de engrandecimento pela superação de seus empecilhos naturais e, por essa razão, inevitáveis. A contraposição do *Bom* não está carregada de tanta atenção, a não ser a necessária para fazer descartar imediatamente o que logo deve cair no esquecimento, pois o fluxo da vida assim o exige. O descarte do que não é *Bom*, para o Senhor, não está carregado de contornos que prendam as suas atitudes; nem os seus modos de vida ligam-se a preocupações insignificantes e dispensáveis, se comparadas com o objetivo maior.

A moral da vontade de poder do filósofo terá de manter os instintos afirmativos e desprendidos da metafísica como as principais fontes para a determinação do *Bom e Ruim*, entretanto o desprendimento há de se filiar a princípios de conduta preocupados com o convívio social, os quais instituirão o *Bom* para o sujeito em conformidade com o *Bom* para a estrutura social. Associa-se, aqui, a mesma moral criada em vista da ordem social e geral, quando foram estabelecidas regras para a manutenção da vida.

O *Bom* do Senhor quer a sua expansão, não pressupondo um mundo marcadamente guerreiro, e sim caracterizado como um espaço de convívio alcançado, como a Europa do século de Nietzsche, onde o convívio era possível, a ênfase não estava em aclamar a guerra, e sim conceber a vida em sua própria maneira de ser, como um espaço de conflitos, ainda que fosse o palco para disputas bélicas, ainda que a guerra não deixasse de ser uma condição da vida, a

⁹⁶ Salaquarda, Jörg – “Zaratustra e o Asno” in Nietzsche na Alemanha. Ed. Unijuí, Pág. 154.

exemplo da Grécia Antiga, que soube muito bem, isso antes do advento de Sócrates e do platonismo, inventar contornos culturais originários de seus impulsos mais elevados. Os gregos souberam embelezar a vida, atribuindo-lhe estímulo extra para mais vida, para mais sede de vida. Heráclito foi outro grande modelo para Nietzsche, pois seu pensamento é um *!.../pensamento ativo que afirma o devir, um pensamento contemplativo que afirma o ser do devir. !.../ Por que não existe um ser para além do devir, não existe um uno para além do múltiplo, nem o múltiplo nem o devir constituem aparências ou ilusões. Mas também não existem realidades múltiplas e eternas que constituiriam, por sua vez, como essências para além da aparência.*⁹⁷

Portanto podemos ver, em Nietzsche, a relutância em diminuir o valor da vida, em denegri-la, quando se age com agressividade em demasia e sem necessidade, em sua crítica à ética cavalheiresca, aos combates mortais, cujo propósito era lavar a honra com sangue, com a morte desnecessária e estúpida, contrapondo, ao mesmo tempo, esse código de ética brutal, familiar também em sua época, ao modo de vida dos gregos.

*Os gregos estavam longe de tomar tão pouco a sério a vida e a morte, por causa de uma injúria, como nós fazemos sob influência de um herdado espírito de aventura cavalheiresco e gosto por sacrifício; ou de buscar situações em que se possa arriscar uma e outra num jogo de honra !...!*⁹⁸

Havia, nos povos do passado, a quebra de muitos limites, mas imperava, mesmo assim, uma perspectiva de afirmação. Contudo, no panorama geral do passado, a época em que os Senhores eram a grande maioria, toda uma cultura esbelta, de adoração da vida e repleta do desejo de se construir um sentido terreno a ser desfrutado pelas gerações posteriores - apesar de também ser criticado por Nietzsche, logo desapareceu. O Império Romano representava tais

⁹⁷ Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*, Pág.38.

⁹⁸ *AU/M*, § 199, Pág. 143.

valores de afirmação, e foram o platonismo e o Cristianismo, dentro de nossa cultura ocidental, o que alavancou a consolidação do mundo criticado por Nietzsche.

Capítulo 2: *A Rebelião Escrava da Moral*

2.1 - A Incitação do Cristianismo

Nietzsche se opôs ao primeiro caso de transvaloração ocorrida no Ocidente, quando o deslumbre de um mundo regado pelo politeísmo e pelo gosto incomensurável para com a vida cedeu espaço à concepção dualista do Ser e, pela primeira vez, à predileção por um mundo nem sequer conhecido, porém imaginado, em detrimento do mundo dos sentidos: trata-se do platonismo. Por vezes, Nietzsche profere ataques contra a vontade de poder que foi o platonismo, pois muitos dos princípios antagônico-cristãos já tinham sido experimentados pela perspectiva apresentada pelo filósofo grego: *Minha desconfiança de Platão vai fundo, afinal: acho-o tão desviado dos instintos fundamentais dos helenos, tão impregnado de moral, tão cristão anteriormente ao cristianismo/...*⁹⁹, e o conceito de alma deste seria mais tarde trabalhado pelo Cristianismo. Afinal, [a natureza ética de Platão] *esse elemento nos fornece a base para o reconhecimento da mútua pertença entre a oposição mundo sensível-mundo inteligível, com a correspondente doutrina das ideias, por um lado, e a teoria platônica da alma, por outro.*¹⁰⁰ Assim, é correto designar o platonismo como uma doutrina similar ao Cristianismo e, quando o filósofo alemão ataca o Cristianismo, golpeia, ao mesmo tempo, Platão, pois foram, de certo modo, dois exemplos claros de vontades de poder que se propuseram a transvalorar o mundo em contornos antagônicos, uma vez que estes negam a vida.

⁹⁹ GD/CI. O que devo aos Antigos, § 2, Pág. 102.

¹⁰⁰ Giacóia, O – “Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade”, Pág.21.

Mas pode-se dizer que os princípios platônicos estiveram por muito tempo obscurecidos, isto é, não apresentaram nos tempos seguintes de seu advento, dentro ainda da Antiguidade, uma ameaça, visto que Roma exibia características idênticas aos tempos desassociados de imposições metafísicas. Seus deuses, imitações dos deuses gregos anteriores a Platão, eram o espelho de toda a ânsia de vida dos homens em continuar vivendo. Havia derramamento de sangue desnecessário, sim, como no Coliseu, mas, dentro ainda do olhar de deslumbre nietzschiano, a vida era, no geral, extremamente valorizada, era o valor supremo. A moral dos romanos também atendia às necessidades de manutenção da vida, das estruturas sociais, amava-se a ordem, a organização, tanto que Roma era uma cidade de mármore, e não uma tribo rudimentar, arcaica, feita de madeira, muito menos um caos geral, tal como era o ambiente do antigo animal-homem.

Platão ressurgiria mais tarde no contexto de um mundo regrado já por uma outra vontade de poder, não mais a dos romanos, e sim em plena Judeia vitoriosa: *É como se Nietzsche dividisse assim: antes de Cristo, vem Platão; depois de Cristo, vem Paulo, mas, de fato, nenhum deles fora cristão e Paulo tão somente continuou o dualismo alimentado por Platão. O que faz Nietzsche? Retoma a importância do corpo e luta contra o idealismo platônico que o corrompe. Pois, diante de um julgamento eterno, não somente sofre a “alma” como sofre o corpo. Aliás, o próprio corpo torna-se “bode expiatório” da “alma” que, entretantas outras torturas, inclui a tortura do corpo.*¹⁰¹

Assim, foi o Cristianismo, a Judeia de Cristo, dentro de nossa cultura ocidental, o que alavancou a formação do mundo conhecido desde então, porque subverteu o mundo anterior, o modo de vida anterior: a moral de Roma, que mudou para sempre o relacionamento do homem com a vida.

¹⁰¹ De Sousa, Mauro Araujo – “Nietzsche Asceta” -, Tese de Doutorado, Pág.26. PUC -SP

Nem mesmo os bárbaros conseguiriam levar a cabo uma campanha de destruição tão bem sucedida como a que os cristãos empenharam contra Roma. E a isso, segundo Nietzsche, se deve até o fim do Império Romano como território, como um espaço de organização firme que resistiria a todas as ameaças possíveis, inclusive a uma outra ameaça interna: os maus imperadores.

O cristianismo foi o vampiro do Impérium Romanum – o tremendo feito dos romanos, conquistar terreno para uma cultura grande, que tem tempo, ele desfez da noite para o dia. – Ainda não compreendem? O Imperium Romanum que conhecemos, que a história da província romana nos ensina a conhecer cada vez melhor, essa admirável obra de arte do grande estilo, era um começo, sua construção era calculada para provar a si mesma ao longo de milênios – até hoje nunca se construiu assim, nem mesmo se sonhou construir em tal medida sub specie aeterni [do ponto de vista da eternidade]! – Essa organização era firme o bastante para suportar maus imperadores: o acaso das pessoas não pode intervir nessas coisas – primeiro princípio de toda grande arquitetura. Mas não era firme o bastante para defender-se da mais corrupta espécie de corrupção, dos cristãos.
.../102

É bom ressaltar que Nietzsche, em seus fragmentos póstumos, atribui uma falha por parte dos imperadores romanos e da elite, tais como Nero, que favoreceu a emancipação dos degenerados. O que aconteceu foi justamente um desvio excessivo de conduta, totalmente incoerente com o sentido de suas posições, referente à hierarquia social e à disciplina de conduta e dignidade, com as quais deveriam ter dado mais atenção. Como homens do mais alto patamar, os imperadores e a sua elite deveriam ter assumido a posição de extrema justificativa da ordem de como aquele mundo era concebido.

O conceito de posição elevada era o poder máximo dos mandatários desse sistema aristocrático romano, no que diz respeito à efetivação das decisões políticas de ditar os rumos de todo o império; o mesmo conceito teria de efetivar-se, também, como consequência da grandeza moral e intelectual dessa

¹⁰² AC/AC, § 58. Pág.74. Tradução de Paulo César de Souza.

aristocracia, que proporcionaria a elevação de todas as aspirações mais nobres de sua personalidade, originada da saúde e afirmação, em todas as formas possíveis. Roma não seria Roma se o desvirtuamento moral de seus imperadores marcasse toda a sua história, mas muitos imperadores romanos não se comportaram à altura de seus cargos, entregaram-se à vida desregrada, derramaram muito sangue de forma desenfreada e cruel, foram mais carniceiros do que homens virtuosos.

A degeneração dos dominadores e das camadas dominantes provocou a maior confusão na história! Sem os Césares romanos e sem a sociedade romana, a loucura do cristianismo não teria chegado a dominar.

Quando os seres humanos mais limitados passam a duvidar que existem seres humanos mais elevados, então o perigo é grande! E se acaba descobrindo que também entre os seres humanos limitados, subalternos, pobres de espírito, existem virtudes, e de que diante de Deus os seres humanos estão postos como iguais: o que tem sido o non plus ultra da idiotia até agora sobre a Terra! Ou seja, os seres humanos superiores acabavam por se mensurar segundo a escala de mensuração da virtude dos escravos - sentiriam "orgulho" disso etc. - consideraram desprezíveis todas as suas qualidades mais elevadas!

*Quando Nero e Caracala estavam sentados lá no alto, surgiu o paradoxo: o ser humano mais baixo tem mais valor que aquele lá no alto! /.../*¹⁰³

O poder de governar, tratando-se de uma atribuição dirigida a poucos, como o modelo aristocrático propõe, e a razão por trás desse poder são fatores correlatos. A virtude, assim sendo, precisa ser o modelo a ser disperso pelas figuras mais proeminentes e poderosas do mundo de Nietzsche, e torna-se, ao mesmo tempo, o seu pilar de sustentação, pois é o que garante a continuidade da ordem política e social. A falta de seriedade dos Césares para com a conduta não foi, contudo, a razão primordial. Para que houvesse uma mudança, era

¹⁰³ NF/FP 25[236]. Primavera de 1884. In: *Fragments do Espólio*, P. 58.

necessária uma alternativa, um segundo caminho, e aí entra o cristianismo como uma vontade de poder insaciável por mais poder, por mais domínio.

Não seria absurdo associar o crescimento dos fiéis cristãos aos ataques ao modo de vida dos romanos, em especial dos Césares, mas não se trata somente disso, pois o Cristianismo precisava mostrar-se ao mundo não somente criticando os homens de cima, mas também expondo e defendendo os seus princípios teológicos parcialmente novos, suas doutrinas, que não são de forma alguma reduzidas, pequenas e despretensiosas, caso contrário o Cristianismo seria apenas um mero ataque, e não uma vontade de poder.

O Cristianismo realmente angariou e atizou os fracos, *cutucando profundamente as suas feridas* com a totalidade de sua doutrina e com a abrangência da mesma, que se identifica com as aspirações escravas e tem o dom de torná-los mais escravos, juntamente com o mundo. O Cristianismo almejava o poder desde o início, e a “*Rebelião do Ocidente*” não teria acontecido, Roma não teria ruído, mesmo com imperadores indignos de sua posição, se o Cristianismo não tivesse surgido, e pelo menos a história, tal como se seguiu e tal como Nietzsche relata em sua obra, não seria a mesma.¹⁰⁴

A queda da antiga Roma, em suas estruturas mais sólidas e visíveis, em seu reflexo deslumbrante de força e do desejo de sua gente de fazer fluir a vida, consciente de sua condição e considerando-a o único patamar existente com reflexos diretos de uma moral afirmativa, remete-nos à incidência concreta de uma vontade de poder, mais precisamente da vitória de uma vontade de poder

¹⁰⁴ Nietzsche, em suas obras, como em *A Genealogia da Moral*, transmite-nos certa esperança histórica de que, se o Cristianismo não tivesse vencido os fortes, a realidade subsequente seria diferente; possuiria, assim, aspectos de afirmação. Mas o mundo, como palco de conflitos entre vontades de poder, persistiria e, como tal, um outro *signo* de decadência poderia se sobrepor. Estamos apenas enfatizando esse fato; certamente Nietzsche não contradiz o seu pensamento da vontade de poder com uma *esperança metafísica*, com um dogmatismo do que o mundo e a história, em caráter de certeza, poderiam ter sido sem a vitória do Cristianismo.

sobre outra. Fundamentalmente, o que Nietzsche ataca é a inversão do modo de vida, do afirmativo ao negativo.

Depois do fim de Roma, devido à “*Rebelião Escrava da Moral*”, o mundo perdeu toda a afirmação, o esplendor da beleza, a grandiosidade do encanto; não havia mais atributos para conduzir o homem a seguir a moral de afirmação, a classificar a interação humana e, conseqüentemente, a viver a vida de uma maneira positiva, proveniente da saúde, porque simplesmente a moral de afirmação fora drasticamente comprimida.

Tudo o que era decadente, escravo, comum à plebe, viu no Cristianismo a oportunidade de conquistar o mundo, de afirmar a sua postura, pois foi dado incentivo ao seu comportamento débil. Incentivo iniciado, em termos de um movimento ameaçador, primeiramente por Paulo e depois pelo exemplo de rigidez com que muitos, para comprovar a verdade de Cristo e a sua fé, sacrificaram as suas vidas. À dívida para com o Deus dos hebreus, seguindo a mesma lógica inicial da extrapolação do sensível para o *divino* dos deuses do “passado”, acrescenta-se, com o Cristianismo, por causa da crucificação do *Seu Filho*, um novo mecanismo para a vontade de poder que se seguiu: o sentimento de culpa.

*Em face ao credor onipotente, metafisicamente idealizado, o homem, em sua existência terrena, não é mais devedor, em sentido de um débito perpétuo, irresgatável, na medida em que a própria existência do devedor se constitui na sua origem /.../ A impossibilidade humana de uma remissão completa recebe, para Nietzsche, uma elaboração sublime na fantasia religiosa do imaginário cristão; como tentativa genial de solução para o paroxismo da culpa: por ela, é o credor que sacrifica a si mesmo, por amor ao devedor, para seu resgate e absolvição. Esse é o terreno psicológico de onde brota, como planta tardia (e, para Nietzsche, extravagante), as crenças cristã num sacrifício do próprio Deus pela humanidade, de um martírio do credor em benefício do devedor.*¹⁰⁵

¹⁰⁵ Giacóia, O – *Moralidade e Memória: Dramas e Destino da Alma*. In *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a Modernidade*. Pág. 66.

A moral cristã fomentou o tipo debilitado, fraco. Na época de seu apogeu, angariou todos os cansados, os ressentidos, os fracos e, com seus pressupostos (tópicos intrínsecos à sua moral), transformou inclusive a parte boa dos seres humanos; sua vontade de poder tornou-se negativa, fraca e foi se tornando cada vez mais visível, mais concreta. Assim, conseguiu transvalorar para pior a plenitude geral do espaço de interação humana e se manter (porque essa moral foi vitoriosa) propagando os seus princípios, tornando-os, a cada gesto, a cada rito, mais ligados à debilidade. Da força de manter os seus valores fortes e comuns a todos, o Cristianismo consegue ser uma força presente e um poder de se projetar sem muitas dificuldades para o porvir.

Graças ao fomento dado à figura do Escravo, o Cristianismo alcança os seus objetivos. A figura do Senhor cede, com a vitória da “*Rebelião Escrava da Moral*”, o seu espaço de predomínio para a figura do Escravo. O que se tem desde então é o prevalecimento do segundo caso.

Quem venceu temporariamente, Roma ou Judeia? Mas não pode haver dúvida: considere-se diante de quem os homens se inclinam atualmente na própria Roma, como a quintessência dos mais altos valores – não só em Roma, mas em quase metade do mundo, em toda metade do mundo, em toda parte onde o homem foi e quer ser domado – diante de três judeus, como todos sabem, e de uma judia (Jesus de Nazaré, o pescador Pedro, o tapeceiro Paulo e a mãe do dito Jesus, de nome Maria. Isto é muito curioso: Roma sucumbiu, não há sombra de dúvida.¹⁰⁶

A sua crença politeísta converte-se ao Cristianismo, e não era absurdo reduzir a concepção de uma visão dupla da realidade e politeísta a moldes parecidos, porém regidos por uma nova força monoteísta e antagônica. Os fortes foram vencidos, em sua estrutura fisiológica, pelas forças reativas, pelas estruturas orgânicas de degenerescência, que antes estavam acuadas e

¹⁰⁶ GM/GMI, § 16. Pág. 44. Grifo meu. Tradução de Paulo César de Souza.

impedidas de uma efetivação majoritária no inorgânico. A predominância de forças, agrupadas ora em ativas ora em reativas, é o que determina o fator qualitativo de uma vontade de poder que nada mais é do que a definição da interpretação dessa mesma vontade de poder, seja pelo lado ativo, seja pelo reativo. Assim, o combate de forças nunca desaparece. O que há é a vitória de um grupo em quantidade e, conseqüentemente, de sua qualidade correspondente, *porque as forças que entram em relação não têm uma quantidade, sem que cada uma ao mesmo tempo não possua a qualidade que corresponda à sua diferença de quantidade como tal*¹⁰⁷.

Roma torna-se cristã, toda a ordenação social, outrora unicamente pertencente aos Césares e aos aristocratas e sua moral de Senhor, curva-se diante da nova ordem, imposta pela sua respectiva vontade de poder e que jamais viu seu ânimo por mais domínio perecer. Os Senhores foram vistos como pecadores e nada mais avassalador, nada melhor para destruir uma ordem do que recrutar forças da ordem oposta, mas forças concebidas como *quanta* para fortalecer, unicamente, a vontade de poder negativa dos escravos, a Judeia, agregando para si mais domínios e mais poder. Através de uma doutrina universal e ameaçadora, o cristianismo enfraqueceu até mesmo os fortes, por isso é justo dizer que foi o vampiro do Império Romano.

¹⁰⁷ É bom fazer uma rápida e sucinta retomada sobre a vontade de poder para deixar esse tópico mais claro. Delimitando unicamente essa citação, o termo *relação* designa o agrupamento de forças que institui, a partir disso, uma definição de grupo, de junção de forças e *quanta* que se assemelham; mas, ao mesmo tempo, o termo pode gerar confusão quando não se observa um segundo sentido para a definição de relação, dentro, ainda, da interpretação de vontade de poder, que é a relação de forças contrárias, vistas em contínuo combate, em contínuo conflito, pois é justamente nesse conflito que há a classificação do agrupamento sobressalente de *quanta* de poder, logo, do tipo do sujeito.

*Mas na verdade os fracos, os escravos não triunfam por adição das suas forças, mas por subtração da força do outro: separam o forte daquilo que ele pode. Eles triunfam não pela composição do seu poder, mas pelo poder do seu contágio.*¹⁰⁸

O Escravo passa, portanto, a ser o agente de maior ação no mundo; é ele o resultado da degeneração do homem em relação à vida e, ao mesmo tempo, é a condição para se sustentar a moral escrava ao torná-la uma forte tendência para as gerações futuras. Essa é a consequência mais grave, a vitória (propriamente dita) da “*Rebelião Escrava do Ocidente*”. A fraqueza do Escravo, originária da moral por ele seguida, é a razão de existir da crítica nietzschiana contra essa moral. O núcleo da caracterização desse agente degenerado e a consistência da degeneração alavancada e também propiciada pelo Cristianismo serão tratados no tópico seguinte.

2.2 - Paulo: o precursor e o missionário; os Mártires

O Cristianismo tem uma relação, sim, com os períodos bíblicos anteriores ao seu advento. Segundo a sua doutrina, todos os tempos anteriores serviram

¹⁰⁸ Deleuze, Gilles. *Nietzsche*. Pág. 23. Edições 70. Obs.: Deleuze utiliza o verbo no presente, provavelmente querendo atribuir a necessidade de prorrogação da vitória, há muito tempo alcançada, da Rebelião Escrava do Ocidente. Faz-se necessária a continuidade do mesmo contágio, mesmo numa situação favorável ao tipo escravo, para que a moral degenerativa persista a degenerar os que seriam fortes se a posição da moral, em especial da moral cristã, não fosse a de vitória, por certo momentânea. Lembremos da concepção de mundo como um turbilhão de forças, como vontade de poder, assim, mesmo a vitória de uma condição, de um emblema, de uma diretriz moral a ser perpetuada, necessita ser a todo instante aguçada, reanimada, “gerenciada” pelos mesmos princípios para que a situação perdure. No entanto a utilização da citação se insere em um texto que se remete à luta entre Senhor e Escravo, travada no passado do Ocidente, quando o cristianismo tomou a dianteira na luta contra Roma e aos seus princípios morais de afirmação, de força. Ambos os tempos não diferenciam o único modo de contágio, pois, tanto em uma posição de manutenção quanto em uma situação de conquista, o processo orgânico é o mesmo, tomando-se unicamente em conta os indivíduos que sucumbiram às armadilhas da moral de escravo, afinal, os espíritos livres também são uma realidade na época de Nietzsche.

primeiramente para apresentar a figura do Pai, porém, mais do que isso, esse período, denominado Antigo Testamento, passa a ser visto como uma preparação para a vinda da próxima fase.

Segundo o Cristianismo, os tempos anteriores não se desassociam, integram-se, juntamente com a fase cristã, a um único plano, importante de ser visto assim (como uno), porque, mesmo havendo uma transformação na composição de Deus (de uno para depois se tornar tríade), o mesmo continuou sendo negador e muitos dos preceitos morais presentes na época em que o Pai ditava as regras e interferia diretamente na vida dos homens, por meio de seus profetas, foram aproveitados na moral seguinte, a do Filho.

*Os judeus – um povo nascido para a escravidão, como diz Tácito, e com ele todo o mundo antigo, “o povo eleito entre as nações”, como eles mesmos dizem e crêem – os judeus realizaram esse milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios – os seus profetas fundiram “rico”, “ateu”, “mau”, “violento” e “sensual” numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra “mundo”. Nessa inversão dos valores (onde cabe utilizar a palavra “pobre como sinônimo de santo e “amigo”) reside a importância do povo judeu: com ele começa a Rebelião Escrava da Moral.*¹⁰⁹

O Cristianismo, mesmo reformulando os acontecimentos bíblicos do Antigo Testamento, considerando-os como uma fase de preparação, herdou a negação do credo anterior, a do Deus Pai. Nietzsche, contudo, faz uma ressalva, quando une a concepção de um Deus, no caso Javé, aos momentos de grande euforia derivados do retorno, favorável, de todas as condições necessárias para a continuidade da vida, pois, aí, o povo se afirmava, ao ofertar a sua gratidão pelas dádivas naturais, como as conquistas e a chuva. Nesse momento, Javé era o reflexo de uma nítida aspiração voltada para o viver, mas isso, por fim, logo se

¹⁰⁹ ABM/JGB. Contribuição à História Natural da Moral, § 195, Pág. 95. Tradução de Paulo César de Souza.

esgotou, e os sacerdotes se incumbiram de tramar uma deturpação crucial: o conceito de Javé foi alterado para dimensões degenerativas, juízos morais foram criados e postos contra o valor da vida, de sua condição natural, centralizados em um Deus observador e pronto para castigar os desobedientes.

Daí para a frente, a interpretação cristã não destruiu esse atributo de negação da figura central, de seu conceito de Deus, mesmo admitindo uma modificação conceitual, ao considerar a fase anterior parte de um único plano e adaptando certos princípios à sua nova conceituação, tais como: a necessidade e a obrigatoriedade de obedecer aos mandamentos, a vida após a morte, o castigo eterno, a oração... - nem podia, pois Cristo teria de ser visto como o Filho de Deus.

E todo o zelo com o qual o Pai regravava a conduta dos hebreus, caracterizando-O como um Deus vigilante, observador e altamente rígido, foi, mais adiante, um fundamento propício para a vinda de seu Filho.

*Um Jesus Cristo era possível somente numa paisagem judia –quero dizer, numa em que pairasse continuamente a sombria e sublime nuvem da ira de Jeová. Somente aí o súbito e raro cintilar de um raio de sol, através da horrenda e contínua noite-dia universal, pôde ser visto como um milagre do “amor”, como um raio da “graça” não merecida. Somente aí Jesus pôde sonhar com seu arcoíris e a escada celestial em que Deus descia até os homens; em todos os outros lugares, o tempo claro e a luz do sol eram tidos como normais e cotidianos.*¹¹⁰

Muito embora Nietzsche chegue até a isentar de ressentimentos a figura do próprio Jesus, no que tange à sua intenção pessoal como anunciador de uma nova doutrina, é importante frisar a permanência desses mesmos princípios teológicos que seriam, logo em seguida, trabalhados sob o viés do ressentimento e da vingança pelo grande construtor do Cristianismo: Paulo.

¹¹⁰ FW/GC. III, § 137. Pág.154. Tradução de Paulo César de Souza.

*Jesus: quer que se creia nele e manda para o inferno quem quer que resista. Pobres, idiotas, doentes, mulheres vulgares incluindo prostitutas e canalhas, crianças – todos preferidos por ele: sente-se bem entre eles. A sensação de condenar tudo o que seja belo, rico, poderoso, o ódio contra quem ri. A bondade, com o seu contraste máximo em uma só alma: ele era o mais malvado de todos os seres humanos. Sem nenhuma equidade psicológica. A louca vaidade que tem o mais sutil prazer na humilhação.*¹¹¹

Dessa forma, o barro, com que o apóstolo de Tarso trabalhou, não foi, por assim dizer, eliminado, mesmo na época em que o *Messias* tomava a palavra em suas pregações, considerando que, em si, tais fundamentos, quando analisados em sua natureza, em sua consistência, chocam-se diretamente com uma concepção inocente e natural, *solta*, em considerar o curso dos acontecimentos, que são as forças e os *quanta* se manifestando em toda parte; basta fazer uma comparação com a mitologia grega. Correlacionada ao desprezo diante da vida e ao endosso dado aos fracos, invejosos e ressentidos, a moral de fortaleza se estilhaça com as palavras do *Messias*: *Jesus disse aos homens: amai a Deus como eu o amo, como filho dele: o que importa a moral a nós, filhos de Deus!*¹¹²

Foi Paulo quem criou a saga teológico-metafísica preponderante em todo o percurso do Ocidente, por ter sido o pilar central do Cristianismo, como uma vontade de poder por mais domínio: *Nietzsche põe assim em contraste o tipo de Jesus evangélico e o tipo de São Paulo, o fundador da Igreja. Para Nietzsche, o cristianismo é mais obra de São Paulo do que do Nazareno.*¹¹³

Depois da revelação que o fez aderir ao credo antes atacado com bastante fúria, Saulo, o profundo conhecedor da história teológica anterior ao Cristianismo, abraça os ensinamentos do novo mestre e tem a tarefa de

¹¹¹ NF/FP 25[156]. Primavera de 1884. In: *Fragmentos do Espólio*, Pág. 40

¹¹² NF/FP 68. Verão-outono e 1882. In: *Fragmentos do Espólio*, Pág. 75.

¹¹³ Flink, Eugen- *A Filosofia de Nietzsche*. Pág. 147

contextualizar, segundo os novos moldes de uma moral explicitamente de rebanho, a saga do povo hebreu. Era do interesse do apóstolo não dispensar, e sim valer-se da história anterior para utilizá-la como um fundamento para a sua existência, uma vez que Cristo se dizia *Filho* de Deus e o *Messias* (o enviado de Deus). Somado ao objetivo de contextualizar e reformular a doutrina, entra em cena, também, o pregador Paulo, o missionário.

No modo de vida do povo hebreu, imperava um selecionismo, pois a mensagem do Deus Pai se restringia a um seletivo grupo de pessoas. Com o Cristianismo, a relação de Deus com o homem, graças principalmente a Paulo, torna-se universal. O Apóstolo das Gentes quer aproximar todos de Deus, porque o próprio Pai resolveu fazer novo pacto com a humanidade e enviou o próprio Filho para ser o mensageiro dessa Boa Nova. Mas, segundo Nietzsche, se dependesse das pregações de Cristo, o Cristianismo seria apenas um credo bastante tímido, isto é, pouco ameaçador.

Foi, sem dúvida, Paulo o engenheiro que se incumbiu da missão de estender para o mundo (com toda a sua conceituação, isto é, com todos os seus fundamentos, como o plano de se tornar uma doutrina universal) o credo cristão, que, antes dele, era demasiado pequeno e restrito.

*O fato de que nela [a Bíblia] se acha também a história de uma das mais ambiciosas e insistentes almas, de um espírito supersticioso e astuto no mesmo grau, a história do apóstolo Paulo – quem sabe isso, à exceção de alguns eruditos? Mas sem essa notável história, sem os desconcertos e arrebatamento de um tal espírito, de uma alma tal, não haveria Cristianismo; mal saberíamos de uma pequena seita judia cujo mestre morreu na cruz.*¹¹⁴

E Paulo, como se não bastasse a tarefa de ser o grande legionário da doutrina do seu mestre, reinterpretou a seu modo os ensinamentos do Pregador das Montanhas, introduzindo, por exemplo, o conceito de alma, para assim

¹¹⁴ *AUM*, § 68, Pág. 52. Tradução de Paulo César de Souza.

atingir o objetivo, pretendido pelo Pai, de acolhimento universal à sua nova doutrina.¹¹⁵ A alma será um dos maiores pilares de sustentação da moral de rebanho, será um dos artifícios de relação entre os mundos.

Paulo seduziu o mundo para o que tão veementemente defendia. Foi graças a ele que o Cristianismo adquiriu força e poder para crescer e atingir o acolhimento universal do novo plano de Deus. Eis em Paulo, portanto, uma tríplice função: 1) a de enfatizar, novamente¹¹⁶, o período anterior, o do Pai, como uma preparação para a vinda do Filho; 2) a de expandir missionariamente a doutrina de Cristo; e 3) a de instituir a presença de uma autoridade em suas cartas, ao pregar e ao propagar os ensinamentos cristãos, adicionando o conceito de alma, pondo-se, dessa forma, à frente de uma vontade de poder, ávida por se expandir. Assim sendo, o corpo é totalmente repudiado por Paulo, torna-se um plano de possibilidades para o constante pecar, pois *sucumbir* ao corpo é desviar-se da disciplina que deve nortear a alma. A virtude do homem só se concretiza quando a vida é disciplinada contra as corrupções que o mundo, com seus prazeres, deleites e impulsos, oferece. Eleva-se a alma na medida em que o corpo e seus apetites são difamados, considerados impuros, logo, precisam, como a doutrina cristã nos ensina, ser contidos ao extremo, soterrados em sua

¹¹⁵ Ao fazer isso, Paulo, ao que parece, não quis modificar os princípios pregados por Cristo, uma vez que recebeu diretamente deste a *Revelação*, a incumbência para se tornar apóstolo e missionário, mas se observa, em suas atitudes, certa independência, um certo desvencilhamento - não com o intuito de negar, e sim com o de propagar- da doutrina apologética em relação ao conjunto de ensinamentos do próprio Cristo. Paulo, em suas pregações, parece usar de autonomia quando recomenda, não com o propósito de contrariar, e sim como um caminho para se executar a vontade de Deus, alastrar a sua mensagem para o plano universal.

Em certas passagens, Nietzsche se exime de críticas ferozes à própria pessoa de Cristo (rever Pág.58), mas convém lembrar que muitos dos princípios do Mestre, se não foram transmitidos com um propósito de negação intensa, feroz, os efeitos subsequentes, advindos desses princípios, teriam, mais para a frente e necessariamente, uma natureza profundamente negativa, uma vez que são os mesmos da época do Antigo Testamento e que seriam ainda trabalhados por Paulo, com certa independência. Tal independência também não nega completamente toda a lição do Antigo Testamento (nem poderia, porque, como foi dito, a proposta era se valer da fase anterior para validar a existência do credo cristão e a figura de Cristo como o Messias, a segunda pessoa da Santíssima Trindade).

¹¹⁶ O primeiro que enfatizou foi o próprio Cristo.

naturalidade e vistos como atributos malignos, de desvio do caminho que leva à salvação.

Juntamente com o desbravamento de Paulo, a morte dos mártires, nos tempos em que o Cristianismo adquiria poder, foi a grande força para que tudo o que era decadente, escravo, comum à plebe, enxergasse na nova doutrina a oportunidade de conquistar o mundo, de afirmar seus conceitos, pois foi dado incentivo ao seu comportamento débil. Incentivo levado a cabo por Paulo e depois pelo exemplo de rigidez com que muitos, para comprovar a verdade de Cristo e a sua fé, sacrificaram as suas vidas. Toma-se como exemplo a morte dos mártires, os quais se nortearam em vida (com bastante seriedade e disciplina) pela moral cristã e morreram de maneira cruel quando a sua fé se encontrava ameaçada.

*As mortes dos mártires, diga-se de passagem, foram uma calamidade na história: elas seduziram... A conclusão de todos os idiotas, incluindo as mulheres e o povo, e que deve haver algo numa causa pela qual alguém morreu (ou que até mesmo, como o cristianismo inicial, produz epidemias de ânsia de morte) – essa conclusão tornou-se um enorme entrave ao exame; ao espírito de exame e à cautela. Os mártires prejudicaram a verdade...*¹¹⁷

Os mártires foram os Cristos posteriores ao próprio Cristo e, como este último, não se negaram a morrer para a comoção geral de todos e para a conversão do maior número possível de pessoas. Afinal, ninguém duvidaria da mensagem propagada por eles se as suas vidas não fossem sacrificadas como prova da veracidade da fé em questão. Ainda mais, duvidariam, isso sim, se a morte viesse calmamente, e não de forma bárbara e extremamente violenta, como de fato foi.

Paulo e os mártires auxiliaram na construção do Ser que se tornaria um forte pilar do Ocidente, a dualidade entre mundos, revigoraram todas as

¹¹⁷ AC/AC, § 53. Pág. 64. Grifo meu. Tradução de Paulo César de Souza.

palavras e os ensinamentos de seus predecessores. Com isso, a dualidade metafísica, a predileção por um mundo que não este, foi implantada. A vida terrena foi lançada ao desprezo, deixou de ser considerada, quanto mais digna de relevância. A verdade de Platão e do cristianismo tornou-se a base dessa dualidade. Verdade entendida como mundo verdadeiro, mundo em que as formas mais *verídicas* da realidade primeira acabam por rebaixar as aspirações humanas, todo o potencial humano, a meros fenômenos, a cópias imperfeitas, sem sentido, indignas de serem exploradas em razão de um objetivo terreno e, por esse motivo, elevado. Ocorre, portanto, a diminuição de todas as aspirações humanas, tais como moral, política, Estado, artes, ciência, cultura, educação, à baixeza, pois a importância desses fatores não é reconhecida.

*Como vimos, o essencial da operação platônica consiste na instauração de um conceito objetivo de verdade - a verdade como ultrapassamento do simulacro e desvelamento das essências. Se, com isso, a verdade foi posta de "cabeça para baixo", então o avesso da verdade platônica consistirá precisamente na valorização positiva da aparência, dos véus, do disfarce, da sedução, das paixões, do corpo e do desejo – isto é, de tudo aquilo que, ao longo da tradição metafísica ocidental esteve associado com o feminino, com o perigoso, com a carne, as paixões, o mundo sensível!*¹¹⁸

Capítulo 3 - A Vitória do *Bom e Mau* (Gut und Böse)

3.1 – O Surgir do Ressentimento

Explicitou-se, nesta dissertação, o surgimento das sociedades primitivas pela incidência constante e extremamente intensa dos castigos. Tal processo

¹¹⁸ Giacóia, O – Nietzsche. Perspectivismo, Genealogia, Transvaloração. In Revista Cult, n^o 37. Pág. 49.

recebe a denominação de *Eticidade dos Costumes*. Os castigos e o derramamento de sangue estiveram associados ao modo de vida da humanidade por muitos séculos. Em plena fase de início das primitivas organizações sociais e a seguir quando já estavam constituídas e com as pilastras um tanto firmes, os castigos perduraram para que a vontade de zelo coletivo sobrepujasse os desvios individuais, a indiferença dos ainda alheios ao mundo à sua volta e aos que não firmavam os tratados comerciais, as promessas dos acordos de troca.

Proporcionalmente ao dano sofrido por parte de quem saía prejudicado nas negociatas, isto é, de quem não recebia o tanto que lhe era devido, o castigo recebia a mesma intensidade, suficiente para recobrar o orgulho sofrido. Os instintos dos feitores, portanto, afloravam, e o antigo animal-homem ressurgia com o seu gosto pela crueldade, pela violência. A reparação pelo dano material sofrido trazia enorme prazer, pois a vítima compensava o insucesso do acordo presenciando o sofrimento do caloteiro; o mesmo valia para quem desobedecesse às regras da sociedade, a ordem, que nada mais era do que a possibilidade para a continuidade dos acordos comerciais e para a condução da sociedade em seu modo de vida regrado por leis.

Assim, os instintos dos feitores dos primeiros homens, e igualmente de todos os participantes das *festas públicas de derramamento de sangue*, delimitaram-se a si mesmos em um processo temporal-gradativo de apaziguamento geral. Entretanto, por um lado, os castigos foram determinantes para um outro processo que também deixaria a sua marca, a sua resultante de apequenamento e de fraqueza, em caráter altamente consolidado, no Ocidente de Nietzsche. Tal fator corresponde ao outro lado: o do castigado, de quem amargurava as duras e rígidas penas do sistema coercitivo, da *Eticidade dos Costumes*. Assim, se por um viés, os instintos eram extravasados e construiriam um mundo de ordem geral, já pelo viés dos infratores, os mesmos instintos

foram interiorizados, e uma constituição do sujeito, não a da força, e sim a da fraqueza, assumiria o seu lugar no mundo.

Os infratores buscaram um meio para lidar com toda a amargura com que se depararam, e isso se constituiu em um exercício de auto mutilação. Todo o ressentimento contra os métodos de apaziguamento da sociedade, postos contra as inclinações individuais, enclausuraram-se dentro do próprio homem, naquilo denominado, por Nietzsche, de “seu mundo interior”: a má consciência alimentada por todo o enclausuramento interno de ressentimentos.

*Em sentido psicológico, a má consciência é constituída pela vontade de causar dano a si mesmo, de afligir-se de modo permanente e, dessa maneira, criar condições “subterrâneas” para a descarga dos impulsos hostis, cujo escoamento natural para fora do indivíduo, voltado contra os outros homens e o mundo externo, encontra-se agora inibido pela “camisa de força” da sociedade e da paz. Aqui se coloca, pois, o foco originário de surgimento da má consciência: a descarga interior, na forma de ressentimento, de uma crueldade represada, tornada latente.*¹¹⁹

Buscava-se atingir um estado de entorpecimento diante das adversidades, para que, então, se conseguisse dar continuidade ao viver, não por meio da saúde, do fortalecimento, possível quando se tem o esquecimento como arma para um engrandecimento subjetivo e fisiológico, mas, sim, de maneira a enclausurar, dentro de si, todo o dano sofrido, o que gerava a revolta contra a vida.

A figura do Escravo terá como característica básica esse fator de interiorização dos instintos, de todas as aflições, que ele não consegue transformar em obstáculos vencidos. Isso receberá as molduras da degenerescência moral de seu tempo, notoriamente cristã, pessimista, oriental. A natureza do Escravo será melhor explicitada no tópico seguinte.

¹¹⁹ Idem – “Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a Modernidade”, Pág. 60.

3.2 - A Figura do Escravo

Com características de uma figura movida pelo ressentimento, o Escravo é aquele que não tem estrutura para enfrentar os obstáculos da vida. Possui um sentimento de aversão aos acontecimentos frustrantes, principalmente quando é incapaz de esquecer os problemas infringidos contra ele pelo movimento comum da vida. Basicamente, o Escravo, quando envolto em uma difícil situação presente ou posterior a ela, deseja que o fato vivenciado jamais tivesse acontecido. Foge do fortalecimento ofertado, a todo momento, pela vida; nega a oportunidade de dar a sua contribuição para um mundo a ser regrado por uma vontade de poder, de afirmação: justamente a vontade de poder de Zaratustra. Suas fraqueza e amargura por não saber enfrentar e superar os problemas da vida se refletem em interpretar como uma calamidade todo o fato por ele não superado; e a vida, por se mostrar um campo de contínuas e inevitáveis adversidades, acua-o.

Intrinsecamente à sua interpretação da vida, tanto nos momentos difíceis quanto nos subsequentes, há (conceituando agora a noção de fraqueza) uma condição decadente, uma dor física e psicológica vinda do seu lamento e de sua incapacidade de superar os problemas, a ponto de ignorá-los, porque, se assim for, não surtirá o efeito de repudiar a vida, de desprezá-la, transpondo a Deus o encargo de reagir, tacitamente, para que o problema não se repita: *E bom é todo aquele que não ultraja, que a ninguém fere, que não ataca, que não acerta contas, que remete a Deus a Vingança, que se mantém na sombra como nós/...*¹²⁰

Quanto à reação de responder ao que vem de fora, aos ataques e aos problemas naturais da vida, dos quais ninguém está livre de ser atingido, a fraqueza sempre estará básica e principalmente relacionada à reação degenerativa do sentir, do reagir interno, e não tanto da ausência de responder

¹²⁰ GM/GMI, § 13. Pág. 37. Tradução de Paulo César de Souza.

de maneira prática, concreta, visto que isso não é condição para classificar obrigatoriamente a pessoa, ao reagir ou não, como escrava, mas é claro que, habitualmente e de acordo com as consequências oriundas da doutrina cristã e do modo de vida gerado disso, a resposta nunca é dada, justamente porque impera o poder das forças de fraqueza, reativas.

*As conseqüências disto são imensas: não podendo já agir uma reação, as forças ativas são privadas das suas condições materiais de exercício, já não têm ocasião para exercer a sua atividade, estão separadas daquilo que podem.*¹²¹

As forças ativas são impedidas pela constituição física do Escravo de se imporem, as *forças reativas imperam sobre as ativas porque furtam a sua ação*¹²²; assim, as forças hierarquicamente mais valiosas não se manifestam, e o corpo desse indivíduo é caracterizado, por Nietzsche, como doente, como alguém que não é Senhor, não é livre, porque é prisioneiro de forças hierarquicamente baixas. Em seu corpo existe a predominância de uma vontade de poder reativa, sendo que *baixo e vil designam o triunfo das forças reativas, a sua afinidade com o negativo, o seu peso ou gravidades*¹²³.

Falta-lhe o fundamental, o mais importante, aquilo que o Senhor, em contraposição, tem como bem valioso e instrumento constante para ser forte e não denegrir o valor da vida: o esquecimento.

O esquecimento é altamente valorizado por Nietzsche. Tomando-o por valioso, o valor da vida e a ânsia de viver não se reduzem; o esquecimento impossibilita a interiorização das forças ativas, mas o Escravo recorre a tudo o que é subterrâneo, “*!...!ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo*”¹²⁴, não é

¹²¹ Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Pág. 171. Existem diferentes interpretações sobre esse tópico de forças ativas e reativas. Privilegiaremos, aqui, a interpretação de Gilles Deleuze.

¹²² Idem. Ibidem. P.168.

¹²³ Idem. Ibidem. Pág. 195.

¹²⁴ *GM/GMI*, § 10. Pág. 30. Tradução de Paulo César de Souza.

uma pessoa desprendida, possível apenas sob influência do esquecimento, não há a felicidade consciente de valorizar a vida em todos os seus aspectos. A lembrança permanece na memória, a dor não é um estágio para ser superado, não é uma oportunidade para amar mais e mais a vida, e para propiciar o sentimento de vitória, o gozo da constatação de que um obstáculo foi vencido. Com essa análise em mente, o Cristianismo pode até, como intenção, querer resolver o problema, mas como é uma doutrina teológica que tem a instigação do ressentimento como um de seus pilares centrais, *.../ele alivia a dor na medida em que infecciona a chaga*¹²⁵, como bem ressalta Giacóia.

Observa-se uma ênfase na descrição do tipo ativo do Senhor, por parte de Nietzsche, em relação aos estados físicos de padecimento, às doenças. Quando se conhece a história de Nietzsche, a sua vida particular, é impossível desassociá-la de um percurso altamente familiar com a dor física. A dor física é uma forma de avaliar a força interna de uma pessoa, pois a vida não apenas se caracteriza pelo acaso, pelo curso dos acontecimentos, que não se furtam de infligir as suas “garras” contra todos, mas essa mesma natureza da vida pode deixar marcas impossíveis de serem ignoradas, como acontece com o padecimento físico, com a dor física. A dor física também precisa ser entendida como vida, afinal os seus efeitos não deixam de testar a avaliação do sujeito sobre as coisas, podendo-se constatar que sua vontade de vida pode se abalar ou ansiar pela melhora, pelo restabelecimento. A vida não é tão somente os estímulos externos, mas também significa a luta interior contra os sintomas físicos, contra as doenças, pois, dependendo de como a pessoa se coloca diante das dores, o seu viver, a ação humana, caminha para a direção correspondente. Ora, viver significa agir de um modo proporcional à interpretação que se tem da vida; assim, a dor física

¹²⁵ Giacóia, O. – *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a Modernidade*. Pág. 121. É importante frisar que a interpretação de Giles Deleuze sobre forças ativas e reativas não é aceita por Giacóia. E não pretendemos nos enveredar em explicações sobre as razões das divergências entre essas duas interpretações, já que ambos são intérpretes valiosos e seus conhecimentos são usados com afinco em toda a dissertação. Por isso, mesmo havendo discordância por parte de Giacóia quanto à conceituação deleuziana de forças ativas e reativas, a citação dele não precisa ser descartada, já que ela atribui um alto valor ao esquecimento, como ferramenta de defesa contra o ressentimento e seus males. E isso está claro na obra de Nietzsche, obtendo, conseqüentemente, aceitação consensual.

pode determinar a avaliação a respeito da vida; logo, o impasse interior também precisa ser visto como parte inseparável da vida, da ação, pois é uma condição para a ação.

A dor jamais será para a filosofia nietzschiana um empecilho à maneira do Escravo. Para o Escravo, a dor não é vista como uma oportunidade para sinalizar a presença da força ativa interior, porque, primeiramente, não há a predominância de forças ativas e, em consequência, os estímulos externos causam mais padecimento, mais lamentação e mais depreciação de tudo por parte do sofredor, que se vê dominado pelas forças reativas.

*Tem-se hoje a tendência para invocar a dor como argumento contra a existência; esta argumentação testemunha uma determinada maneira de pensar que nos é querida, uma maneira reativa.*¹²⁶

O tamanho do apego de Nietzsche pela vida e sua visão de força ativa são tão expressivos, que nem ele mesmo deixa de considerar o poder das forças do Escravo, de acordo, é claro, com um ponto de vista diferente. Até as forças reativas não deixam de fascinar Nietzsche, por representarem um novo começo, por serem um ponto de partida e também pela sua dimensão de poder.

*Reconhece-se uma ambivalência cara a Nietzsche: todas as forças cujo caráter ele denuncia como sendo reativo, algumas páginas ou algumas linhas adiante confessa que o fascina, que são sublimes pelo ponto de vista que nos abrem e pela inquietante vontade de poder que testemunham.*¹²⁷

Portanto o esquecimento possibilita o engrandecimento, a elevação. Ele torna a pessoa realmente ativa, no sentido de querer a expansão de suas formas mais nobres em atos, em conquistas, em prosseguir com o curso de sua vida sem

¹²⁶ Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Pág. 195.

¹²⁷ Idem. *Ibidem*. Pág. 101.

medo e sem receio de perecer, para, então, obter a felicidade dos fortes, de quem ama a vida do jeito como ela se apresenta.

*Concluir-se-á imediatamente que nenhuma felicidade, nenhuma serenidade, nenhuma esperança, nenhuma altivez, nenhum gozo do instante presente poderiam existir sem a faculdade de esquecimento.*¹²⁸

Mas o Escravo não deseja ser beneficiado pelo esquecimento, o seu estado doentio é tamanho que ele não conhece os benefícios de esquecer os problemas. O Escravo concebe os seus valores como fundamentais para a condução da vida, adotando para si toda uma condição mental e física contrária a ser forte o suficiente para superar os problemas. Graças ao Cristianismo, a intensidade máxima de sua fraqueza foi transformada em virtude, em um caminho para atingir o *Bem*. O Escravo faz o culto à obediência; obedece à vontade de Deus através de seus mandamentos, as antigas tábuas de Moisés, que são constantemente reafirmados pelo Cristianismo. Presta obediência em prol do *Bem*, definido como pura obediência ao *criador* do céu e da terra, que se preocupa com as suas *criaturas*, impondo a sua moral como instrumento para esse objetivo, conferindo à simples efetivação desse elo na vida privada e social das pessoas uma recompensa, um outro mundo, que são conquistados pela obediência oferecida, em vida, a Deus e aos seus mandamentos.

*Que significa “ordem moral do mundo”? Que existe de uma vez por todas uma vontade de Deus quanto ao que o homem tem e não tem; que o valor de um povo, de um indivíduo, a vontade de Deus mostra ser dominante, isto é, punitiva e recompensadora, segundo o grau de obediência.*¹²⁹

O cristão-escravo vive a todo momento sob o medo da doutrina que por tanto tempo lutou para difundir. Tais égides são propagadas em todas as

¹²⁸ Idem. Ibidem. Pág. 171.

¹²⁹ AC/AC, § 26. Pág.32. Tradução de Paulo César de Souza.

instâncias da sociedade, sobre a qual o Cristianismo exerce forte presença, assim como, e principalmente, sobre o imaginário das pessoas. O medo de violar as ordens de Deus é avassalador a quem projeta a sua existência para uma continuidade extramundana, que é metafísica no mesmo sentido da *validade* de suas bases *sagradas*. O medo do castigo eterno e a recompensa por uma vida de obediência são ensinados para as gerações mais novas: *a crença no caráter temível do “após morte” é antiga base do Cristianismo.*¹³⁰ Assim, os conceitos de inferno e de imortalidade da alma, como recompensa, são úteis para angariar fiéis, mas são crenças, a princípio, antagônicas entre si, por mostrarem dois caminhos diferentes: um, o da danação eterna; e o outro, da paz, também eterna, dos bons cordeiros ao lado do sumo pastor, do criador do Universo e de suas criaturas. Mas ambos possuem o mesmo objetivo de conquista de poder, de alastramento por mais e mais domínio.¹³¹

Moral é, primeiramente, um meio de conservar a comunidade e impedir sua ruína; depois é um certo meio de manter a comunidade numa certa altura e numa certa qualidade. Seus motivos são temor e esperança: e serão tanto mais rudes, vigorosos, grosseiros, quanto ainda for bastante forte a inclinação ao errado, unilateral, pessoal. Os mais horrendos meios de intimidação têm de ser aí empregados, enquanto outros mais suaves não surtirem efeito essa dupla espécie de conservação não puder ser alcançada de

¹³⁰ NF/FP 25 [388]. Primavera de 1884. In: *Fragmentos do Espólio*, Pág. 91

¹³¹ Nietzsche, em seu *Aurora*, diz que o conceito de inferno já estava presente na época do paganismo, na época de Roma, mas era um princípio pouco cultuado, não rivalizava com a identificação maciça e forte do homem romano e de seu politeísmo com a Terra. No mesmo livro, Nietzsche assinala que o Cristianismo, logo no seu começo, fortaleceu esses princípios no estágio de seu fenecimento. O importante é salientar que tais grupos, familiarizados com princípios metafísicos de pós-morte, não representavam ameaça para a sede de vida romana, senão a Roma conhecida por nós e utilizada por Nietzsche, como contraste, seria diferente. E essas pequenas seitas não faziam parte da saga teológica judaico-cristã; a maior influência, portanto, para a presença da crença no *pós-morte* e de inferno veio com o judaísmo. É possível que a existência desse aforismo sirva para apresentar a visão histórica de Nietzsche e, no máximo, atribuir a esses cultos ensombrecidos apenas uma ligeira influência – mínima para o primeiro instante da deflagração da Rebelião do Ocidente. §72 *Aurora*.

*outra forma (entre os meios mais fortes está invenção de um Além como um eterno Inferno). Nisso tem de haver martírios da alma e carrascos para eles.*¹³²

Reafirma-se, assim, que *Bom* para o Escravo é a tibieza interior e a moral degenerativa, frutos de uma doutrina que o levou à passividade. *Bom* para o Escravo, dentro dessa ótica, é querer uma vida sem problemas, sem dor, que não possa testá-lo em sua fortaleza (que nem sequer existe), porque ele mesmo não deseja o Ressentimento, apesar de se defrontar sempre com ele.

Assim, a incapacidade de dignificar a vida por não ser forte o bastante para aceitá-la e em seguida enfrentá-la, faz o Escravo concebê-la como um mal. E diante de uma moral como a cristã, ele preferirá sempre uma outra vida a esta (em que se encontra), e a louvará em decorrência de sua falha de não ser forte para superar as adversidades e de perpetuar, para o seu proveito, a fórmula de uma moral de afirmação.

Retomando, o modo de valoração do Escravo encontra-se em um mundo caracterizado pela vitória momentânea de sua própria figura comportamental antagônica. Assim sendo, temos, na figura do Escravo, o modo de valoração *Bom e Mau*.

Bom é o comportamento de adoção da moral de decadência, e *Mau*, num primeiro momento, significa (mais) a condenação de todos os contrários dessa moral: *Os Senhores*. E, assim como má é a vida, *Bom* também é o desejo de não se deparar com o seu estado natural. *Mau*, também, é a interpretação em relação à vida originária da inexistência de força na pessoa do Escravo, assumida como um fator *Bom* para si, para o seu *fortalecimento*, que, como foi explicitado, é deformado.

Ao contrário do Senhor, que não faz questão de se comparar a outrem para ditar os seus valores, o termo *Mau*, do Escravo, já mostra uma

¹³² MAIIIHHII, *O Andarilho e sua Sombra*. § 44. Pág. 193. Tradução Paulo César de Souza

aproximação de condenação à moral oposta, de afirmação, para legitimar e dar maior ênfase aos seus valores de decadência. E faz isso com o intuito de, num primeiro momento, adquirir força (trata-se aqui do começo da “*Rebelião Escrava da Moral*”) e, no outro, de encarar a vida e se colocar diante dela de acordo com o seu perfil de fraqueza, sobrepondo-se (e com isso descartando) à valoração afirmativa¹³³ e considerando, conseqüentemente, a vida como um mal, um fardo, um empecilho, e não a oportunidade de alcançar a felicidade, partindo de uma concepção afirmativa da existência. O Escravo é prisioneiro de seu ciúme, de sua inveja, de seu ódio aos que são alheios e indiferentes a esses mesmos sentimentos negativos. Esse comportamento de aprisionamento do Escravo se direciona aos indivíduos sedentos de vida, incluídos nesse grupo os aristocratas, a classe mais nobre e poderosa de um sistema social em que o *pathos* de distância, tanto social quanto comportamental, é um de seus alicerces mais fortes.

O Escravo não quer a coragem de desbravar a vida seguindo os instintos de afirmação dos antigos guerreiros. Ele não tem saúde para isso, sua condição fisiológica é doentia, não quer sentir o orgulho de se ver e de ser visto como forte, pois lhe falta a ânsia de viver, o gosto pelo sentimento da vitória. Tão logo a vida lhe mostra a sua face, eis que perece em seu primeiro obstáculo; assim, poucas são as condições para enfrentar os problemas vindouros, quanto mais querer a eterna repetição da vida.

Passa a idolatrar o que a experiência da morte pode propiciar; sua escapatória, oriunda de sua fraqueza e de sua antipatia perante o que a vida é, estende-se para outro mundo, vinga-se da vida ao cultuar a perspectiva da morte. O próprio desenrolar de suas ações assume, antecipa a morte vindoura, repudia o que é terreno em detrimento de uma vida *melhor*, no além. A moral

¹³³ Esses dois fatores coexistem em si, estão ligados, mas, no início, havia mais a comparação com os Senhores (Romanos), com o intuito de atingir o poder. Depois da vitória da Judeia, a depreciação da vida tomou destaque, por serem muito poucos os Senhores, os fortes.

cristã, pessimista, oriental, é exemplo da força da negação que chega ao denominador comum, a figura do Escravo, a qual serve para consolidar, em termos de uma vontade de poder, os seus próprios males degenerativo-fisiológicos.

3.3 - Uma Filosofia para o Porvir

O tempo de Nietzsche nada mais é do que a vitória da “*Rebelião Escrava da Moral*”, a vontade de poder cristã estabelecida. O homem é profundamente fraco, comum à debilidade de sua época, afinal é daí que a continuidade desse mundo é assegurada. Nietzsche diversas vezes afirma isso ao reconhecer o insucesso literário de suas obras, o desinteresse em ser, mais do que lido, alvo de meditação para um público mais abrangente.

*Mas seria completa contradição, se já hoje eu esperasse ouvidos e mãos para minhas verdades: que hoje não me ouçam, que hoje nada saibam receber de mim, é não só compreensível, parece-me até justo.*¹³⁴

Contra os alemães, Nietzsche sempre desferiu vários ataques em diversas oportunidades. Juntamente com a sua descrição negativa em relação ao que estava à sua volta, a crítica aos alemães serve como exemplo claro de toda a deterioração do mundo e nela se insere também toda a tradição dos filósofos alemães, descritos como pensadores falsários e não comprometidos em difundir uma moral de fortaleza e um mundo criado e gerido segundo esse critério.

A época e a Europa de Nietzsche são marcadas pelo niilismo, e, tal como está escrito logo no começo do tópico, a fraqueza é uma das marcas desse tempo, assim como uma espécie de morbidez em prosseguir com o curso da vida. Não é esperado mais nada da vida e todo o potencial para criar um mundo de afirmação, um mundo elevado, de “grande saúde”, não é aguçado. Não existe a

¹³⁴ EH/EH, Por que escrevo tão bons livros, § 1. Pág. 52. Tradução de Paulo César de Souza.

ânsia de criar nada contendo o mínimo valor, pois *Nihil no niilismo significa a negação como qualidade da vontade de poder*¹³⁵. O poder de empregar contornos ativos por meio de uma vontade de poder está sobrepujado pelo niilismo, mas jamais incapacitado, eliminado. Sua supremacia, contudo, é inquestionável.

*!...lo niilismo é o princípio de conservação de uma vida fraca, diminuída, reativa; a depreciação da vida, a negação da vida formam o princípio à sombra do qual a vida reativa se conserva, sobrevive, triunfa e se torna contagiosa.*¹³⁶

O niilismo, como sendo a caracterização de um mundo, é consequência tanto das doutrinas teológicas, com principal ênfase para o Cristianismo, quanto da queda dos valores metafísicos. A queda dos valores metafísicos ocorre pelo fim dos seus alicerces, que antes eram assegurados pela crença incondicional de sua validade, isto é, como realmente existentes e revestidos de uma aura de suma outorga, pois eram considerados sagrados.

A ciência foi uma das destruidoras dos princípios metafísicos. Mas a queda também foi resultado da degenerescência desses valores, que, como se viu, além de terem pretendido ser um elo entre mundos, entre criador e criatura, também assumiam uma intermediação moral que partia da debilidade fisiológica, da doença, afinal não estimulava o fortalecimento do homem em sua relação com a vida, dificultando, assim sendo, uma afinidade forte e consistente.

Nietzsche expôs o anúncio de que Deus está morto primeiramente em sua *Gaia Ciência*, e Zaratustra, para transformar o mundo, precisa ser o alastrador desse fato, para, então, atingir como efeito vindouro um mundo desprendido dos dogmas da tradicional metafísica.

¹³⁵ Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Pág. 222

¹³⁶ Idem. *Ibidem*. Pág.106.

Segundo Gilles Deleuze, a morte de Deus possui múltiplos significados: *na obra de Nietzsche, as versões para a morte de Deus são múltiplas, uma quinzena pelo menos, todas de uma grande beleza*¹³⁷, mas, no âmago da constatação nietzschiana, a morte de Deus refere-se à ruína desse Deus, por tanto tempo sustentado, unicamente, pela ação humana, porque, como o primeiro e mais importante dos alicerces sagrados, também ruiu com eles, daí a sua morte, pois não pode mais ser o fundamento de toda a moral, afinal *Deus é um pensamento que torna torto tudo o que é reto!*¹³⁸. Assim, a morte de Deus significa a morte do homem, o seu insucesso, a sua ruína por não ter sido capaz de resistir aos artifícios dessa fonte de fraqueza, pois se associou totalmente a ela, tornando-se, por assim dizer, parte de Deus e de sua moral de doença.

A falha desses valores, aparentemente reais para quem não tem o olhar aguçado, genealógico, gerou o clímax, o ápice da fraqueza, do absurdo da degenerescência, que é justamente o niilismo da época de Nietzsche, em que os pessimistas estão por toda a parte. Para Parmeggiani:

*É previa não a morte de Deus. Mas a morte do sujeito, enquanto representa as condições sob as quais se produz o acontecimento da desvalorização dos valores supremos./.../ Nossa época caracteriza-se pelo acontecimento da morte de Deus porque seu processo histórico é a nadificação da existência humana: o progressivo afloramento do nada que jazia latente na forma ocidental de vida. Marcada pelo cristianismo e pela moral, a vida ocidental foi sendo construída, com um ou outro desvio, na base de um permanente negar-se a si mesma as condições essenciais a toda forma vital... A expressão acabada desata auto negação vital - deste nada - é o Deus cristão e os valores que representa. Funcionavam como um plano de transcendência que garantia a assegurava essa forma vital completamente contraditória em si mesma.*¹³⁹

¹³⁷ Deleuze, Gilles. *Nietzsche*. Pág. 21. Edições 70.

¹³⁸ Za/ZA II, Nas Ilhas bem aventuradas. Pág. 100

¹³⁹ Parmeggiani, M. *Nietzsche: o pluralismo e a pós-modernidade*. In Cadernos Nietzsche, nº 16, Pág. 135. Grifo meu.

Ao mesmo tempo em que a morte de Deus denuncia o desmoronamento dos alicerces sagrados inerentes a Ele, Nietzsche também estende o alvo da sua crítica para os substitutos de Deus; aí está mais uma evidência de que o desprendimento de qualquer alicerce absoluto precisa se consolidar. Assim, a ciência, a razão, o materialismo grosseiro, o ateísmo, interpretados como verdades absolutas, não se afastam da crítica nietzschiana, por poderem se beneficiar de um posto que não sucumbiu juntamente com o seu último ocupante. A humanidade, para Nietzsche, manteve a sua implicância, ao impor um substituto, conforme Giacóia:

Segundo ele [Nietzsche], também os modernos lógicos e físicos mais rigorosos – ainda mesmo que professem o mais intransigente ateísmo e creiam na realidade da matéria – permanecem reféns de “ancestrais artigos de fé metafísicos”, que têm sua raiz na crença imemorial da unidade da “alma”, do “Eu”.¹⁴⁰

Mas a Europa já vê aparecer, ao mesmo tempo e sob novas perspectivas, um novo horizonte que mostra o seu brilho devido ao desmoronar das convicções.

Eu saúdo todos os sinais de que se aproxima uma época mais viril, guerreira, que voltará a honrar acima de tudo a valentia! Ela deve abrir caminho para uma época ainda superior e juntar as forças de que esta precisará – a época que levará heroísmo para o conhecimento e travará guerras em nome dos pensamentos e das consequências deles/...¹⁴¹

Ainda que Deus persista como uma força, essa mesma figura já não tem a força de outrora. Assim, a contestação à sua pessoa é inevitável, tanto que existem os *espíritos livres*, os indiferentes, os de certa forma alheios ao mundo decadente, pessoas já impregnadas pelo ar do porvir, tão preconizado por

¹⁴⁰ Giacóia, O - Nietzsche como psicólogo- Pág.49

¹⁴¹ *FW/GC*. IV, § 283. Pág. 192. Tradução de Paulo César de Souza.

Zaratustra - o anunciador da restituição do valor da vida para a figura a quem cabe ditá-lo: o além do homem. Para Giacóia:

*No mundo contemporâneo, com o aprofundamento e a máxima intensificação do niilismo europeu - portanto, a partir da experiência histórica da perda de consistência e força cogente por parte dos supremos valores cristãos – abrem-se novamente horizontes para uma repetição ímpar, para o resgate de uma alternativa cultural que corresponderia a um ultrapassamento dos mais sagrados ideais vividos até o presente.*¹⁴²

São, porém, pessoas que vivem em silêncio, recolhem-se ao isolamento, por representarem o começo e, ao mesmo tempo, por terem nascido antes do tempo do estabelecimento de uma época, de um momento, diferente, mas *Logo passará o tempo em que podiam se contentar de viver ocultos nas florestas, como cervos amedrontados! Enfim o conhecimento estenderá a mão para o que lhe é devido: - ele quererá dominar e possuir, e vocês juntamente com ele!*¹⁴³. O próprio Nietzsche se via, como foi explicitado acima, como um caso singular, um sinal dos tempos vindouros: *Tampouco é ainda o meu tempo, alguns nascem póstumos*¹⁴⁴.

Como fórmula de auxílio para a sua transvaloração dos valores, Nietzsche transmite uma noção que irá possibilitar a superação do niilismo e a afirmação incondicional da existência humana, valendo-se do *abrir de portas*¹⁴⁵, do vácuo deixado pela morte de Deus e do fim das perspectivas extramundanas, perpetuadas pela “*Rebelião Escrava da Moral*”: trata-se do pensamento do eterno retorno. O eterno retorno será o instrumento que auxiliará na transformação da época da decadência em uma situação de *grande saúde*, isto é,

¹⁴² Giacóia, O – *Moralidade e Memória: Dramas e Destino da Alma*. In *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a Modernidade*. Pág. 71.

¹⁴³ Idem, *Ibidem*.

¹⁴⁴ *EH/EH*, Por que escrevo tão bons livros, § 1. Pág. 52. Tradução de Paulo César de Souza.

¹⁴⁵ Obs.: Termo meu, o qual eu derivei da sequência: “/.../ abre para a alma todas as possíveis identidades/.../”, presente em Klossowski, P – *Nietzsche e o círculo vicioso*, Pág. 77, Ed. Pazulin.

os tipos da antiga humanidade se diferenciarão, em sua total singularidade, em seu percurso homogêneo, da situação decorrente. Assim, a primeira servirá como base de superação para o nascimento da segunda.

O niilismo, ao mesmo tempo em que corrói uns, é a oportunidade para a reviravolta em detrimento de outros, e a sua apropriação, por parte de um novo momento que se anuncia, não será para consumir ou estender os seus efeitos, as suas degenerescências niilistas, e sim um instrumento de mudança. O niilismo, aqui, não é mais senhor, não se apropria, é dominado, continua a ser uma “doença”, mas como *a gravidez é uma doença. A grande saúde é possível emergir sob essas condições, porque pressupõe o obstáculo mais difícil, visto como um poderoso estimulante. O caráter ativo emerge justamente quando as suas causas são aceitas e não mais indesejadas. Aceitam-se as causas em prol da mudança dos efeitos.*

A concepção circular, o que faz do eterno retorno uma provação atordoante, expõe a repetição como uma de suas características marcantes, ao mesmo tempo que destrói as esperanças de calma e de redenção da antiga metafísica. Para Klossowski, a concepção de ser, em Nietzsche, é aniquilada quando o eterno retorno vigora, pois *não só não determina a realidade, como também suspende esse princípio/.../*.¹⁴⁶

O homem que se deparar com esse pensamento poderá desejar a eterna repetição de suas alegrias, de seus feitos, de suas realizações e, principalmente, de suas dores, de suas vivências mais intensas, tais como as tragédias, pois estas, em momento algum, podem impedir de qualificar o curso da vida como inestimável e repleto de valor, pois são desafios a serem superados. Aliás, é nesses momentos que se toma consciência da força interna, de sua saúde, de quem não hesita em enfrentá-los; assim, a força plástica há de torná-los fatos

¹⁴⁶ Klossowski, P - Nietzsche e o círculo vicioso. Cap. Tentativa de uma experiência científica do eterno-retorno, Pág.125.

passados, superados, pois se convertem em vitórias e não impedem o júbilo de avaliar a vida como bem valioso.

Mas a natureza do eterno retorno não se prende unicamente ao instante primeiro de sua aparição, ela se desdobra. Assim, se num primeiro momento é um *eu* consciente que se depara com o pensamento abissal, pois *!.../somente aquele que sou agora pode querer essa necessidade da minha volta e de todos os acontecimentos que culminaram naquilo que sou – por isso, essa vontade supõe um sujeito*¹⁴⁷, em seu desdobramento, uma multiplicidade de *eus* se afirma para o trajeto de quem se depara com esse pensamento, afinal, o sujeito, quando no momento em que está sob o efeito do eterno retorno, perde-se de si, o que significa esquecer a sua existência atual, a sua consciência atual, o seu eu momentâneo, porque toma ciência de que foi vários outros e de que será muitos mais.

*Finalmente, Lou [Salomé] parece negligenciar totalmente o ponto crucial da revelação do Retorno: Ou seja, aquilo que preocupa Nietzsche, ao mesmo tempo, e que ele enuncia quase como um corolário da sua doutrina, é a necessidade para o indivíduo de reviver numa série de individualidades diferentes. Daí a riqueza do retorno: querer ser outro diferente do que se é para se tornar aquele que se é. É preciso uma individualidade para ser lúcido. Só a experiência da identidade própria pode se expandir numa lucidez capaz de conceber a ultrapassagem da identidade, logo, a sua perda.*¹⁴⁸

Aceitar o pensamento do eterno retorno é aceitar a própria vida em seu caráter natural, o qual se encarrega de impor problemas que não de se tornar desafios e, posteriormente, vitórias. O eterno retorno, portanto, é um pensamento circular, de destituição do indivíduo em seu momento presente, de despojamento, e essa consistência salienta o fato de poder ser um sinal do alto grau de aceitação da vida, isto é, aceitar o eterno retorno é aceitar um modo de interpretação que sinaliza uma vida formada a partir de uma boa constituição

¹⁴⁷ Idem. Ibidem. Cap. A experiência do eterno- retorno, Pág.77.

¹⁴⁸ Idem. Ibidem. Cap. Tentativa de uma experiência científica do eterno retorno, Pág.120.

fisiológica, porque sua natureza deixa clara a constatação realista de que a vida é um campo de intermináveis conflitos e problemas a serem vistos como desafios, e não como lástimas.

É preciso uma alta tonalidade para aceitar a perda da individualidade no momento em que o segredo é revelado, somente assim o sujeito pode aguentar o peso da eternidade, o peso de ter sido muitos e de que será infinitos outros.

A alta tonalidade é a afirmação da existência por parte do próprio sujeito, o dizer sim à vida, a grande saúde como força:

*“Efetivamente, esse exato momento em que me foi revelada a necessidade do movimento circular se apresenta, na minha vida, como se nunca tivesse existido antes! Foi preciso a hohe Stimmung, a alta tonalidade da minha alma, para que eu saiba e sinta necessidade de que todas as coisas voltem.”*¹⁴⁹

Fica evidente, também, a impossibilidade, quando se vive a experiência do eterno-retorno, como o fez Nietzsche, de ficar alheio diante do aspecto conflituoso da vida, independentemente de quem seja e, em consequência disso, de como se comporte diante de sua natureza imutável, ainda mais quando se terá de experimentá-la infinitas vezes. Mesmo que se queira uma vida plácida e sem conflitos, como defendem os antigos estoicos e todos os fracos, vive-se nessa vida e, inevitavelmente, se experimenta o seu *sabor*, mas esse *sabor* possui duas variantes distintas: a do forte e a do fraco, e essas duas tonalidades igualmente se expressam quando há o conhecimento da eterna repetição da vida.

A força ativa, a alta tonalidade, vence com louvor a provação de aceitar o eterno retorno no momento de seu advento, de sua primeira aparição, quanto mais em seu desdobramento, e o que se tem é a confirmação da força, que sobreviveu ao primeiro momento e ao estágio seguinte; e a continuidade dessa

¹⁴⁹ Idem. Ibidem. Cap. A Experiência do Eterno Retorno, Pág.79.

mesma força, dessa alta tonalidade que, de tão forte, ansiará pela repetição da experiência do eterno retorno e, paralelamente, por mais sede de vida.

*Se a metamorfose do indivíduo é a lei do círculo vicioso [eterno-retorno], como se pode querê-la? A revelação do círculo, de repente, torna-se consciente: permanecer nessa no consciência é suficiente para viver de acordo com a necessidade do círculo: querer de novo esta mesma experiência (o instante em que somos aquele que é iniciado no segredo do círculo vicioso) supõe que já percorremos todas as experiências que poderiam ser vividas: precisamos, portanto, de todas as experiências prévias a esse instante que privilegia uma existência entre mil, assim como de todas aquelas que se seguirão. Querer de novo todas as experiências, querer de novo todos os atos possíveis, todas as felicidades e todos os sofrimentos possíveis/.../*¹⁵⁰

Como princípio de força e de aceitação plena da vida, o eterno retorno é subsequente à tomada de consciência do niilismo europeu, põe-se como uma atitude de aceitação ativa desse fato, que não deixa, quando não se segue os caminhos do eterno-retorno, de desestabilizar o homem em suas aspirações criativas, em seu poder de criação de novas perspectivas originárias da grande saúde fisiológica, afinal não são todos que possuem uma alta tonalidade, ainda mais quando o que impera é o niilismo. Mas Zaratustra é, antes de mais nada, o mestre do eterno-retorno¹⁵¹, assim sendo, teme Zaratustra a repetição de seus sofrimentos e lutas, de suas penas e superações? Não! Zaratustra é também o portador do sofrimento. Teme a falta de sentido? Não!¹⁵² O temor compete a outro.

Em seu *Zaratustra*, há um impasse entre o personagem que dá nome ao livro e o representante do niilismo reativo, aquele para quem a morte dos valores supremos não significa a abertura de novas perspectivas, para quem a vida continua sendo tédio e fastio, lamentação e ânsia pela morte, fraqueza e

¹⁵⁰ Idem. Ibidem, Pág.91.

¹⁵¹ Salauarda, J., cadernos Nietzsche 2, p. 20, 1997

¹⁵² Idem. Ibidem, p. 30, 1997.

atavismo em estipular um sentido terreno, de profunda afirmação da vida, para o que está além de todo além: o Anão. De acordo com Salaquarda, há um impasse, porque ao Anão *o pensamento do curso circular certamente também lhe é familiar.*¹⁵³

*O arqui-inimigo de Zaratustra conhece e afirma o pensamento do círculo, mas não ama a vida. Anseia por deixar de existir e ensina, como Schopenhauer, a possibilidade de extinguir-se no nada. Preconiza o pensamento do retorno, para que se quebre a vontade de viver nos “otimistas” tolos e “doidos”. O radicalizado pensamento do retorno de Zaratustra, que também veda a saída no nada, é insuportável para ele.*¹⁵⁴

Zaratustra, ao contrário do Anão, afirma, radicalmente, o pensamento do eterno retorno e *essa radicalização acerta na medula o “pessimismo fraco” do anão*¹⁵⁵, pois, ao contrário dos pessimistas, dos cansados e reativos, o pensamento do eterno-retorno, quando aceito, favorece o extravasamento das forças ativas. O foco torna a aceitação da repetição do tempo como condição plena da vida, reduzindo as escapatórias metafísicas, a condição de fraqueza e o mundo niilista reativo a possibilidades mínimas e até insignificantes, para Gilles Deleuze:

*O que é que acontece quando a vontade de nada se relaciona com o eterno retorno? É apenas aí que ela desmancha a sua aliança com as forças reativas. É apenas o eterno retorno que faz do niilismo um niilismo completo, na medida em que faz da negação uma negação das próprias forças reativas. O niilismo, pelo e no eterno retorno, já não se exprime como a conservação e a vitória dos fracos, mas como a destruição dos fracos, a sua auto destruição.*¹⁵⁶

Zaratustra, contudo, se preocupa, pois sabe que o Anão não é um caso à parte; de fato, o Anão conhece o pensamento do eterno retorno e o seu

¹⁵³ Idem. Ibidem, p. 27, 1997.

¹⁵⁴ Idem. Ibidem, p. 28, 1997.

¹⁵⁵ Idem, Ibidem

¹⁵⁶ Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Pág. 106

significado de poder ser uma fonte para mais e mais vida, mas ele não consegue dar o passo adiante, não é forte o bastante para isso, e essa fraqueza, por não ser uma simples recusa, demonstra a insuficiência de o eterno retorno ser um fator determinante para um cessar do jogo das vontades de poder que se digladiam entre si, em um mundo concebido como jogo entre forças e *quanta* de poder. O Anão, o representante do niilismo passivo, é o símbolo da nadificação da existência, erguida quando se tem uma vontade de poder por trás; no caso, é Schopenhauer, o célebre pessimista, quem está sendo criticado por Nietzsche.

Até mesmo o eterno retorno pode servir como instrumento para a deturpação da vida, porque, se a vida já era denegrida e repudiada com veemência pelos niilistas platônicos, cristãos, budistas, ateus e schopenhaurianos, a intensificação da vida através do eterno retorno também intensificará proporcionalmente os argumentos de quem não aceita o eterno retorno, de quem não ama a vida.

O eterno-retorno, apesar de ser um conceito-chave, não há de livrar a possibilidade de emersão de uma nova vontade de poder negativa e de seu mundo correspondente. E, ainda que alcance, segundo as intenções e os desejos de Nietzsche, um grau de presença muito grande, mas sempre se mantendo, o máximo possível, distante da sua cristalização, da sua divinização, a luta entre vontades de poder antagônicas, oriundas da atividade humana e, antes disso, da saúde ou da fraqueza, persistirá ininterruptamente.

A plebe jamais deixará de existir e de almejar o poder, a moral do *Bom e Mau* jamais se extinguirá, porque a doença fisiológica sempre estará viva em indivíduos fracos e contrariados com os estímulos da vida recebidos. Assim, o *Bom e Mau* poderá sair de sua presença de encapsulamento, de acramento, e reconquistar o mundo. O texto de Salazar mostra que a impossibilidade de extinguir esse lado da luta é interpretada até mesmo como um fardo para Zarathustra, o persistente advogado da vida.

A “serpente do niilismo” rastejou para dentro de sua garganta; com a mordida, ele a venceu. Quando repetimos a sua expressão “serpente do niilismo” sem exame, corremos o risco de deixar escapar a nuance decisiva. Trata-se, por certo, de uma forma do desespero niilista à realidade, mas ela não se ilumina sob os aspectos que tornam o eterno retorno insuportável para o anão, a saber, o sofrimento e a ausência de um sentido superior./.../ O radicalizado pensamento do retorno, uma vez que impede a esperança de que o homem da plebe possa ser superado, é terrível para ele tanto antes quanto depois.

157

Mas Zaratustra tem esperanças pelo surgimento do além do homem, isso lhe dá mais forças para tornar o seu niilismo ativo e não reativo.

O além do homem significa um novo sujeito, beneficiado pela demarcação que o eterno retorno lhe proporcionará, e, paralelamente a isso, não será o sujeito da convicção cega, um asno, tampouco se trata de uma continuidade do tipo Senhor e do seu grau de incompletude. O Senhor, ou os homens superiores, ainda estão presos e, por essa razão, associados ao mundo de fraquezas. São diferentes, é verdade, do modelo mais negativo, o Escravo, mas se integram, também, ao humano.

O além do homem será alguém provido de astúcia para não sucumbir perante toda a espécie de convicção, diferentemente do comportamento típico e característico da plebe. Também significará o rompimento com as ideias e os costumes de nivelamento, de democratização, pois, como nos mostram os casos mais felizes, mais desvencilhados do poder da multidão, o seu *pathos de distância* é pressuposto para a criação de um mundo elevado, porque significa liberdade, desprendimento, diferentemente do olhar invejoso, doentio da moral do *Bom e Mau*, da moral plebeia, e uma vez que “*toda elevação do tipo ‘homem’ foi, até o momento, ora de uma sociedade aristocrática – e assim será sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala de hierarquias e diferenças de valor entre um e outro homem, e que necessita da escravidão em algum sentido. Sem o*

¹⁵⁷ Salaquarda, J., cadernos Nietzsche 2, Pág. 30, 1997.

pathos da distância, tal como nasce da entranhada diferença entre as classes, do constante olhar altivo da casta dominante sobre os súditos e instrumentos, e do seu igualmente constante exercício em obedecer e comandar, manter abaixo e ao longe, não poderia nascer aquele outro pathos ainda mais misterioso, o desejo de sempre aumentar a distância no interior da própria alma, a elaboração de estados sempre mais elevados, mais raros, remotos, amplos, abrangentes, em suma, a elevação do tipo “homem”, a contínua “autossuperação do homem”, para usar uma fórmula moral num sentido supramoral”¹⁵⁸.

O ócio é necessário para que a extrema justificativa da aristocracia jorre facilmente. É, portanto, uma condição imprescindível, que favorece o *pathos de distância* e a avaliação de si como fonte de todo sentido digno e elevado. O além do homem, como o aristocrata que há de ser, irá se enxergar como diferente, como exceção, como alguém que há de atribuir o sentido elevado e de extrema afirmação da vida. Ele não se diminuirá em favor da maioria e toda a sua potencialidade estará livre para exercer o seu caminho: o de alcançar a conquista do mundo e de se alastrar, sempre, por mais domínio. Como acontece com toda a aristocracia, o além do homem pertencerá a um grupo pequeno e seletivo. É uma das características de pertencer a um grupo assim é a circunstância que se cria para postergar, para as gerações futuras, os seus mesmos atributos de definição, como é o caso de sua moral e suas qualidades e de suas virtudes. Tratar-se-á de um espaço fechado, como o *pathos de distância* determina, constituindo-se como uma realidade em separado, à parte, familiar a quem nascer dentro dessas circunstâncias, diferenciadas do comum, da plebe. O além do homem será o herdeiro do seu mundo, da sua gente, de sua categoria, de sua educação refinada e terá de manter esses mesmos alicerces herdados para que os vindouros possam desfrutar deles também.

Com isso, Zaratustra não se atém às possibilidades de seus adversários, não se intimida, por assim dizer, afinal, sabe que tem boas armas para, dentro

¹⁵⁸ ABM/JGB. O que é nobre, § 257, Pág. 169. Tradução de Paulo César de Souza.

da incessante luta, se contrapor; no caso, são todos os seus ataques à moral degenerativa, tanto em seus efeitos quanto em seus alicerces *sagrados*.

Portanto, em grande parte, a filosofia de Nietzsche, concebida como uma vontade de poder posicionada contra as verdades *fixas, eternas, imutáveis* e, por essa razão, tidas como *indestrutíveis*, serve, igualmente, para dar o impulso adiante, sem se concentrar apenas em criticar o presente. Se, antes de tudo, a sua possibilidade, como uma vontade de poder, já era pressuposta em uma concepção de mundo regido pelo jogo contínuo de forças, de *quanta* e, em complemento a estas últimas, de vontades de poder, a presença da perspectiva seguinte ao desmoronamento da metafísica, em especial da figura de Deus, torna a sua tarefa mais maleável. Segundo Giacóia:

*Afirmar o caráter perspectivo de todo conhecimento implica dizer que nosso aparelho cognitivo não pode ter acesso às cópias em si mesmas, que a sua atividade está necessariamente condicionada por formas e categorias estruturantes, que configuram toda realidade como fenomênica, isto é, tal como aparece para nós, sob as condições subjetivas desse mesmo quadro categorial.*¹⁵⁹

A afirmação de que *Deus está morto*, proveniente da constatação da mesma, facilita a *Umwertung*, fornece mais chances para a derrubada do mundo de fraqueza, em prol de um mundo de força, de afirmação, esbelto, sem qualquer tipo de amarras metafísicas, um mundo inocente, circunscrito apenas à sua própria zona de atuação, somente possível quando se transforma a vida niilista em um estímulo para mais vida, a partir do encontro entre niilismo e eterno retorno. O resultado é a compressão das forças reativas e a supremacia da força: *A negação ativa é o estado dos espíritos fortes que destroem o reativo em si, submetendo-o à prova do eterno retorno, e submetendo a si próprios a esta prova, livres de querer o seu declínio/.../*¹⁶⁰

¹⁵⁹ Giacóia, O – Nietzsche. Perspectivismo, Genealogia, Transvaloração. In Revista 'Cult, nº 37.

Pág. 50.

¹⁶⁰ Deleuze, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Pág. 107.

Enfim, um espaço no qual Zaratustra poderá retornar para seus companheiros, sem estar por cima deles, sem ser um ídolo, uma figura mítica e transcendente. Nietzsche não quer propiciar a mínima chance para qualquer distorção dos propósitos de seu personagem ao confundi-los com pregações de uma doutrina, a exemplo de Cristo, dos apóstolos, dos mártires... De fato, Zaratustra possui uma missão, mas esta se diferencia totalmente das de um profeta tal como a tradição teológica judaico-cristã fez ao longo da história do Ocidente. Zaratustra quer um mundo indiferente às amarras da metafísica e semeia a esperança em vista desse fim. Como bem diz Deleuze:

*Deve-se ter esperança de que o ser humano se eleve tão alto que, para ele, todas as coisas tradicionalmente supremas, p. ex., a crença tradicional em Deus, apareçam como infantis-crianças e comovedoras, sim, que mais uma vez ele faça como fez com todos os mitos, ou seja, transforme tudo em histórias infantis e contos de fadas.*¹⁶¹

O mundo de Zaratustra é o mundo da vontade de poder e nada além disso; novamente, o caráter de ser ontológico da realidade precisa ser soterrado, e o que se terá é o mundo conduzido pela força ou pela fraqueza.

¹⁶¹ NF/FP 39[17]. Agosto-setembro de 1885. In: *Fragmentos do Espólio*, p. 542.

Conclusão:

Viu-se que Nietzsche concebe o mundo como movimento, um mundo conduzido de acordo com princípios morais, os quais estabelecem seus domínios de uma forma preponderante, pois anseiam pelo poder, anseiam por mais domínio, por mais adesão, por mais acolhimento de suas interpretações por parte de quem há de considerá-los valiosos para si e para os outros.

Mas a vontade de poder que predomina é aquela resultante da vitória da “*Rebelião Escrava da Moral*”, travada ao longo da história do Ocidente entre valores de afirmação e valores de negação; este último grupo é representado, com maior afinco, pelo Cristianismo, e o primeiro, oriundo dos instintos de afirmação do antigo animal-homem, presente, ainda, nas primeiras civilizações e em casos isolados, constatados na história. Combater o Cristianismo é abrir caminho para o além do homem, um ser forte em conduzir a sua vida sem se abalar com a condição de viver em um interminável palco de desafios e de problemáticas. Combater o Cristianismo é querer alçar voo para um porvir elevado, de força, de paixão pela vida, tendo como base a saúde de instintos sadios, e não a morbidez, a fraqueza, o cansaço, o repúdio à vida, subsequentes de uma moral de ressentimentos.

O *querer* do filósofo alemão, concebido como uma vontade de poder que visa uma mudança do mundo, não agride a finalidade da moral em seu caráter de intermediar a condução do homem diante da vida; quando se fala em elevação do homem, tal propósito só se torna cabível quando se admite a existência de uma moral que sustente os edifícios do mundo a ser construído e apto a receber a faceta correspondente ao formato de seus princípios morais correspondentes.

Em momento algum Nietzsche defende a suspensão de uma moral, proveniente da saúde, como pretendendo o total aniquilamento de sua

necessidade. A crítica ao Cristianismo é o ataque ao *Bom e Mau*, é o desejo de seu sucumbimento, de todo o seu olhar de inveja e de repúdio que tomou as rédeas do mundo, quando venceu a forma de valorizar do *Bom e Ruim*, tendo Platão, Paulo, os mártires da igreja e Lutero como seus condutores. O *Bom e Mau* é a aspiração máxima do humano, do que tem de ser superado. Nietzsche retrocede até o começo de quando o homem nem sequer era tido como tal, para explicar o movimento de deturpação da vida por meio da vitória da doença sobre a saúde: *E conta-se o tempo a partir do dies nefastus com que se iniciou semelhante destino – a partir do primeiro dia do Cristianismo! Porque não antes a partir do seu último dia? A partir de hoje ? – Transmutação de todos os valores!...*

Bibliografia:

1. Nietzsche, F. – *Genealogia da Moral*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2003.
2. _____ - *Aurora*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2004.
3. _____ - *Gaia Ciência*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2002.
4. _____ - *Ecce Homo*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2003.
5. _____ - *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2003.
6. _____ - *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2003.
7. _____ - *Humano, Demasiado Humano II*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2008.
8. _____ - *Além do Bem e do Mal*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2003.
9. _____ - *O Caso Wagner*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2003.
10. _____ - *Nietzsche contra Wagner*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2003.
11. _____ - *O Anticristo*. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Paulo César de Souza, 2007.

12. _____ - *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Lisboa, Edições 70, tradução de Maria Inês Vieira de Andrade, 2003.

13. _____ - *Crepúsculo dos Ídolos*. Lisboa, Edições 70, tradução Artur Morão, 2003.

14. _____ - *Assim falou Zaratustra - um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

15. Diversos Autores – *Nietzsche na Alemanha*. Editora Unijuí, São Paulo, 2005.

Bibliografia Complementar:

17. Suffrin, P H - *O Zaratustra de Nietzsche*. Rio de Janeiro, tradução Lucy Magalhães, 1999.

18. Giacóia Jr, O – *O Grande Experimento sobre a Oposição entre Eticidade e Autonomia em Nietzsche*. in Revista Transformação, UNESP, Vol. 12, SP, 1998.

19. _____, - *Labirintos da Alma – Nietzsche e a Auto-Supressão da Moral*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

20. _____, - “*Nietzsche , Filósofo da Cultura*”. In: Um Passado Revisitado. Org. por Salma Muchail, São Paulo, Educ, 1992.

21. _____, “*O Conceito de Pulsão em Nietzsche*”. In: As pulsões, São Paulo, Editora Escuta?EDUC, 1995. pp.79 a 96.

22. _____, - *Nietzsche*. PubliFolha, São Paulo, 2000.

23. _____, *Sonhos e Pesadelos da Razão Esclarecida: Nietzsche e a Modernidade*. Editora EPUF, Passo Fundo, 2005.

24. Frazzatti Junior, Wilson - *A Fisiologia de Nietzsche - a superação da dualidade cultura/biologia*. Editora Unijuí, Ijuí, 2006.

25. Magnus, B & Higgins, K.- *The Cambridge Companion to Nietzsche*. Cambridge Press, 1996.

26. Kaufmann, Walter - *NIETZSCHE, PHILOSOPHER, PSYCHOLOGIST, ANTICHRIST*. Princeton University, 4ª edição, 1975.
27. Paschoal, Antonio - *A Dinâmica da Vontade de Poder como Proposição Moral nos Escritos de Nietzsche*, Tese de Doutorado, Unicamp, 1999.
28. Müller-Lauter, Wolfgang - *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*, tradução de Oswaldo Giacóia Jr, Editora Annablume, São Paulo, 1993.
29. Foucault, Michel, *Microfísica do Poder*, Ed. Graal, 24ª Edição, Rio de Janeiro, 1990, Nietzsche, a Genealogia e a História, II, III, P.20)
30. _____, *A verdade e as Formas Jurídicas*, Ed. Nau, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1999, Conferência I, P.14)
31. Itaparica, André Luis Mota – *Nietzsche: Estilo e Moral*. Editora Discurso, 2002.
32. Fernandes, Rodrigo Rosas - *Nietzsche, o Castigo e a Gênese da Moral*. Tese de Mestrado da PUC-SP, 1996.
33. Barreta, João P. F. – *O Conceito de Linguagem em Nietzsche e suas Consequências*. Tese de Mestrado da PUC-SP, 2001.
34. Barros, Osmar F. de – *Do Fluxo ao Movimento heraclítico (Intuição e Argumentação)*. Tese de Mestrado da PUC-SP, 2002.
35. Badiou, Alan – *São Paulo*. Boitempo Editorial, São Paulo, 2009.
36. Barbuy, Belkis Silveira - *Nietzsche e o Cristianismo*. Tese de Doutorado da PUC-SP, 1973.
37. Sousa, Mauro Araujo de – *Nietzsche Asceta*. Tese de Doutorado da PUC-SP
38. Klossowski, Pierre – *Nietzsche e o Círculo Vicioso*. Ed. Pazulin, Rio de Janeiro, 2000.

Bibliografia Secundária:

1. Kant, I. – *Crítica da Razão Pura*. Fundação Calouste Gulbenkian. 5ª Edição, Tradução de Manuela Pintgo dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa, 2001.
2. _____,- *Crítica da Razão Prática*. São Paulo, Martins Fontes, Tradução de Valério Rhoden.
3. Agostinho, Santo, - Coleção “*Os Pensadores*”, Editora Nova Cultural, São Paulo, 2000.
4. Gilson, Étienne, - *Introdução ao Pensamento de Santo Agostinho*, Editora Paulus, 2006.
5. Bíblia Sagrada. Tradução dos Originais mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 57ª Edição. Editora “Ave Maria”, São Paulo, 1987.